



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

**Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem:  
Um Estudo na Escola Esther da Silva Virgolino**

Jovelina Barros dos Santos

Dissertação apresentada para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências da Educação – Área de Especialização em Ciências da  
Educação

Orientadora: Professora Doutora Marília Cid

Évora 2011



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

**Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem:  
Um Estudo na Escola Esther da Silva Virgolino**

Jovelina Barros dos Santos



185708

Orientadora: Professora Doutora Marília Cid

Évora 2011

## **AGRADECIMENTOS**

*A DEUS, por estar sempre presente nos momentos mais difíceis de minha vida.*

*Ao meu pai Raimundo Pires e minha mãe Maria Joana pela força e esperança nos dias difíceis de aflição e angústia.*

*Ao meu esposo José Gonçalves pelo apoio incondicional nos momentos de produção e pela aceitação nos momentos de separação temporária para que eu pudesse finalizar esta pesquisa.*

*Ao meu filho pelo por ser motivo de força, dedicação e persistência nos momentos complicados.*

*Aos meus irmãos Orlando, Adelson, Gilvandro e Gilberto que sempre estavam disponíveis para ajudar.*

*Aos Professores que contribuíram com seus conhecimentos e experiências.*

*A Professora Marília Cid, pelo apoio na orientação da tese, que mesmo distante procurou proporcionar uma relação afetiva na elaboração da dissertação.*

*Aos colegas de turma, Maria Anderly, Edna Rildete, Izabel e Adriana pela força nos momentos de aflição.*

*A todos os profissionais da Escola Esther da Silva Virgolino ,professores, coordenadores,pessoal da limpeza, principalmente a Gestora Arlene Favacho, que em nenhum momento se negou em me ajudar.*

## ***DEDICATORIA***

*A Deus, por ser o pai salvador de todos nos.*

*Aos meus pais Raimundo e Maria pelo apoio*

*Ao meu esposo José pelo incentivo, ajuda e  
compreensão nos momentos álgidos...*

*Ao meu filho Marcus Vinícius que é a razão  
da minha vida.*

***Consciente Poeta***  
*é leitura é a coerência para  
aprimorar seus conhecimentos.*

*Profº JC*

*O conhecimento é, pois, uma  
aventura incerta que comporta em  
si mesma, permanentemente, o  
risco de ilusão e de erro.*

Edgard Morin

## RESUMO

As mudanças que ocorrem na Educação se fazem necessárias, em virtude de toda transformação social. Precisamos cada vez mais estar conectados com as mudanças atuais da área em que atuamos para melhor crescimento individual, interpessoal e profissional. Dentro dessa perspectiva o presente estudo teve como objectivo geral: investigar as formas e instrumentos de avaliação desenvolvidos pelos professores do 3º ano, do ensino médio da escola estadual Ester da Silva Virgolino; e como objectivos específicos: pesquisar a importância das Formas e Instrumentos de Avaliação na aprendizagem dos alunos da referida escola, assim como identificar quais as principais formas e instrumentos de avaliação utilizados pelos professores dentro das suas metodologias de ensino e sua influência na aprendizagem dos alunos; conhecer o perfil das modalidades avaliativas usadas pelos professores no processo de Avaliação da Aprendizagem dos docentes acima mencionados; e, por fim, analisar a concepção de Avaliação de Aprendizagem dos educadores e coordenadores daquela instituição de ensino. Partimos da convicção que o uso das Formas e Instrumentos de Avaliação quando bem utilizada é uma poderosa ferramenta de transformação em uma educação de qualidade. Nesse sentido foi feita a pesquisa com abordagem de Estudo de Caso, analisando a referida escola e abarcando cinquenta e oito sujeitos, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, a nove professores, três coordenadores pedagógicos, um de cada turno e por último aplicaram-se questionários a quarenta e cinco alunos, também dos três turnos distintos. A intenção foi realizar um trabalho investigativo com vista a traçar *a priori* o perfil da Escola. Quanto à aplicação dos inquéritos, estes visavam conhecer de forma clara a aplicabilidade dessas ferramentas pelos professores nas suas práticas. Além disso, foi realizada a observação direta e investigação documental, cuja necessidade partiu do fato de se colher algumas informações inerentes a pesquisa, disponíveis no acervo da secretaria da referida instituição. Dada como concluída a pesquisa, ficou favorável perceber que, apesar das dificuldades iminentes daquela instituição de ensino, muito comuns em outras instituições do nosso país, os professores, que ministram aulas para turmas do 3.º ano, que tivemos oportunidade de entrevistar estão ávidos por mudanças em suas práticas avaliativas, no sentido de estimular o aluno a investigar, pensar e refletir sobre sua realidade cotidiana. Todavia, eles têm a consciência que ainda falta muito para se chegar a um modelo ideal de avaliação, é preciso avançar, empenhar-se, estudar e principalmente se comprometer com a causa, para atingir uma prática que atenda de fato as necessidades dos alunos na sua amplitude e contribua para reflexão crítica de todos os envolvidos no processo escolar.

Palavras-chave: Formas de Avaliação, Instrumentos de Avaliação, Avaliação da aprendizagem, Professores

## **FORM AND INSTRUMENTS EVALUTIUN OF LEARNING: A STUDY IN THE SCHOOL OF ESTHER SILVA VIRGOLINO**

The changes which have happened to in education are necessary because of all social transformation. We must be connected to the current changes in the field in which we work to develop a better individual, interpersonal and professional growth. From this perspective, the present study had the following overall objective: to investigate the importance of Forms and Tools of Evaluation developed by the teachers of the third year from Esther da Silva Virgolino public high school. It also had the following specific objectives: to investigate the importance of the Forms and Instruments of Evaluation on the learning of the students of that high school as well as to identify the main forms and tools of evaluation used by the teachers in their teaching methods; to know the profile of the evaluation procedures used by the teachers during the process of the Evaluation of the Learning of the teachers mentioned above, and, finally, to examine the concept of Evaluation of Learning of the educators and coordinators of that public high school. We share the conviction that the use of Forms and Tools of Evaluation when used well is a powerful instrument for transformation in an education of quality. Therefore, the research was done with an approach of Study of Case, analyzing the aforementioned school and covering 58 people. Nine teachers, three educational coordinators, (one for each shift) and 45 students (one for each shift, too) were interviewed. The objective was to carry out investigative work so as to draw a *priori* profile of the High School. The application of surveys intended to really know the applicability of the tools used by the teachers in their work. In addition, a direct observation and a documental research were carried out to collect some information about the research available in the secretary of the school. Once finished the research, it was found out that in spite of the difficulties of the high school (which are common in the other schools of the country), the teachers who teach for the third years whom we could interview have been looking forward to changes in their evaluation procedures so that they can encourage the students to investigate, think and reflect on their lives. However, the teachers know that they have to study and work hard to reach and ideal king of evaluation. They have especially to commit themselves to the cause so as to achieve a practice which actually meets the needs of the students and helps in critical reflection of all those involved in this education process.

**Keywords:** Forms of Evaluation, Instruments of Evaluation, Evaluation of the Learning, teachers

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
ÍNDICE DE QUADROS .....	ix
ÍNDICE DE FIGURAS.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
-Contextualização do estudo.....	1
-Identificação do Problema.....	4
-Objetivos do Estudo.....	4
-Plano Geral da Dissertação.....	5
1.ª PARTE - ESTUDO TEÓRICO.....	7
CAPÍTULO I - O ENSINO MÉDIO E A AVALIAÇÃO ESCOLAR.....	12
1.1 - Introdução.....	12
1.2 - Ensino Médio.....	12
1.2.1- As diretrizes que regulam o Ensino Médio.....	12
1.2.2 - A Sistemática de Avaliação no Estado do Amapá.....	15
1.2.3 - O ENEM e o Ensino Médio.....	16
1.3- A Avaliação da aprendizagem. Contexto histórico .....	17
1.3.1 - Abordagem Conceitual.....	20
1.3.2 - Objetivo da Avaliação.....	21
1.3.3 - Critérios de Avaliação.....	21
1.3.4 - Avaliação e suas modalidades.....	22
1.3.5 - Da necessidade de mudar as Práticas de Avaliação.....	25
1.4-Formas e Instrumentos de Avaliação no Contexto de sala de aula.....	26
1.4.1 - A Importância dos Instrumentos de Avaliação.....	27
1.4.2 - A Prova de avaliação (ou outro termo adequado).....	28
1.4.3 - A Pesquisa.....	30

1.4 - A Observação.....	30
1.4.5 - Os Relatórios.....	31
1.4.6 - Os Portfólios.....	31
1.4.7 – A Auto-avaliação.....	32
2,ª PARTE - ESTUDO EMPIRICO.....	34
CAPITULO II- METODOLOGIA DA PESQUISA.....	35
2.1 - Introdução.....	35
2.2 - Perfil da Escola.....	36
2.3 – Abordagem metodológica.....	40
2.4 - A preferência por um Estudo de caso.....	41
2.5 - Os Instrumentos de coleta de dados.....	43
2.6 - Sujeitos da Pesquisa.....	50
2.6.1 - Caracterização da Coordenação Pedagógica.....	50
2.6.2 - Caracterização dos Professores.....	54
2.6.3 - Caracterização dos Alunos.....	59
2.7 - Análise dos dados.....	63
CAPÍTULO III - LEITURA DOS RESULTADOS.....	64
3.1- Introdução.....	65
3.2 - As entrevistas aos Coordenadores Pedagógicos.....	66
3.3 - As entrevistas aos Professores.....	77
3.4 - O Questionário aos Alunos.....	84
3.5 - As Observações nas dependências da Escola.....	97
3.6 - Análise Geral dos Sujeitos.....	100
3.6.1- Concepção sobre Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem.....	101
3.6.2 - Prática dos Professores.....	104
3.6.3 - Conhecimento teórico sobre Avaliação da Aprendizagem.....	108
3.6.4 – Grau de satisfação .....	109

CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.....	114
4.1 - Conclusões gerais do estudo.....	115
4.2 - Limitações da investigação.....	116
4.3 - Recomendações para estudos futuros.....	117
BIBLIOGRAFIA .....	119
APÊNDICE.....	124
1- Guião de Entrevista aos Coordenadores Pedagógicos.....	125
2 - Guião de Entrevista aos Docentes.....	127
3 - Matriz de Questionário aplicado aos discentes.....	129
4 - Guião de observação nas dependências da escola.....	131
5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à Gestora da Escola Campo.....	136
6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Coordenadores Pedagógicos e Professores para Entrevistas.....	137

## **ÍNDICE DE QUADROS**

1-Modalidade/função da avaliação.....	24
2 - Pessoal da Escola.....	38
3 - Funcionamento da Escola.....	39
4 - Dificuldades encontradas a quando da realização do processo de Avaliação.....	80
5 - Opinião dos alunos acerca do que são Instrumentos de Avaliação.....	85
6 - Importância dos Instrumentos de Avaliação para a Aprendizagem.....	86
7 - Concepção sobre os Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem.....	101
8 - Importância dos Instrumentos de Avaliação para a qualidade do Ensino.....	103
9 - Quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação da Aprendizagem na sala de aula.....	104
10 - Critérios que os Professores utilizam com os alunos no processo de Avaliação da Aprendizagem.....	105
11 - Principais Instrumentos de Avaliação mais utilizados pelos Professores.....	105
12 - Utilização da auto-avaliação dos professores com os alunos.....	106
13 - Modalidades de Avaliação mais utilizados pelos professores.....	106
14 - Material utilizado para melhorar a base teórica.....	107
15- Fatores que devem melhorar no que concerne à avaliação da aprendizagem.....	109
16 - Parecer em relação à Sistemática de Avaliação elaborada pela Secretaria Estadual de Educação.....	110

## **INDICE DE FIGURAS**

Figura 1 - Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos por idade.....	51
Figura 2 - Distribuição dos coordenadores por gênero.....	51
Figura 3 - Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos de acordo com a Forma empregatícia .....	52
Figura 4 - Tempo de atuação na Escola.....	53
Figura 5 - Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos por Tempo de Serviço na Educação. .....	53
Figura 6 - Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos por Formação acadêmica.....	54
Figura 7 - Distribuição dos Coordenadores de acordo com Pós – graduação.....	54
Figura 8 - Distribuição dos Professores por Idade.....	55
Figura 9 - Distribuição dos Professores por gênero.....	56
Figura 10 - Distribuição dos professores de acordo com a Forma empregatícia.....	56
Figura 11 - Distribuição dos professores de acordo com o tempo de atuação na Escola.....	57
Figura 12 - Distribuição dos Professores de acordo com Tempo de Serviço na Educação.....	57
Figura 13 - Distribuição dos Professores de acordo com a Formação acadêmica .....	58
Figura 14 - Distribuição dos Professores de acordo com a Pós – graduação.....	58
Figura 15 - Distribuição dos alunos por Gênero.....	60
Figura 16 - Distribuição dos alunos por Idade .....	60
Figura 17 - Distribuição dos alunos por Naturalidade .....	61
Figura 18 - Distribuição dos alunos de acordo com a Renda Familiar.....	61
Figura 19 - Distribuição dos alunos de acordo com a Escolaridade dos Pais.....	62

Figura 20 - Distribuição dos alunos de acordo com a Atividade remunerativa.....	62
Figura 21 - Distribuição dos alunos quanto à responsabilidade pela avaliação em sala de aula. .....	87
Figura 22 - Distribuição dos alunos em relação ao instrumento de Avaliação mais freqüentemente utilizado pelos seus Professores.....	87
Figura 23 - Distribuição dos alunos quanto à utilização da auto-avaliação por parte dos Professores.....	88
Figura 24 - Distribuição em relação à realização de atividades bimestrais.....	89
Figura 25 - Distribuição dos alunos em relação ao estabelecimento de critérios por parte do Professor para a Avaliação em sala de aula.....	90
Figura 26 - Distribuição dos alunos quanto à negociação soa critérios de avaliação com os alunos por parte dos professores.....	91
Figura 27 - Distribuição dos alunos em relação à constância dos professores em avaliar tendo em conta os critérios estabelecidos.....	92
Figura 28 - Distribuição dos alunos quanto aos critérios estabelecidos pelos professores para avaliar seus alunos.....	93
Figura 29 - Distribuição em relação à verificação do conhecimento prévio do aluno sobre o assunto em questão.....	93
Figura 30– Distribuição dos alunos em relação á comunicação e análise sobre os resultados das avaliações.....	94
Figura 31 - Distribuição dos alunos quanto ao fato de gostar da forma como são avaliados...95	95
Figura 32 – distribuição dos alunos em relação ao responsável pelo fracasso escolar.....	95

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo conhecer as Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem usados na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino, bem como verificar a prática avaliativa dos professores que ministram suas aulas nessas turmas.

Inicialmente nos limitaremos à composição deste estudo e logo após iremos acometer o contexto especificamente sobre o Ensino Médio e sua forma e instrumentos de Avaliação. E por fim, apresentaremos a identificação do problema, a definição dos objetivos do estudo e o plano geral da dissertação.

### Contextualização do Estudo

A avaliação é um tema que atinge certo grau de complexidade, apesar de ser extremamente importante; isso se pode perceber, *a priori* a nível empresarial, onde os empresários, executivos, entre outros, gastam muito tempo nesse aspecto. Quando obstantemente se remete ao processo ensino e aprendizagem da educação essa complicação não é diferente, especificamente no ensino médio, por razões que a seguir se explicarão. Apesar da sua relevância e ser um tema bastante discutido hoje no bojo das instituições de ensino de nível médio, ainda assim, no Brasil, existem poucos estudos. Os pesquisadores têm preocupação maior em investigar sobre o ensino fundamental. Entretanto, dentro do pequeno acervo que trata com veemência sobre avaliação, encontramos autores consagrados como: Saul, Vasconcelos, Hoffmann, Luckesi, Sant'Anna, Silva, Antunes e Ferreira que falam com bastante clareza a respeito do assunto, e que têm dado contribuições significativas para a melhoria da prática avaliativa do nosso país.

Vale ressaltar que publicações dos autores citados acima serviram de fundamentação teórica para esta dissertação. Contudo, é claro, não dispensamos contribuições de autores estrangeiros que escrevem sobre o assunto em pauta, como Perrenoud, Tyler ou Bloom.

A avaliação enquanto instrumento potencial dentro do contexto educacional, tanto de forma consciente ou inconsciente, implica muito trabalho. Todavia, quando aplicado de forma consciente no âmbito educacional se reveste de um instrumento vital que requer muita responsabilidade por parte do avaliador uma vez que indicam não só possíveis progressos ou falhas do aluno, assim como serve de máquina retificadora de falhas no processo ensino e

aprendizagem. Já a forma inconsciente, aí o professor não mostra nenhum compromisso com a educação, passa a avaliação aleatória, sem, no entanto preservar o caráter de princípio legal.

No que concerne a prática avaliativa evidenciada na maioria das escolas públicas, estudos mostram que os educadores ainda utilizam instrumentos que enfatizam a memorização, a classificação e generalização, quando na verdade o ideal seria valorizar também outras competências respeitando a individualidade de cada aluno, levando em consideração as suas dificuldades e avanços.

Entretanto, falar de avaliação é um assunto que ainda tem muito a ser discutido e mudado. Pois é lamentável que vivendo os avanços do século XXI, dentro de um novo paradigma educacional, parte dos educadores se negue a mudar as suas metodologias de avaliação, de buscar meios de ajudar o aluno a não se sentir ameaçado ou punido por não acertar determinada questão, mas sentir-se estimulado a aprender com seus erros e suas dificuldades.

Toda a literatura consultada está estritamente relacionada com o tema em questão, inclusive duas dissertações de mestrado, usadas como suporte, inseridas na bibliografia. Um tema que fala sobre as Formas e Instrumentos de Avaliação, procura retratar a prática avaliativa dos professores em sala de aula e, por conseguinte, se detectado algum problema possibilitar que este seja resolvido por todos envolvidos no processo escolar a fim de melhorar qualidade da educação.

A pesquisa *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um Estudo na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino*, incide sobre a Avaliação dos Estudantes e foi realizada especificamente com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, na referida Escola. A escolha da escola acima referendada se deu primeiramente em virtude desta ser pública e atender plenamente o objetivo da pesquisa, posteriormente em função desta agregar o ensino médio e ensino médio integrado<sup>1</sup> que tem demonstrado ser uma grande conquista da comunidade estudantil daquela instituição de ensino. Entretanto, o que vislumbrou contemplar essa faixa de estudo (ensino médio) nesta pesquisa foi sem dúvida a pouca incidência de estudos voltados para essa determinada faixa, tendo em vista que a maioria dos autores que advoga sobre a Prática Avaliativa se detém mais nas teorias avaliativas do ensino fundamental, conforme mencionamos anteriormente.

Com relação à escola, esta fica localizada na Zona Norte de Macapá, capital do Amapá, em um bairro periférico, atende uma clientela de classes baixa e média que sem

---

<sup>1</sup> - É um curso de informática profissionalizante com duração de 04 (quatro) anos.

dúvida tem ajudado a instituição a avançar no sentido de qualificar o processo educacional, isso tem feito uma diferença substancial em relação às demais escolas de rede pública do estado. Como medidor do sucesso, deve salientar a grande procura de alunos de outras escolas dos diversos bairros da cidade.

Esta pesquisa parte da necessidade de se refletir sobre a práxis na sistemática de Avaliação, tendo com referencial o baixo rendimento escolar. Acredita-se também que os conteúdos são importantes quando estes são trabalhados de forma significativa e contextualizados, somadas as experiências adquiridas pelos alunos no decorrer da sua trajetória escolar.

Para que esta empreitada dê certo é necessário que se busquem novas alternativas, que propiciem a implementação de outras práxis na escola. O professor deve ter uma sensibilidade aflorada, ser um mestre no sentido de perceber as reais necessidades e limites dos alunos, aprender junto com estes e estar em constante capacitação para melhorar o seu desempenho, enquanto elemento norteador da aprendizagem.

A importância da pesquisa decorre fundamentalmente da possibilidade de estimular os educadores para que estes não fiquem alijados à prática de apenas passar provas, mesmo sendo este um momento sublime de estudo, mas sim de buscar novas formas e instrumentos avaliativos, capazes de mobilizar a capacidade criativa e crítica dos alunos, despertando-os para novos desafios.

Diante do exposto, percebe-se a imprescindível necessidade de buscar novas formas e instrumentos de avaliação de aprendizagem, fazendo os seguintes questionamentos: Para que serve, qual a importância e influência das Formas e Instrumentos de Avaliação na Aprendizagem dos alunos do ensino médio e quais os principais instrumentos utilizados pelos educadores na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino?

*Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um Estudo na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino*, tema do presente estudo, tem como objetivo investigar se as formas e os instrumentos avaliativos (provas, trabalho em grupo e individual, projetos pedagógicos), desenvolvidos pelos Professores do 3º ano, da escola acima mencionada. Particularmente o que nos levou a pesquisar sobre o tema em pauta foi perceber a existência de uma multiplicidade de instrumentos avaliativos usados cotidianamente pelos professores sem, entretanto, primar pela qualidade desses. Surgiu daí uma instigação que nos levou a investigar profundamente sobre o referido assunto, cujo objetivo foi conhecê-lo numa amplitude maior, como também subsidiar todos os educadores e educandos na prática

pedagógica do ensino médio, estimulando a desenvolver habilidades de raciocínio sobre curiosidades das ciências em geral e suas tecnologias, revelar e despertar o espírito crítico do aluno quando questionado sobre curiosidades e desenvolver habilidades e competências que contribuam em situações novas, de acordo com o problema apresentado.

Diante de tais objetivos, este projeto além de servir como subsídio para professores, nas suas práticas de ensino, procura apresentar alternativas de formas e instrumentos de avaliação que poderão possibilitar àqueles que estão atuando de fato na melhora da qualidade do ensino, que assim possam dinamizar práticas relevantes, críticas, criativas, contínuas e compartilhadas. Pois se acredita que é importante a necessidade da Escola identificar e prestigiar os profissionais dedicados e comprometidos com a educação, de forma a instigar os outros a tomarem a coragem de mudar para o novo conceito.

### **Identificação do Problema**

O Sistema Educacional vem passando por grandes transformações no que diz respeito à Prática Avaliativa de sala de aula. Contudo, hoje ainda é bastante comum encontrar professores utilizando estratégias e instrumentos ultrapassados, que muitas vezes tem o caráter puramente punitivo e repressivo. Todavia, tem se verificado que tais estratégias em nada têm contribuído para melhorar a aprendizagem e tampouco a qualidade da Educação.

Com base na temática: *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um Estudo na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino*, a problemática que se coloca em questão é a seguinte: Quais os Modos e Instrumentos de Avaliação, usados pelos docentes que atuam no 3.º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Esther da Silva Virgolino?

### **Objetivos do Estudo**

Partindo do pressuposto que não podemos fazer qualquer tipo de avaliação, sem antes definirmos quais as formas e instrumentos de avaliação que iremos utilizar no exercício avaliativo, passamos a enumerar os objetivos inerentes ao tema aqui estudado:

- Pesquisar a importância das Formas e Instrumentos de Avaliação na Aprendizagem dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Esther da Silva Virgolino;
- Identificar as principais formas e instrumentos de avaliação utilizados pelos professores no Ensino Médio.

- Conhecer as Modalidades Avaliativas utilizadas pelos professores do Ensino Médio no Processo de Avaliação da Aprendizagem dos Alunos do 3º ano da Escola Esther da Silva Virgolino;
- Analisar a concepção de Avaliação de Aprendizagem dos educadores e técnicos da Escola Esther da Silva Virgolino;

### **Plano Geral da Dissertação**

Para melhor organização do presente estudo, dividimo-lo em duas partes: Estudo Teórico e Estudo Empírico, os quais foram divididos em três capítulos, seguindo-se o da conclusão.

No primeiro capítulo apresentamos o estudo teórico que serviu como suporte para o estudo do processo de avaliação, ressaltando as opiniões de vários autores sobre a Avaliação da Aprendizagem.

No segundo capítulo tratamos sobre a metodologia utilizada nessa pesquisa. Em que a preferência foi por um estudo de caso, realizado na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino, em Macapá, cujos sujeitos foram três coordenadores pedagógicos, nove professores e quarenta e cinco alunos. E para a coleta de dados foram utilizados os instrumentos de observação não participante, aplicação de entrevistas aos coordenadores pedagógicos e professores e aplicação de questionários aos alunos.

No terceiro capítulo, foi realizada a análise de dados qualitativa e quantitativa, buscando retratar o perfil de avaliação na escola, para que do conhecimento deste, pudéssemos fazer nossas reflexões que nos possibilite crescer enquanto sujeitos e lutarmos por uma constante melhoria no nível da qualidade do ensino.

Nosso propósito com esta pesquisa não foi apenas conhecer o que a escola tem de pior, ou melhor, e sim evidenciar a sua realidade dentro do processo, analisar aqueles pontos específicos inerentes a arte de avaliar. Conhecer quais e como são utilizados os Instrumentos e Formas Avaliativas na prática dos docentes, se estes têm propiciado o crescimento dos alunos enquanto pessoas críticas, estimulado a sua criatividade, corrigido as imperfeições da aprendizagem ou se têm perpetuado apenas o modelo tradicional.

## **1ª PARTE – ESTUDO TEÓRICO**

## 1ª PARTE – ESTUDO TEÓRICO

Avaliar é um processo bastante complexo, haja vista, que alguns professores passam grande parte do tempo avaliando, julgando e classificando o aluno, sem, entretanto, refletir sobre quais os fatores benéficos do processo. É fundamental que a avaliação não se torne apenas um julgamento final, onde o aluno reproduza o que o professor pensa, fala e faz, mas que possa contribuir de forma satisfatória para a aprendizagem desses. É importante ressaltar que de acordo com Ferreira (2002) o verdadeiro sentido da avaliação está muito distante do seu sentido real, pois a maioria dos professores se limita apenas a medir o comportamento e a aprendizagem do aluno, valendo-se das provas, causando com isso grandes prejuízos com um autoconhecimento negativo e uma consciência de que são incapazes de absorver conhecimentos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), em seu artigo 24, parágrafo V, a Educação Básica, nos níveis fundamental e médio, no que diz respeito ao rendimento escolar, a avaliação tem que ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

O Artigo acima, constante no bojo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), enfatiza de forma clara como deve ser tratada a questão da avaliação dos alunos, tanto do nível fundamental como médio, ressaltando que esta deve ser de forma continuada e ao mesmo tempo cumulativa do aprendizado do aluno, sobrepondo a qualidade sobre a quantidade quando se prioriza uma educação de qualidade.

Luckesi (2006) priorizou a necessidade de mudança na sistemática de avaliação, que alguns educadores se negam a fazer, justamente porque implica aumento de carga horária e a melhor qualificação destes. Todavia, para melhorar a aprendizagem, precisa-se tomar consciência dessa mudança para que os docentes possam crescer juntos e sair de um estágio defasado para um mais avançado. Portanto, percebe-se a grande preocupação que o autor tem com a questão da avaliação da Aprendizagem, enfatizando o seu otimismo em relação à mudança, ou seja, é preciso mudar, mesmo que essa mudança venha ocasionar mais trabalho para o profissional da educação.

Lukesi (2006) buscou, ainda, retratar sobre o uso do castigo em sala de aula, pois o uso do mesmo decorre do fato do aluno manifestar o não interesse no aprendizado de um conjunto determinado de conhecimentos, de uma seqüência metodológica ou coisa semelhante. Porém a questão do castigo é mais profunda, pois retrata uma prática que é

bastante obsoleta, mas que é ainda utilizada por grande parte dos educadores, como forma de disciplinar o aluno.

No que diz respeito à diversificação das atividades de avaliação de aprendizagem, Antunes (2002) relatou sobre a sua importância, pois, acredita que ensinar significa variar muito e sempre os contextos em que a aprendizagem é realizada para que os significados que o aluno constrói jamais fiquem vinculados a apenas um contexto e, em decorrência, avaliar “a aprendizagem significa valer-se de uma grande diversidade de atividades que possam colocar o conteúdo que se quer ver aprendido em diferentes contextos particulares”. (p.32)

Enquanto Sousa (1993), quando da sua teoria sobre Avaliação, faz uma abordagem madura enfatizando a importância da Avaliação na Aprendizagem e ressaltando o compromisso e a cooperação entre os educadores no sentido de estreitar a relação para melhorar a qualidade da educação, afirma:

A avaliação passa a ter finalidade de fornecer, sobre o processo pedagógico informações e redirecionamento que se fizerem necessários, em face do projeto educativo, definido coletivamente, e comprometido com a garantia da aprendizagem do aluno. Converte-se então, em um instrumento referencial e de apoio as definições de natureza pedagógica, administrativa e estrutural, que se concretiza por meio de relações partilhadas e cooperativas. (p. 46)

É importante salientar que a Avaliação quando bem utilizada, serve para melhorar vários fatores, entre eles a qualidade da Educação, que quando bem direcionada faz com que as pessoas se envolvam *harmonicamente, fazendo com que se tenha o melhor resultado possível*. Neste caso a avaliação é um referencial, um apoio, um suporte de avanço, não só para a Educação, mas também para Empresas que querem melhorar a qualidade de seus produtos e serviços.

Os instrumentos de avaliação, quando se trata em termos do planejamento e análise que definirão a dimensão do diálogo entre alunos e professor, devem levar em conta, segundo Hoffman (2001), o seguinte:

...cada aluno expressa o sentido das aprendizagens por linguagens diferentes. Há que oportunizar e encorajar todas as formas de expressão na escola, respeitando as manifestações linguísticas representativas de cada cultura. A fala, a escrita, e toda a forma de expressão é manifestação do pensamento. Portanto, se aprimora a linguagem, aprimorando o pensamento. Não há como esperar que o aluno se expresse originalmente sem oportunizar-lhe o desenvolvimento de idéias. A expressão do pensamento é, portanto, fator essencialmente construtivo e reflexivo. (p.111)

É importante, assim, que o professor oportunize ao aluno um leque de opções de instrumentos avaliativos para que possa haver uma melhor adequação ao seu estilo de aprendizagem, possibilitando buscar melhor rendimento possível na sua avaliação.

Todavia, dentro deste contexto, Silva (2004) salienta a importância das condições necessárias para se avaliar dentro do caráter democrático, pois acredita que a consideração desses princípios colabora para evitar um distanciamento do caráter educativo da avaliação do ensino-aprendizagem, assegurando que:

Para a implementação do processo avaliativo na perspectiva que estamos nos assentando, é relevante tomar coletivamente algumas decisões, entre elas evidenciamos: definir os objetos e os sujeitos a serem avaliados; determinar as dimensões a serem avaliadas; demarcar os pontos de chegada que se pretende atingir. Essas três questões são condições necessárias para a materialização do caráter democrático e transparente de avaliar. (p.61)

Considerando uma perspectiva de mudança na prática de avaliação, o comentário de Silva (2004) no parágrafo anterior, enfatiza cabalmente que é preciso que o sujeito avaliador envolva todos os elementos inerentes ao processo na sua decisão, determinando aquilo que deseja avaliar, mensurar a amplitude do que se quer avaliar e definir o que se quer atingir. Esses três pontos, segundo ele são fundamentos elementares para que se possa desenvolver uma avaliação democrática e clara.

Dentro desse novo paradigma de avaliação, Fernandes (2004) reforça a ideia de situações relevantes no tocante a mudanças de elementos de avaliação, conforme se pode conferir no parágrafo seguinte:

Uma mudança na avaliação dos processos de aprendizagem exige uma concepção de aluno como um ser crítico, criativo e participativo, com autonomia e capacidade de tomar decisões. Exige também uma concepção de ensino que privilegia a participação, o diálogo, a autonomia, a reflexão tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Nessa perspectiva também, o erro é visto como propiciador de aprendizagens, e as dúvidas dos alunos altamente significativas e reveladoras de um envolvimento e exercício intelectuais. Dessa forma a avaliação deixaria de ser vista como algo fora do processo de aprendizagem e de ensino e passaria a ser vista como propiciadora de aprendizagens e como parte integrante do currículo escolar e conseqüentemente do planejamento em todas as suas etapas. (p.96)

Falando de mudança na prática do professor, Vasconcellos (2008, p.21) enfatiza com bastante propriedade que não basta apenas à mudança de ideia do professor e sim a mudança

de sua prática que são adaptadas nas idéias, até porque, nossas reflexões têm conseqüências práticas.

A Avaliação Emancipatória de acordo com Saul (2006) corresponde a um novo paradigma de avaliação e “caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade visando transformá-la” (p.61), aqui mencionada com o intuito de sugerir mais uma opção de se trabalhar a avaliação dentro do contexto de mudança e inovação. A avaliação emancipatória deixa o caráter autoritarista e determina o professor como orientador, um mediador das atividades pedagógicas, que, segundo Saul (2006), é uma forma que traz no seu bojo benefícios do ponto de vista daquilo que se pretende alcançar dentro do contexto emancipador, conforme explicita na sua argumentação abaixo:

A Avaliação Emancipatória tem dois objetivos básicos: iluminar o caminho da transformação e beneficiar as audiências no sentido de torná-las autodeterminadas. O primeiro objetivo indica que essa avaliação está comprometida com o futuro, com o que se pretende transformar, a partir do autoconhecimento crítico do concreto, do real, que possibilita a clarificação de alternativas para a revisão desse real. O segundo objetivo “aposta” no valor emancipador dessa abordagem, para os agentes que integram um programa educativo. Acredita que esse processo pode permitir que o homem, através da consciência crítica, imprima uma direção as suas ações nos contextos em que se situa, de acordo com valores que eleger e com os quais se compromete no decurso de sua historicidade. (p.61)

Ainda, seguindo esta mesma linha transformadora, Romão (2008) destaca a avaliação dialógica, que desenvolve uma prática de educação libertadora, onde a avaliação deixa de ser um processo de cobrança e torna-se um momento de aprendizagem, para os dois conjuntos de atores envolvidos no processo que são os educadores e educandos.

Fazendo um apanhado geral sobre as modalidades, Sant’Anna (2009) comenta sobre as avaliações diagnóstica, formativa e somativa; onde a primeira visa averiguar as causas de repetidas aprendizagens, a segunda indica como os alunos estão se modificando em relação aos objetivos a serem alcançados e a terceira fala da classificação do aluno no término da unidade, semestre ou ano letivo, de acordo com os níveis de aproveitamento.

Seguindo essa linha de pensamento, Ferreira (2002) descreve que a avaliação diagnóstica segue conjuntamente ao processo de ensino aprendizagem e como parte contínua e integrante deste, oportuniza a correção dos desvios, no momento em que estes são descobertos e, também, oferece apoio para a avaliação formativa.

Perrenoud (1999) quando escreve sobre a avaliação formativa enfatiza o papel do professor, como sendo o de:

Observar mais metodicamente os alunos, no sentido de compreender melhor seus funcionamentos de modo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas e as situações didáticas que propõe, tudo isso na expectativa de otimizar as aprendizagens. (p.89)

A forma de avaliação que se tinha como correta dentro da abordagem tradicional de certa forma foi, julgamos, um atraso para o ensino e a aprendizagem. Atualmente, vivenciamos um novo paradigma com a Avaliação Emancipatória e Dialógica, percebe-se o avanço da Avaliação do ponto de vista da crescente consciência crítica dos educadores comprometidos com a educação, tornado-se um importante instrumento de mudança na qualidade do sistema educacional.

Portanto, os autores mencionados neste trabalho, assim como outros que comentam sobre a Avaliação da Aprendizagem, têm grande importância na construção do mesmo, haja vista, que a Educação, mais especificamente a Avaliação da Aprendizagem só surtirá efeito positivo quando professores e alunos apresentarem vontade para que essa transformação aconteça. Entende-se que esse processo é volitivo, isto é, precisa que aconteça de dentro para fora, e que todos estejam conscientes que é preciso mudar para se ter uma educação de qualidade.

## **CAPITULO I - O ENSINO MÉDIO E AVALIAÇÃO ESCOLAR**

### **1.1-Introdução**

O sistema educacional brasileiro está constantemente passando por mudanças, para satisfazer as exigências do mercado e da sociedade em geral, e a Legislação que dita as normas do Ensino Médio, teve compulsoriamente que atender essa ansiedade. A Lei das Diretrizes Básicas editada sob o número 4.026/61 traz no bojo grandes mudanças que visam dar uma nova forma ao processo, e que possibilitasse melhoria na qualidade da educação. Neste capítulo inicial, iremos tratar as diretrizes que regulam o ensino médio, a Avaliação e suas modalidades e finalizando com a Importância de se estabelecer os Instrumentos de Avaliação.

### **1.2-Ensino Médio**

A Legislação quando aborda o Ensino Médio, retrata o que esse estudante “deve ser”, quando do término dessa etapa, o que demonstra uma preocupação clara com o “mercado de trabalho”, esquecendo que essa é uma fase da sua vida enquanto estudante e, que, portanto, faz parte do artifício ensino aprendizagem.

#### **1.2.1-As diretrizes que regulam o Ensino Médio**

A Lei 4.024 outorgada em 20 de Dezembro de 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, passou por todo um processo que durou cerca de treze anos entre encaminhamentos, discussões e aprovações de textos. O eixo das discussões era o de defesa da iniciativa privada nas atividades de ensino. Foi então, que a pressão das escolas particulares terminou por transformar o debate partidário em um debate fortemente ideológico.

Alguns intelectuais da época em seus discursos defendiam a necessidade de uma lei que regesse a educação brasileira, visto que a mesma, até então, era organizada/reorganizada através de reformas e decretos, e a perpetuação desta prática era imprópria à educação. Com a promulgação da nova Constituição suscita-se a necessidade de a Educação Nacional ser regida por Lei em vez de Decretos. Visto que cabia discutir parâmetros e princípios

norteadores da ação educativa com todos os segmentos da sociedade organizada. A partir dessas inquietações surge a “duras penas” impostas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a 4.024/61. A referida lei, embora exercida com grande pressão, enfatizava parâmetros norteadores em todos os níveis educacionais, desde o pré-primário ao ensino superior. A finalidade primordial do projeto-lei era a reorganização estrutural da educação no Brasil, pois como sabemos a educação brasileira anteriormente era estruturada por intermédio de incessantes reformas.

O Artigo 39 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação contempla a Avaliação, dizendo o seguinte: a apuração do rendimento Escolar ficará a cargo dos estabelecimentos de ensino, os quais caberão também expedir certificados de conclusão de séries e ciclos e diplomas de conclusão de cursos.

Assim a Lei a 4.024/61 conseguiu flexibilizar a estrutura educativa, possibilitando o acesso do aluno ao ensino superior, independente do tipo de curso que este tivesse cursado anteriormente; o problema do ensino médio no Brasil até então era decidido de acordo com a classe social a que pertencia o aluno, para isso existiam funcionando diferentes tipos de escolas. Para as elites foram criados cursos médios de segundo ciclo: o científico, o clássico e o propedêutico, os quais davam acesso ao ensino superior; para os trabalhadores foram criados cursos técnicos segundo o ciclo: o ensino agrícola, comercial, industrial e o curso normal que não davam acesso ao ensino superior.

Com a promulgação da LDB (4.024), reconheceu-se a legitimidade de outros saberes, além do acadêmico, integrando o ensino profissional ao sistema regular de ensino e estabelecendo a plena equiparação entre cursos profissionalizantes e propedêuticos, permitindo que as instituições comerciais e industriais, ligadas ao ensino como o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), organizassem seus cursos, cumprindo as exigências legais, a fim de obter a equivalência aos níveis primários e médios.

Já nos anos 70, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (5.692 de 11/08/1971) propôs a substituição da dualidade do ensino de 2º grau, oficialmente denominado de Lei da Reforma do Ensino de primeiro e segundo graus, tendo também um processo de tramitação lento, embora impermeável a debates da sociedade civil, em função do contexto em que foi criada. Esse movimento na educação começava pelo ensino superior, até por que, a reforma universitária se antecipava aos demais níveis de ensino. Esta Lei estabeleceu a reforma do ensino médio de forma compulsória, sinalizando uma única

trajetória para todos os adolescentes e jovens, mas as dificuldades de sua implementação acarretaram seu fracasso.

No final dos anos 70, a ditadura militar perdia força política e permitia a reorganização e o fortalecimento da sociedade civil que através de estratégias políticas progressivas sistematizou a pedagogia com valores mais críticos, o que levou a promulgação da Lei 7.044 em 18/10/1982, acabando com a profissionalização compulsória do segundo grau.

Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, em seu artigo 35, discorrem-se com clareza os objetivos do Ensino Médio:

A consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (Kuenzer, 2009, p.39)

Percebemos claramente no texto da lei, que os fins do Ensino médio não limitam o aluno, muito pelo contrário, propõe uma educação geral e outra específica, chamada profissional, que também oportuniza o prosseguimento de estudos, a formação ética e o pensamento crítico e salutar importante a vida do cidadão.

De acordo com a LDB 9394, art.35, II, faz algumas considerações sobre o Ensino médio:

...ainda que a linguagem seja algo rançosa: com efeito, uma aprendizagem propedeuticamente correta não se restringe adaptar-se ou admitir flexibilidade: ao contrário, põe-se a interferir na realidade e a forçar seu espaço histórico, partindo das condições dadas, entre elas do mercado; ademais, a avaliação deverá estimular a “iniciativa dos estudantes”. (Demo, 2006, p.43)

De acordo com a Proposta Curricular da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amapá (2000), definir o ensino médio é uma tarefa bastante difícil, tendo em vista que a Lei 9394/96, quando se refere ao aluno dentro do contexto escolar do ensino e aprendizagem.

A proposta da Secretaria de Educação do Amapá segue as diretrizes da Lei 9394/96, que define os objetivos do ensino médio, que já foram comentados anteriormente.

### **1.2.2 - A Sistemática de Avaliação no Estado do Amapá.**

Em 2004, a Secretaria de Estado de Educação, através de contribuições advindas de várias divisões que compõem a referida secretaria, elaborou a Sistemática de Avaliação do Estado do Amapá, em atendimento aos princípios e disposições previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, Parecer 05/97, 12/96 – do Conselho Nacional de Educação e mais Instrumentos Normativos oriundos do Conselho Estadual de Educação.

A referida Sistemática de Avaliação serve para toda a rede de Ensino do Estado, que não tenha regimento próprio, já que as escolas têm autonomia para construir seus próprios regimentos (Art.º 1º).

De acordo com o Art.º 7º, da sistemática, a Avaliação da aprendizagem deve pautar-se na democracia, oportunizando aos docentes e discentes adotarem métodos avaliativos a serem utilizados no processo.

No Art.º 9º, que trata sobre os instrumentos, fala que ao serem utilizados para verificação da aprendizagem deverão estar em articulação com as competências e habilidades propostas pela disciplina, possibilitando por parte do aluno, a demonstração do saber fazer, considerando a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os aspectos quantitativos.

Em seu Art.º 10º, que se remete sobre Avaliação da Aprendizagem, mencionando que esta deverá observar os seguintes critérios:

I - A avaliação do aluno compreende a verificação do rendimento e controle de frequência.

II - Ao final do ano letivo, será considerado aprovado o aluno que obteve o mínimo de 50% do total de pontos anuais e frequência mínima de 75% do total da carga horária anual.

III - A certificação de frequência de aluno com déficit cognitivo (DC), deficiências múltiplas (DM), e condutas típicas (CT), devem ser realizadas com base no relatório laborado pelo professor que atende o aluno.

IV - Após os estudos de recuperação periódica final estará aprovado parcialmente (Dependência) o aluno que ficar retido em 02(dois) componentes curriculares.

Quanto ao rendimento do aluno citado no Art.º 11.º, da Lei acima referendada enfatiza que será expressa em notas, perfazendo o total de 40 (quarenta) pontos, cumulativos, processual e somativa, durante o ano letivo, não cabendo para efeito de cálculo total nos bimestres e uso de médias aritméticas e/ou ponderadas, e no mínimo 10 pontos.

### 1.2.3- O ENEM e o Ensino Médio

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi criado em 1998, através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação, é um exame individual e espontâneo, oferecido a cada ano aos concluintes e egressos do ensino médio, que tem por objetivo primordial possibilitar uma referência para a auto-avaliação a partir das competências e habilidades (p.07). O ENEM serve também como alternativa para entrada no ensino superior e conseqüentemente no mercado de trabalho. O referido exame acontece todos os anos e é um importante instrumento de avaliação, fornecendo uma imagem realista e sempre atual da educação brasileira.

O ENEM de acordo com a cartilha (2006) é um modelo de avaliação que foi desenvolvido com ênfase na:

aferição das estruturas mentais com as quais construímos continuamente o conhecimento e não apenas na memória, que, importantíssima na constituição dessas estruturas, sozinha não consegue fazer-nos capazes de compreender o mundo em que vivemos. Há uma dinâmica social que nos desafia, apresentando novos problemas, questiona a adequação de nossas antigas soluções e exige um posicionamento rápido e adequado ao cenário de transformações imposto pelas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas com as quais nos deparamos nas últimas décadas. (p.07)

Quanto aos objetivos do ENEM, levam em consideração os fatores quantitativos e qualitativos e também as competências e habilidades básicas.

A partir de 2009 foi implantado o novo ENEM que segundo o INEP (2009) é mais voltado para verificar a capacidade de raciocínio do estudante e também aferir quanto de conhecimento ele armazenou ao longo de sua vida escolar. O ideal é excluir a famosa *decoreba*<sup>2</sup> e incluir questões contextualizadas e interdisciplinares, relacionando com o cotidiano do aluno.

O referido exame constou de uma redação e 180 questões de múltipla escolha, sendo 90 questões em cada dia nas áreas do conhecimento das ciências naturais (química, física e biologia), ciências humanas (história, geografia, filosofia e sociologia) e área de linguagens (essencialmente interpretação de textos). A diferença do novo ENEM em relação ao antigo é a sua abrangência, o número de questões triplicou, sem contar que de acordo com o INEP o nível de complexidade é de 70% de média e alta.

---

<sup>2</sup> - O ato de aprender um determinado assunto somente para uma avaliação, sem contextualizar e depois esquecer.

Entendemos que esse instrumento avaliativo oferecido pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura), como forma de estimular a qualidade de educação tem sido uma ferramenta de bastante importância nesse sentido, pois dentro dessa perspectiva tem alcançado o seu objetivo de oportunizar aos “melhores” o acesso a universidade e conseqüentemente a continuidade dos seus estudos. Entretanto, esse tipo de avaliação parece ser um estimulante aos professores do modelo tradicional, que usam como única forma avaliativa a prova, embora se diga que esta é contextualizada.

### **1.3 - A Avaliação da Aprendizagem – Contexto histórico**

Ao longo do tempo, a avaliação e seus desdobramentos foram alvo de discussões e debates. Não é pequeno o acervo de obras que abordam esse tema, da mesma forma que não foram e não são poucos os intelectuais que se debruçaram sobre essa questão tão pertinente à educação escolar. Discorrer sobre avaliação não é tarefa fácil: discutir seus critérios ou ainda questionar sua validade, representam abordagens que pressupõem um reconhecimento prévio da temática avaliação.

Desta feita é interessante, antes de fazer qualquer aprofundamento sobre o tema, entender a dinâmica histórica da avaliação enquanto aspecto educativo. O ato de avaliar sempre esteve ligado ao ato de ensinar, o que diferencia a avaliação no decorrer do tempo é a perspectiva ou motivação do educador diante do ato de avaliar o educando.

Hoffmann (2001), escreve:

Avaliar é essencialmente questionar. É observar e promover experiências educativas que signifiquem provocações intelectuais significativas no sentido do desenvolvimento do aluno [...] Enquanto na avaliação classificatória elas ocupavam o lugar de verificar, comprovar o alcance de um objetivo [...] na visão mediadora, elas assumem o caráter permanente de mobilização, de provocação. (p.73)

Nesta concepção, o professor era tido como o mestre que detinha tanto o saber quanto o poder, pois julgava seus aprendizes de acordo com o seu entendimento, o certo e o errado. Retratando esse entendimento, Vasconcellos (2008) discorre sobre o assunto dizendo que:

Historicamente, a função docente foi associada ao controle, à fiscalização, ao disciplinamento, à medida, à verificação, a ponto que para muitos professores, sua principal tarefa passou a ser transmitir os conteúdos e logo constatar o quanto os alunos assimilaram, indicando claramente, através de notas, conceitos ou menções, quais são os “aptos” e os “inaptos”. (p.51)

Percebe-se que neste novo postulado da educação atual o professor passa a ser o mediador entre o conhecimento e o aluno. Agora, a palavra-chave é construção e não instrução.

De igual perspectiva é a avaliação que busca oportunizar ao aluno momentos de compartilhamento dos conhecimentos adquiridos e através da interação professor-conhecimento-colegas, construir sua visão de mundo. A avaliação toma a forma de troca ou socialização de idéias (Hoffman, 2001).

Outro importante aspecto da avaliação atual é o de diagnóstico. Através do processo avaliativo o professor pode identificar possíveis entraves na compreensão de conteúdos. Com base nessas informações, a prática de ensino deve ser revista com o objetivo de minimizar, ou mesmo, acabar com entraves identificados.

Essa não é uma tarefa das mais fáceis, contudo é necessária para que o aluno possa ter oportunidade de desenvolver suas potencialidades. A observação contínua proporcionará a eficácia e a evolução dos métodos e procedimentos adotados nas mais diversas situações, possibilitando, assim, ao professor se munir de uma variedade de instrumentos de avaliação.

Ainda considerando a perspectiva atual da educação, destaca-se um fator que não poderia ser omitido nesta análise: a coerência. O professor apto é aquele que desenvolve um trabalho com seus alunos, onde a avaliação deve ser construída por ele conjuntamente com seus alunos, com vistas à demonstração e/ou socialização do conhecimento. A chamada por Antunes (2002), de Avaliação Construtivista que se baseia no trabalho coerente. Sobre essa teoria, o autor descreve que:

A perspectiva construtivista de aprendizagem a percebe como um processo de construção de significados e de atribuição de sentido e, como consequência, percebe o ensino como um processo ativo de ajuda à construção de significados e atribuição de sentidos realizados pelos alunos. (p.32)

Nesta abordagem, a avaliação vê o aluno como um agente social capaz de influenciar no seu meio social, daí o estímulo ao questionamento e à manifestação de experiências, objetivando a formação de um cidadão consciente de seu papel na comunidade onde está inserido.

Partindo dessa premissa, Hoffmann (2001) discorre:

Avaliar é, então, questionar, formular perguntas, propor tarefas desafiadoras, disponibilizando tempo, recursos, condições aos alunos para a construção das respostas. Os conteúdos não deixam de existir, eles são mais do que nunca importantes, assim como a visão interdisciplinar, e é compromisso do professor sugerir e disponibilizar variadas fontes de informação. A premissa é oferecer aos alunos muitas e diversificadas oportunidades de pensar, buscar conhecimentos, engajar-se na resolução de problemas, reformular suas hipóteses, comprometendo-se com seus avanços e dificuldades. ( p.73)

Apesar de a avaliação ser um tema bastante debatido, mas não o suficiente para deixarmos de discutir, acomodarmos e aceitarmos as práticas utilizadas atualmente por alguns educadores que ainda utilizam a avaliação no sistema tradicional, como Ferreira (2009) afirma:

...mesmo consciente dessa situação, o professor ainda pratica uma avaliação nos moldes tradicionais. Sendo o professor o principal responsável para operacionalizar a mudança, é preciso que tenha base consistente em uma teoria de aprendizagem que lhe norteie os rumos, pois, para mudar a avaliação, é necessário rever os outros aspectos que envolvem o processo ensino-aprendizagem. (p.40)

É bem visível a questão da avaliação quando se trata da prática utilizada no espaço de sala de aula, o que se percebe são professores utilizando os mesmos instrumentos e critérios, *que sabemos não surtir o efeito desejado, mas que por questão de comodidade continuam a usá-los.*

Blanchard e Muzás (2008) falam da importância da avaliação como prática educativa, no sentido de reorganizar e regular o processo de ensino e aprendizagem e serve também para o educador fazer questionamentos sobre a sua prática de sala de aula e a aprendizagem do aluno:

A avaliação é fundamental para assegurar que a unidade favoreça o desenvolvimento das capacidades do sujeito. Por isso, vamos utilizá-la como uma estratégia para nos trazer dados muito concretos para trabalhar com cada aluno. Mas para que nos traga esses dados concretos, ela deve ter uma série de características que o permitam e traduzir-se em instrumentos que o facilitem. (p.81)

A avaliação é sem dúvida um instrumento que permite quando bem utilizado pelos professores, melhora na aprendizagem e desenvolvimento intelectual de cada aluno. Por isso, esse instrumento deve utilizar características claras com estratégias bem organizadas e planejadas, para que possam permitir ao educador capacidade de perceber de forma concreta o crescimento de seus educandos.

## 1.1-Abordagem conceitual

O enfoque avaliativo de Tyler (citado por Ferreira, 2002) diz que:

O processo avaliativo consiste em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo atingidos e como visam a produzir mudanças de comportamento (...) a avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo. (p.30)

A construção do conceito de Avaliação tem pressupostos de vários autores, inclusive de autores norte-americanos como Tyler (1979), quando inclui os procedimentos avaliativos como o teste, escala de atitude, inventários, questionários, fichamentos e outros meios de coleta de dados do rendimento do aluno, para poder alcançar os objetivos pretendidos. Mas de acordo com Ferreira (2002) esta proposta de Tyler baseada no comportamentalismo e tecnicismo foi bastante criticada, primeiro por primar pela mudança de comportamento e de apresentar o caráter positivista, fundamentada nos resultados do que é testado; segundo, por visar apenas à produção.

Quanto a Bloom, Ferreira (2002) afirma que o autor não mudou a concepção positivista e tecnicista de Tyler, mas que ganhou ampla divulgação e aceitação.

De acordo com o pensamento da autora acima, Bloom defende a idéia da aprendizagem para o domínio, com base nos seguintes aspectos:

- A aprendizagem é teoricamente disponível para todos;
- As diferenças individuais devem ser consideradas, e usadas estratégias que promovam o máximo de desenvolvimento;
- Os estudantes são capazes de aprender em seu próprio ritmo – a aptidão é que determina;
- Distinção marcante entre o processo de ensino – que prepara o estudante, e o processo de avaliação – que verifica a extensão do domínio. Assim, o aluno sente que esta sendo avaliado em nível de desempenho e não em função da curva normal;
- Testes curtos de diagnóstico podem ser aplicados, para verificar o nível do domínio, por isso os alunos não devem receber nota, servem apenas para fornecer informações para a melhoria do desempenho. (p. 25)

Segundo Ferreira (2002), as propostas de Tyler e Bloom foram as mais marcantes e com forte influência até hoje no nosso processo de avaliação, conseguindo superar a própria instituição escola, inclusive passando a fazer parte da legislação do ensino brasileiro

### **1.3.2 - Objetivo da Avaliação**

São muitos os questionamentos acerca dos objetivos da avaliação, que muitos professores apenas a utilizam como um meio de medir a capacidade do aluno, isto é, saber o que este aprendeu, fazendo com que pensemos que só existe esse objetivo.

Vasconcellos (2007) enfatiza que o primordial objetivo da avaliação no processo escolar “é ajudar a garantir a formação integral do sujeito”. (p.57) o autor entende, ainda, que o sentido maior da avaliação é: “avaliar para que os alunos aprendam mais e melhor. Enquanto Hoffmann (2008), ao ser questionada sobre qual deve ser o objetivo da avaliação hoje, faz o seguinte comentário:

Avaliar não é observar se o aluno aprende. Esta resposta já se tem: todos aprendem sempre, senão não estariam sequer vivos, pois enquanto se respira, se aprende. Entretanto, ninguém aprende sozinho, aprende-se muito melhor com o outro, com o diferente ou na interação com os pares, mas, sobretudo com o apoio, com desafios intelectuais significativos. (p.149)

Percebemos claramente no texto acima, que avaliar não é uma tarefa fácil, pois a aprendizagem é um estudo contínuo que requer interação com o outro, com o diferente, principalmente com apoio e níveis mais elevados de conhecimentos que tenham sentido para o aprendiz.

### **1.3.3- Critérios de Avaliação**

Antes de qualquer instrumento de avaliação é imprescindível que professores e alunos determinem quais critérios irão utilizar. Os critérios deverão ser fundamentados na fidedignidade, validade e eficiência da avaliação. Sant’Anna (2009) conceitua os critérios como sendo:

Indicadores que determinam a maneira como se realizará a supervisão das atividades educacionais...o conjunto de aspectos que servem de norma para avaliações. Os critérios poderão ser expressos por quantidade (percentagem, número mínimo), qualidade (clareza, objetividade, precisão, assiduidade, etc.), tempo (responder corretamente em cinco minutos). (p.80)

Cada tipo de instrumento requer diferentes critérios de avaliação, entretanto é importante considerar que para correção de questões dissertativas, Sant’Anna (2009) defende

que “o professor deverá usar um critério próprio, tanto quanto possível objetivo, para não prejudicar algum aluno”. (p.65)

É necessário, pois, que se faça uma profunda revisão da proposta curricular, levando em conta não só os avanços teóricos em cada área do conhecimento, mas também as condições objetivas de trabalho existentes nas escolas. A mudança nos critérios de avaliação necessariamente virá como decorrência da nova proposta. É hora de abandonar a avaliação como elemento disciplinador e transformá-la em instrumento para a criação de algo novo, utilizando esse antigo acessório pedagógico como forma de aprofundar conhecimentos.

### **1.3.4 - A Avaliação e suas Modalidades**

As nossas práticas avaliativas vivenciadas em sala de aula são motivos de constantes reflexões, que segundo Sant’Anna (2009) e de acordo com Bloom, classificam-se nas seguintes modalidades de Avaliação em: Diagnóstica, Formativa e Somativa; a respeito da forma como avaliamos, para tanto, é preciso que se conheça cada uma dessas modalidades para que possamos analisá-las e utilizá-las nas práticas avaliativas de forma coerente.

Na Diagnóstica busca-se detectar pré-requisitos para futuros conhecimentos, visando não repetição dos mesmos, para melhor encaminhamento dos assuntos a serem trabalhados. Devem ser realizadas não somente no início do ano letivo, mas no começo de cada unidade de ensino, a fim de obter informações individuais e coletivas de uma determinada turma, verificar o que são capazes de fazer sozinhos ou com ajuda de colegas ou professores e ainda constatar até que ponto uma determinada técnica é o meio para a efetivação de um pensamento, valor que constate o presente e planeje o futuro.

Sant’Anna (2009) menciona, ainda, que geralmente as escolas não utilizam a avaliação diagnóstica, entretanto, para ela esta é de extrema importância, pois se constitui através de:

... uma sondagem, projeção e retrospectiva da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu. É uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para selecionar dificuldades encontradas. (p.33)

Dentro desse pressuposto de se ensinar, Sant’Anna (2009) enfatiza que é preciso que o professor ofereça ao aluno elementos que permitam tornar claro aquilo que aprendeu, e como aprendeu ao longo da sua vida estudantil, esse é um processo que requer interesse e

sensibilidade por parte do educador, mais é extremamente necessário que o faça, para a partir daí realizar o planejamento em cima dos problemas verificados. Esse é sem dúvida, dentro da Avaliação diagnóstica, o ponto de partida para o processo de fato do ensino e aprendizagem. Todavia, essa prática certamente é copiada por grande maioria dos mestres das escolas públicas, o que torna o decurso ensino e aprendizagem falho. Machado (citado por Ferreira, 2002, p.35) diz que a avaliação diagnóstica é um meio eficaz de detectar no decorrer do processo de avaliação as falhas do docente, desvios e dificuldades, de forma que o professor de posse desses dados possa corrigi-los no decorrer do tempo, se constituindo em:

- Um estímulo ao crescimento e ao fortalecimento das dinâmicas do professor e do aluno;
- Um processo na busca do equilíbrio sem censuras, repreensões e punições;
- Uma segurança na caminhada pedagógica;
- Uma garantia dos interesses e do direito das pessoas e das instituições;
- Um meio para superar limitações sem traumas;
- Uma ajuda para o aluno saber tomar decisões, a aprender a aprender por causa da transitoriedade dos conhecimentos.

Ainda seguindo esse mesmo raciocínio sobre a teoria de avaliação, Perrenoud (1999) apresenta como proposta a avaliação formativa, aquela que serve o aluno e o ajuda intelectualmente e enxerga os erros e dificuldades como situações normais no decorrer do desenvolvimento do aprendizado, porém estes devem servir para que o professor observe melhor seus alunos, compreenda seus pensamentos e assim, ajuste sistematicamente e individualmente suas teorias e práticas, otimizando, desse modo, a aprendizagem destes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB), aprovada em 1996, determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos.

Assim, a avaliação formativa serve a um projeto de sociedade pautado pela cooperação e pela inclusão, em lugar da competição e exclusão, construindo uma sociedade em que todos tenham o direito de aprender os saberes educacionais.

De acordo com Sant'Anna (2009), quando menciona a avaliação somativa, enfatiza que sua função primordial é classificar o aluno de acordo com o nível de aproveitamento ou rendimento, e dentro desse ditame a forma mais utilizada é a prova ou teste final.

Entende-se que não podemos fugir dessa modalidade de avaliação, mesmo porque faz parte de toda uma estrutura montada que está pautada na LDB, que estabelece a

compulsoriedade do aluno ter uma nota ao final do bimestre, semestre ou ano letivo dependendo do seu desempenho.

O Quadro I apresenta de forma bem resumida às funções da Avaliação que de acordo com Ferreira (2002) são idéias de quatro autores que analisam o pensamento de Bloom.

Quadro 1 – Modalidade/função da avaliação

<b>AUTOR</b>	<b>DIAGNÓSTICA/ DIAGNOSTICAR</b>	<b>FORMATIVA/ CONTROLAR</b>	<b>SOMATIVA/ CLASSIFICAR</b>
<b>Haidt 1995 (Bloom)</b>	-Conhecer o aluno: bagagem cognitiva, habilidades. Identificar dificuldades de aprendizagem (causas).	-Verificar se os objetivos foram atingidos. Informar sobre progressos e dificuldades. -Retroalimentação. -Objetivo: aperfeiçoar o processo e dar condições de êxito.	-Promover o aluno: classifica segundo o nível de aproveitamento. -Caráter seletivo e competitivo.
<b>Sant'Anna 1995 (Bloom)</b>	-Determinar a presença ou ausência de conhecimentos, habilidades, pré-requisitos. -Sondagem da situação do desenvolvimento do aluno. Ver o que aprendeu e o que não aprendeu. Objetivo: reajustar a ação.	-Localizar as deficiências na organização do ensino. -Indicar como os alunos estão se modificando. -Objetivo: tomar decisões.	-Classificar segundo nível de aproveitamento, segundo rendimento.
<b>Lian Sousa in Souza 1993 (com base em vários autores, inclusive Bloom)</b>	-Caracterizar o aluno quanto a interesses, necessidades e habilidades de aprender. -Objetivo: replanejar o trabalho	-Favorecer o desenvolvimento individual, estimular crescimento e capacidade de auto-avaliar-se. Controlar a eficácia dos planos e eficiência dos métodos. Verificar alcance dos objetivos. -Objetivo: tomada de decisões.	-Classificar o aluno de acordo com nível de aproveitamento (no final).
<b>Diniz 1982 (Bloom)</b>	Determinar as habilidades iniciais, requisitos prévios, caracterizar interesses, personalidade, atividades. -Descobrir causas e deficiências da aprendizagem. -Objetivo: tomar medidas terapêuticas.	-Avaliação sistemática para precisar o grau de domínio da aprendizagem. Feedback contínuo, alerta. -Verificar falhas (sem notas). -Recuperação imediata, imprescindível.	-Classificar o aluno segundo o nível de aprovação expresso em notas. Produto Final.

Fonte: Ferreira (2002, p.33).

Para Ferreira (2002) a avaliação apresenta dois pontos de vista, com poucas diferenças. Uma ligada aos resultados através das provas, testes, notas, com evidência no quantitativo; outras no processo, com destaque para a reflexão-ação, com ênfase no qualitativo.

Contudo, percebemos que as modalidades acima citadas estão vinculadas entre si, de acordo com cada momento e função de cada uma.

### **1.3.5 - Da Necessidade de mudar as práticas de Avaliação**

É imprescindível hoje que façamos um esforço e tentemos mudar nossa forma de avaliar, embora saibamos que é preciso muita força de vontade e acima de tudo o comprometimento e compromisso com a educação. Isso pode ser ratificado no conceito de Vasconcellos (2009):

A indicação da necessidade de mudança nos remete a necessidade de envolvimento dos sujeitos com tal processo; para haver mudança é preciso compromisso com uma causa, que pede tanto a reflexão, a elaboração teórica, quanto à disposição afetiva, o querer. (p.13)

Avaliar requer do avaliador certo grau de conhecimento, mas acima de tudo percepção e sensibilidade naquilo que avalia. Avaliação para tanto é um processo complexo, porém dinâmico, que exige de quem avalia um acompanhamento constante, para isso tem que haver compromisso, engajamento com a causa e acima de tudo ter coragem de inovar na elaboração de novas formas de avaliação.

É importante frisar a questão da morosidade na ação pedagógica que não consegue acompanhar as mudanças que acontecem simultaneamente em outros setores da sociedade, a respeito disso Ferreira (2002), faz o seguinte comentário:

Vivemos em época de rápidas mudanças, e o “novo” nos surpreende a cada dia, mas a prática pedagógica acompanha a passos lentamente. Muitos professores não estão conformados com esta situação e acham que é tempo de mudar em face ao contexto que envolve o processo ensino-aprendizagem e, em particular, o aluno sujeito relevante do ato educativo. (p.40)

As mudanças que dizem respeito às práticas pedagógicas, não têm, na verdade, acompanhado as mudanças em vários segmentos da época contemporânea, talvez isso tenha acontecido em função da majoritária parte de professores tradicionais, que simplesmente não querem ou não têm coragem de mudar e que de certa forma inibe a parte minoritária que



clama por mudança, mas que infelizmente pouca coisa pode fazer para que isso ocorra efectivamente.

#### **1.4-As Formas e Instrumentos de Avaliação no contexto de sala de aula**

As formas e instrumentos de avaliação são meios que os professores usualmente utilizam em sala de aula, para diagnosticar, ajudar o aluno a enxergar e dirimir as suas próprias dificuldades e por fim classificar o aluno de acordo com o seu nível de aproveitamento. Entretanto, quando questionados sobre como avaliar, apontam uma variedade de instrumentos de avaliação, como se a variedade fosse determinar a qualidade do ensino desse professor, às vezes essas idéias podem ser errôneas. Vasconcellos (2008) faz algumas considerações sobre o assunto:

Às vezes, pela intensa solicitação que se faz para se falar da elaboração de instrumentos de avaliação, tem-se a impressão de que existiria algo mágico, alguma fórmula secreta que levaria a avaliar bem, num jogo inconsciente, como se todo o resto não influenciasse como se fosse possível preparar bem um instrumento e com isto “salvar” todo o processo educativo. Entretanto, pode haver uma dose de bom senso nesta busca, pois uma nova postura de avaliação leva necessariamente a novas técnicas e novas práticas, a novas maneiras de se relacionar com os instrumentos. (pp.122-123)

Hoffmann (2001) também tece alguns comentários sobre os diversos significados dados aos instrumentos de avaliação, para poder perceber os seus avanços em relação aos conhecimentos pretendidos:

Quando se aborda a questão dos instrumentos de avaliação quando em cursos e seminários, percebe-se que esse termo é compreendido de maneiras distintas. Para alguns professores, instrumentos de avaliação são os documentos utilizados para registro do desempenho dos alunos: boletins, pareceres, relatórios finais. Para outros, instrumentos de avaliação, são entendidos como tarefas e testes aplicados pelo professor que, analisados, servem de dados de acompanhamento do aprendizado do aluno (...). Quando me refiro a instrumentos de avaliação, estou falando sobre testes, trabalhos e todas as formas de expressão do aluno que me permitam acompanhar o seu processo de aprendizagem – tarefas avaliativas. (p.118-119)

Infelizmente quando se fala sobre instrumentos de avaliação, ainda existe certa confusão entre alguns professores, discernir o problema é necessário, para que de fato se encontre um sentido único, sentido esse que permita desvendar as formas expressivas do aluno e seguir passo a passo o seu desenvolvimento enquanto aprendiz.

Antunes (2002) faz o seguinte questionamento: “por que é importante transformar o aluno em um agente da construção dos instrumentos e meios usados para a sua avaliação?”, nessa indagação ele afirma que o processo de avaliação serve também para proporcionar informações essenciais sobre a construção de significados que estão realizando, tendo em conta que todas as atividades de avaliação precisariam simbolizar funções auto-reguladoras. Mas o importante seria que os próprios alunos pudessem utilizar os métodos de sua avaliação para constantes e periódicas “auto-avaliações”, de suma importância, como meio de proporcionar diagnósticos relevantes que ajudassem com pertinência e eficácia a superação de dificuldades. Seria uma maneira de aprender a aprender. Como diz Sousa (2002),

*a verdadeira aprendizagem depende em grande parte das relações que mentalmente se estabelecem entre os significados construídos e os significados já existentes na estrutura cognoscitiva do aluno. Quanto maiores, mais complexas e mais imensas forem essas relações, tanto mais significativa é a aprendizagem que o aluno alcançou, mas nenhum meio de avaliação alcança em sua integral plenitude tudo quanto, efetivamente, um aluno foi capaz de aprender. (p. 133)*

O aluno ao receber um conhecimento já traz com ele uma gama de conhecimentos que podem facilitar os processos de assimilação de novas informações. Por isso é imprescindível que os conteúdos trabalhados em sala de aula, não sejam muito distantes de sua realidade, pois cada vez que há esse distanciamento, a tendência é dificultar ainda mais a aprendizagem significativa do aluno, que tem dificuldade de fazer analogia com o seu cotidiano.

#### **1.4.1 - A Importância dos Instrumentos de Avaliação**

Alguns aspectos importantes de acordo com Fernandes (2008, p.29) devem ser levados em consideração na hora de se elaborar os instrumentos de avaliação, são os seguintes:

- a) a linguagem a ser utilizada: clara, esclarecedora, objetiva;
- b) a contextualização daquilo que se investiga: em uma pergunta sem contexto podemos obter inúmeras respostas e, talvez, nenhuma relativa ao que, de fato, gostaríamos de verificar;
- c) o conteúdo deve ser significativo, ou seja, deve ter significado para quem está sendo avaliado;
- d) estar coerente com os propósitos do ensino;
- e) explorar a capacidade de leitura e de escrita, bem como o raciocínio.

Além disso, é importante que o aluno também conheça os aspectos que estão sendo avaliados, para melhor ser acompanhada sua aprendizagem. Para Fernandes (2008, p.29), os

instrumentos podem ser utilizados ou construídos com a finalidade de acompanhar a aprendizagem dos estudantes, em vez de fazer uma medição pontual do seu desempenho. Ou seja, os instrumentos não têm o propósito apenas de verificação de notas, mais sim de perceber os avanços que o estudante está tendo em relação ao seu rendimento.

O papel dos instrumentos de avaliação é enfatizado por Vasconcellos (2008), quando fala da preocupação em mudar a atitude do professor em relação à sua práxis pedagógica, por isso é importante o:

*... como avaliar, a qualidade do instrumento também é importante, pois a própria transformação da postura do professor pode ficar comprometida se ele se prender a instrumentos/formas de avaliar tradicionais (estando em processo de mudança, precisará de um bom instrumento que lhe ajude a perceber como está indo em seu intento). Ocorre que este como está ligado a concepção (arraigada) de educação que o professor/escola tem. Se não mudarmos as finalidades, de nada adiantará sofisticar o instrumento. São, portanto, desafios que se imbricam: a mudança de postura em relação às finalidades (da educação e da avaliação) e a busca de mediações adequadas (de ensinar e de avaliar). (p.124)*

Não obstante, é importante ressaltar que alguns professores até se preocupam em usar e inovar na aplicação da diversidade de instrumentos de avaliação colocados a sua disposição, contudo, isso parece não ter sentido, se não mudam suas concepções a respeito da maneira de ensinar, que certamente comprometem as transformações que devem ser usadas na hora de avaliar.

#### **1.4.2- A Prova de avaliação**

Quando falamos de prova como instrumento de avaliação, logo vem à nossa mente que não estamos avaliando o aluno dentro de uma modalidade construtivista e que estamos sendo no mínimo tradicionais, utilizando a prática somativa. Mas em seguida pensamos, se a prova é algo tão antigo, debatido e questionado por muitos educadores, qual o motivo que leva a maioria dos educadores a utilizá-la em suas práticas avaliativas? De acordo com Moretto (2008), os professores ainda a utilizam, em virtude de não lhes ser oferecida uma alternativa a contento e culturalmente contextualizada para substituir as tradicionais provas. O autor, quando se refere à impossibilidade de se acabar com a tão temida prova, sugere que esta seja então, transformada em um instrumento de construção de conhecimento.

Ao utilizarmos a prova como um dos instrumentos mais antigos e usados pelos professores, Sant'Anna (2009) afirma que:

Não existe um tipo de questão melhor ou pior para verificar o progresso do aluno. O importante é que elas sejam bem elaboradas de forma a permitir que o professor e aluno tenham, com sua aplicação, uma percepção clara, objetiva e real das condições deste, ajudando-o a crescer, participar e responsabilizar-se pelos aspectos focalizados no trabalho escolar. (p.57)

Vasconcellos (2008) fala com bastante domínio sobre o uso da prova como forma de comprovar uma ação e não apenas como uma “dimensão de aprendizagem”: A prova dentro da ótica do aprender serve como um medidor da capacidade daquilo que o aluno foi capaz de absorver do ensinamento que lhe foi passado, contudo, quando vem com esse objetivo, tem que conter os seus objetivos, com clareza, permitindo que esta seja de fato um instrumento capaz de demonstrar o conhecimento e as dificuldades do aluno, possibilitando ao professor corrigir falhas porventura existentes nessa relação. E não apenas como um instrumento de extensão da capacidade de aprendizagem do aluno, que não leve em conta as suas dificuldades:

Na prática, quais os motivos que levam o professor a usar a “prova”? É mais cômodo (permite um tempo para “respirar”, corrige tudo de uma vez, etc.); o docente tem a visão de que “sempre foi assim”, não percebe a necessidade de mudar; não sabe como fazer diferente; sente-se seguro assim, já que há uma legitimação social para este tipo de prática (especialmente em termos de preparação para os exames); existe a possibilidade de usá-la como ameaça para o aluno (forma de controle do comportamento); e localiza o problema no aluno, não se questionado o processo. (p. 125)

De acordo com Vasconcelos (2008) a grande maioria dos educadores utiliza a prova como instrumento de avaliação, tendo em vista a praticidade de correção, os métodos empregados por estes que são geralmente as questões de marcar, isso porque quando da correção, utilizam apenas um gabarito, sem para isso perder muito tempo com o produto. Diante disso, se pressupõe que esses professores não estão preocupados com as mudanças ocorridas no processo, com a qualificação dos seus alunos e com a nova ordem a ser implementada na educação.

Logicamente que a prova como instrumento de avaliação, apesar de ancestral, como considera Sant’Anna (2009), deve ser considerada como uma potente ferramenta à disposição dos professores no decorrer do processo, principalmente para a maioria que a vê como a principal fonte de percepção da evolução e desenvolvimentos do seu alunado.

Entendemos que esse instrumento, embora não sendo exclusivo, deve ser preservado no contexto do novo paradigma de educação, não apenas como forma de medir a capacidade do aluno, no sentido de se saber apenas o que este aprendeu durante

o período, mas como uma forma de diagnosticar além do aprendizado os erros e suas deficiências, proporcionando ao docente ajustar o seu planejamento.

#### **1.4.3-A pesquisa**

A pesquisa além de ser um procedimento de aprendizagem também é um instrumento de avaliação, que segundo Blanchard e Muzás (2008), tem como objetivo:

Oferecer aos alunos uma estratégia, alguns passos, um caminho que os ajude a passar da busca por tentativa e erro para uma busca sistemática. Introduzi-los em um modo de trabalho ordenado por meio do qual vão estruturando seu conhecimento, que os vai ajudando a procurar as razões das coisas, explicações, causas e conseqüências, que os ponham em situação de realizar uma aprendizagem ativa para que, no encontro com as teorias acabadas e realizadas por outros, possam discuti-las, contrastá-las, provocando-se assim o conflito cognitivo e, dessa forma, assimilando o conhecimento, relacionando-o com a vida, com o que já se Sabe, entendendo desde o princípio que o conhecimento se apóia no que os outros descobriram e continua aberto para a construção posterior. (p.197)

Através do comentário acima de Blanchard e Muzás é inevitável não percebermos a importância da pesquisa no processo de avaliação escolar. Para tanto, esta oferece a possibilidade do conhecimento sistematizado, organizado, que deve ser perseguido por todos os estudantes em qualquer nível de conhecimento, através de uma trilha onde se aprende ultrapassando obstáculos, se apoiando no conhecimento estruturado por seus ancestrais, fazendo gerar conflito de idéias, necessárias as descobertas racionais da vida, propiciando a abertura para outros que ainda virão, para novas descobertas.

#### **1.4.4- A observação**

O professor enquanto mediador do processo avaliativo pode e deve usar a observação em qualquer atividade escolar, até mesmo no comportamento do aluno. A observação é um instrumento que deve ser utilizado sempre no processo avaliativo, entretanto, é importante que o professor registre essas observações, para usá-la quando necessária, tanto como forma de elogio, como também para aqueles que apresentam uma melhor performance em suas atividades, como para aqueles que precisam ser ajudados no aprimoramento do seu desenvolvimento humano e intelectual.

De acordo com Sant'Anna (2009) a observação se constitui mesmo como uma técnica de investigação de ensino, cujo objetivo é constatar um fato, comprovar hipóteses e interpretar certo fenômeno.

#### **1.4.5 - Os Relatórios**

O relatório enquanto instrumento de avaliação é bastante usado, principalmente quando os professores pedem aos alunos para relatar algum projeto pedagógico, palestra ou algum evento que aconteceu na escola, sendo que alguns professores não estabelecem normas para o referido relatório e os alunos acabam fazendo de qualquer jeito.

Sant'Anna (2009) conceitua relatório como uma exposição por escrito sobre circunstâncias que está redigindo um documento ou projeto, acompanhada dos argumentos que militam a favor ou contra a sua adoção.

É de suma importância este tipo de instrumento para relatar, informar e fornecer resultados em uma determinada atividade como pesquisa solicitada pelo professor.

#### **1.4.6 – Os Portfólios**

O Portfólio é um instrumento de avaliação que não é muito usado pela maioria dos educadores, consiste em uma pasta onde são guardados os trabalhos feitos pelos alunos no decorrer de um período letivo, que pode ser um bimestre, semestre ou mesmo o ano letivo.

De acordo com Hoffmann (2001), o uso do portfólio torna-se importante pela formação de um conjunto de dados que irá contribuir com o avanço estudantil do aluno, portanto:

Não há sentido em coletar trabalhos dos alunos para mostrá-los aos pais ou como instrumento burocrático. Ele precisa constituir-se em um conjunto de dados que expresse avanços, mudanças conceituais, novos jeitos de pensar e de fazer, alusivos à progressão do estudante. (p.133)

Através dos portfólios é possível acompanhar, analisar e comparar as diversas atividades realizadas pelos alunos no sentido de verificar seus progressos em relação às atividades desenvolvidas.

#### 1.4.7- A Auto-avaliação

A auto-avaliação usada como instrumento de avaliação é pouco utilizada pelos professores, pois ainda não faz parte da rotina de sala de aula, mas é uma ferramenta que proporciona responsabilidade aos educandos no processo de aprendizagem e autonomia, como afirma Fernandes (2008):

A auto-avaliação ainda não faz parte da cultura escolar brasileira. Entretanto, se quisermos sujeitos autônomos, críticos, devemos ter consciência de que tal prática deve ser incorporada ao cotidiano dos planejamentos dos professores, do currículo, por fim. (p.35)

De acordo com Sant'Anna (2009), que retrata a importância do aluno se sentir seguro para realizar tal instrumento, faz o seguinte comentário sobre auto-avaliação:

A auto-avaliação enquanto instrumento de avaliação é capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira. (...) Para que a auto-avaliação tenha êxito é preciso que o professor acredite no aluno e ofereça condições favoráveis à aprendizagem, pois só assim este se sentirá seguro, confiante e manifestará autenticidade. (p. 94)

De acordo com Fernandes (2008), que faz um comentário muito salutar sobre a auto-avaliação, esta deve proporcionar ao aluno a auto-reflexão no sentido de mudar sua postura, suas atitudes, tanto individuais quanto em grupos, seus avanços, medos e conquistas, que conseqüentemente devem ajudar na superação dos empecilhos de aprendizagens e em qualquer processo de aprendizagem.

O presente capítulo ressaltou a abordagem teórica sobre as formas e instrumentos de avaliação, enfatizando as modalidades avaliativas assim como os instrumentos mais utilizados pelo professores, como: provas, seminários, trabalhos em grupo e individual entre outros.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho é muito mais do que uma produção investigativa, pois através de nossas ações, emoções, teorias e práticas somos capazes de lutar por uma educação de qualidade, onde deixaremos de ser apenas leitores para sermos atores principais dessa história, colocando toda nossa experiência e aprendizagem a serviço de uma educação de qualidade. De maneira que cada Forma e Instrumento avaliativo utilizado pelos docentes durante as suas práticas de avaliar não seja apenas pragmático, mas,

no entanto, coerente com cada discente avaliado, possibilitando esse externar todos os seus conhecimentos.

E para melhor confirmar a autenticidade das indagações evidenciadas neste capítulo, organizámos procedimentos de coleta de dados através dos instrumentos citados a seguir, com o intuito de elucidar nossas inquietações.

## **2.ª PARTE – ESTUDO EMPÍRICO**

## **CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA**

### **2.1-Introdução**

Vive-se em uma sociedade onde a Educação sistematizada é priorizada e de certa forma valorizada, isso tem oportunizado a ascensão social da maioria dos discentes. Por outro lado, tem se percebido a formação cada vez maior de grupos de professores, dispostos a apresentar novas reflexões sobre a Avaliação da Aprendizagem, onde se busca a possibilidade de melhorar as práticas realizadas no contexto escolar, bem como a utilização de métodos, técnicas e instrumentos de avaliação que irão contribuir na sistemática qualitativa da aprendizagem dos alunos.

Em todos os níveis de ensino tem-se usado a pesquisa, desde o ensino fundamental ao nível mais elevado como o mestrado e o doutorado, cada um com suas especificidades e profundidade, no caso a partir da graduação já se exige uma pesquisa mais rigorosa, pois de acordo com Ludke e André (2004) é preciso “promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele” (p.2)

Pesquisa é uma atividade que exige planejamento prévio no sentido de organizar todas as etapas e tarefas que almeja alcançar. Uma pesquisa para ser bem sucedida é necessário que o pesquisador tenha pleno envolvimento com a metodologia a ser adotada, que significa escolher a trajetória a ser seguida.

Pesquisar é ir em busca de respostas coerentes, objetivas e válidas para suas inquietações.

Para Chizzotti (2005, p.11) “o investigador recorre à observação e a reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e a experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas”.

É importante ressaltar que o pesquisador tem um papel importante na investigação e que é “justamente de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa” (Ludke e André, 2004, p.5); além disso, para Gil (1991) um bom pesquisador tem que ter criatividade, curiosidade, integridade intelectual e sensibilidade social.

A pesquisa em questão propõe a abordagem predominantemente qualitativa com preferência para o Estudo de Caso, que para Yin (2005) estimula a desafios.

Quanto aos instrumentos utilizados na Pesquisa utilizamos a observação não participativa, as entrevistas, os questionários com perguntas fechadas e abertas e análise de documentos, todos foram bastante úteis na recolha de dados para que as informações coletadas fossem as mais válidas, de qualidade e originais possíveis.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, através dos instrumentos acima foi possível traçar as principais caracterizações dos coordenadores pedagógicos, professores e alunos.

No que se refere à análise de dados qualitativos foi realizada através da triangulação com os instrumentos utilizados. Quanto aos dados quantitativos foram tratados através de estatísticas que foram constituídos e representados através de gráficos.

Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem, temática que trata este estudo, teve o intuito de investigar, analisar, mas também ampliar os aspectos teóricos sobre o referido tema, tendo em vista ser um assunto bastante polêmico, muito discutido e de grande complexidade. A investigação teve a intenção de averiguar com certa profundidade como se dá o atual processo avaliativo dos estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede pública, tomando por base a Escola Estadual Esther da Silva Virgolino em Macapá - Ap. Já para efeito de análise, parte-se da compreensão de que a avaliação deve servir para diagnosticar e orientar os Instrumentos de Avaliação na ação pedagógica dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Neste capítulo, inicialmente abordaremos o perfil da escola, apresentando o quadro de pessoal e de funcionamento da escola campo e, posteriormente, a abordagem metodológica, o tipo de pesquisa, a recolha de dados, os sujeitos da pesquisa e o tratamento dos dados.

## **2.2 - Perfil da Escola Campo**

A Escola Estadual Esther da Silva Virgolino, fica localizada na zona norte da cidade de Macapá, na Avenida Aurino Borges de Oliveira, 924, bairro de São Lázaro<sup>3</sup>.

Sua Inauguração deu-se no mês de setembro de 1996. Apesar de ter sido inaugurada no ano de 1996, com o nome de Escola Estadual São Lázaro, somente no ano de 1997 é que foi criada através do Decreto 0150/97 – GEA, a 22 de Janeiro de 1997, com o nome de Escola Estadual Esther da Silva Virgolino, em homenagem a uma grande educadora e formadora de inúmeras gerações quando Professora da ex-Escola Normal. Em 23 de Março de 1997 deu-se início ao primeiro ano letivo. E no dia 20 de setembro de 2000 foi reconhecida pelo Conselho

---

<sup>3</sup> Projeto Político Pedagógico da Escola Esther Virgolino.

Estadual de Educação, marcando assim mais uma conquista que muito engrandece o nome da escola.

A escola surgiu da fusão dos cursos de 2.º Grau (básico e magistério) das Escolas Maria Neuza do Carmo e Ruth de Almeida Bezerra, respectivamente, como forma de oferecer opção de um ensino de 2º Grau de qualidade em um bairro periférico. O curso de Magistério perdurou até o ano de 2002, já com o número de turmas reduzido, quando a Escola passou então a trabalhar com o Ensino Médio. Quando da atuação do Curso de Magistério, o nível educacional era muito bom, pois sendo um curso profissionalizante os alunos eram empenhados em aproveitar ao máximo o que a escola oferecia; os projetos desenvolvidos principalmente no campo de estágio davam nome à Escola, assim como todos os outros que a escola desenvolvia.

Com a extinção do curso de Magistério, o quadro docente sofreu muitas mudanças a clientela é agora muito diferente da que tínhamos antes.

No aspecto administrativo, a escola hoje conta com o Caixa Escolar, programa educacional do Governo Federal, embasado no projeto de descentralização administrativa.

Quanto aos encaminhamentos pedagógicos, a escola vem desenvolvendo projetos de aprendizagem a partir das necessidades apresentadas pela comunidade, assim como, participação de projetos oriundos dos governos federais e estaduais, e de parcerias com outras instituições privadas.

De acordo com os dados coletados para o Projeto Político da Escola, se percebeu claramente a importância que a Escola Estadual Professora Esther da Silva Virgolino possui para a comunidade, pois é uma das poucas que atende a zona norte da cidade no segmento Ensino Médio, desde 2007, e é a única que oferece o Ensino Médio Integrado, curso Profissionalizante em Informática, com duração de quatro anos.

O Ensino Médio Integrado prima por oportunizar aos alunos uma sólida formação inerente à educação básica e profissional capaz de prepará-los para atender às exigências do mercado, para absorver as inovações tecnológicas e avançar no campo profissional em que está inserido.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem, verificou-se que a maioria participa das aulas debatendo os assuntos, fazendo os trabalhos de pesquisa, participando de oficinas e palestras, programações e projetos desenvolvidos pela escola, enfim, sentem-se sujeitos do processo ensino e aprendizagem, uma vez que dão sugestões para a melhoria. Dentre as dificuldades colocadas pelos professores e alunos, que estão interferindo na qualidade do

processo didático metodológico, apontam a necessidade de novos recursos áudios-visuais para a TV escola e acervo bibliográfico para a sala de leitura biblioteca. Quanto à TV- escola pode-se dizer que está praticamente toda equipada com aparelho multimídia, gravador de DVD e CD, televisores e kits de DVDs. A biblioteca, embora com acervo pequeno, funciona normalmente com várias coleções de bons livros, conjuntos de cadeiras e mesas e é toda climatizada.

É importante salientar que a escola tem oferecido aos alunos com necessidades especiais, portadores de deficiência visual, mental e física, acompanhamento gradual e necessário para sua aprendizagem, disponibilizando do seu quadro de pessoal três profissionais especializados na área.

Quanto às instalações físicas, quadro de pessoal e funcionamento da Escola Esther da Silva Virgolino, apresenta o perfil que a seguir se descreve.

A Escola tem 10 (dez) salas de aula, 07 (sete) laboratórios de informática, 01 (uma) sala de leitura, 01 (uma) biblioteca, 01(uma) sala de multimídia, 01 (um) laboratório de exatas, 01(uma) lanchonete, 01 (uma) sala de Xerox, 01(uma) sala dos professores, 01(uma) sala da Coordenação Pedagógica e outra para atendimento dos alunos, 01(uma) secretaria escolar, (uma) sala da Direção, 02 (duas) salas de arquivo, 02(dois) depósitos, 01(um) auditório, 01(uma) cozinha, uma quadra poliesportiva com sala de dança e 08(oito) banheiros.

Quadro 2 – Pessoal da Escola

Segmentos	Número de Pessoas	Número de pessoas por turno		
		Manhã	Tarde	Noite
Direção	01	-	-	-
Vice-direção	01	-	-	-
Coordenadores pedagógicos	03	01	01	01
Professores	68	24	22	22
Administrativo	12	04	03	03

Secretaria	01	-	-	-
Serventes	11	06	05	-
Merendeiras	06	02	02	02
Vigias	06	01	01	04
Total	109	-	-	-

Quadro 3 – Funcionamento da Escola

<b>Quadro de Funcionamento</b>				
<b>Turno</b>	<b>Série</b>	<b>Horário</b>	<b>Número de Turmas</b>	<b>Número de alunos</b>
Manhã	1ª a 3ª	07h30min às 12h00min	10	550
Tarde	1ª a 3ª	13h30min às 18h00min	10	490
Noite	1ª a 3ª	18h30min às 22h30min	10	450
Total	-	-	30	1490

A filosofia da Escola Esther da Silva Virgolino, adota a Linha Técnico-filosófica, fundamentando-se na abordagem sócio-cultural Tendência Crítico-social dos conteúdos, onde de acordo com Libâneo (1999) se enfatiza o domínio dos conteúdos, tendo como objetivo a criticidade desses assuntos vivenciados, confrontando-os com a realidade atual, buscando melhorar a compreensão desses conteúdos inquiridos.

A Escola em questão dispõe de organização curricular, embasada nas prerrogativas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares do Estado do Amapá.

Quanto à sistemática de avaliação utilizada na referida Escola, a mesma segue as Diretrizes Nacionais e a Sistemática de Avaliação implementada pela Secretaria estadual de Educação do Estado (SEED).

### **2.3-Abordagem metodológica**

O presente estudo sobre Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem foi realizado através de uma abordagem de análise de dados qualitativos e quantitativos, com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Quanto à análise qualitativa, segundo Chizzotti (2005, p.79), parte do princípio de que há uma analogia muito ativa entre a realidade e o sujeito.

Quanto à abordagem podemos dividi-la em abordagem quantitativa que significa transformar em números as opiniões e informações e conseqüentemente classificá-la e analisá-las utilizando recursos e técnicas estatísticas, enquanto que na pesquisa qualitativa não utilizamos o uso de métodos e técnicas estatísticas, é descritiva e os dados são analisados de forma indutiva.

A pesquisa quantitativa, de acordo com Flick (2009), em geral, caracteriza-se pelo uso de questionário fechado e Chizzoti ((2005, p.52) fala que na pesquisa quantitativa há a previsão da mensuração de variáveis preestabelecidas, no sentido de conferir e esclarecer sua influência sobre outras de acordo com a análise da frequência de casos e de ligações estatísticas. Ludke e André (2004) falam que “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada” (p.11). Já Teixeira (2005) diz que as experiências pessoais do pesquisador são elementos bastante significativos na análise e compreensão dos fenômenos estudados. Para a autora (pp.137-138) a pesquisa qualitativa tem as seguintes características:

- O Pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização;
- A pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação;
- A pesquisa enfatiza o processo dos conhecimentos, isto é, a seqüência dos fatos ao longo do tempo;
- O enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere á pesquisa bastante flexibilidade;
- A pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados.

As características acima são exigências de quem pesquisa que correspondem à necessidade de se colocar como alguém intrínseca a instituição, no sentido de ver e compreender como se processam as informações dentro desse contexto, aproveitando-se de uma seqüência lógica de todos dos fatos que servirão para o aprimoramento dos conhecimentos ao longo do tempo. Teixeira (2005), ainda menciona a importância de uma pesquisa não vinculada a uma forma determinada, mas uma pesquisa discricionária e flexível do ponto de vista do pesquisador, da sua sensibilidade, de sua vontade de mudança quando preciso, utilizando quando necessário na sua pesquisa a maior fonte de dados possível, isso fornecerá maior subsídio para alcançar plenamente o seu objetivo.

A referida pesquisa visa conhecer a prática utilizada pelos professores, denominada *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um Estudo na Escola Esther da Silva Virgolino*, assim como também conhecer e analisar a concepção dos educadores e técnicos da referida escola, sobre o tema em questão.

#### **2.4-A preferência por um Estudo de caso**

Falar do estudo de caso não é assim tão fácil quanto parece, mesmo estando sua importância em constante ascensão, Gil (1991), diz que a referida investigação é adotada nas diversas áreas do conhecimento, entre as quais citamos: educação, medicina, psicologia, direito, entre outras.

Dentro da abordagem qualitativa houve a preferência por um estudo de caso, tendo com objeto de estudo a Escola, por se constituir numa diversidade de pesquisas de um caso particular, como afirma Chizzotti (2005, p.102), e por ser a área de trabalho delimitada, cuja recolha de dados se dá progressivamente, dos aspectos gerais para os mais específicos (Bogdan & Biklen, citado por Teixeira, 2005, p.124).

O estudo de caso para Chizzotti (2005) é aquele que se refere à modalidade de pesquisa e sua origem, entretanto, Gil (1996) diz que sua origem está vinculada ao método introduzido por C.C Laugdell, no ensino jurídico dos Estados Unidos, mas sua propagação está relacionada à prática psicoterapêutica, caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo, bem como ao trabalho dos assistentes sociais junto a pessoas, grupos e comunidades (pp.58,59).

Para Yin (2005) “usar o estudo de caso para fins de pesquisa permanece sendo um dos mais desafiadores de todos os esforços das ciências sociais” (p.19), com o intuito de estimular desafios a pesquisa em evidência.

De acordo com Ludke e André (2004, p.18) as características mais importantes do estudo de caso são as que se seguem:

- Visam à descoberta;
- Enfatizam a “interpretação em contexto”;
- Buscam retratar a realidade de forma completa e profunda;
- Usam uma variedade de fontes de informação;
- Revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas;
- Procuram representar e às vezes os conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.

Segundo Nisbet e Wat (citado em Ludke e André, 2004), o estudo de caso possui características que são divididas em três fases: aberta ou exploratória, coleta de dados e análise e interpretação dos dados.

Na primeira fase é o momento de verificar as questões, os contatos iniciais, informantes e as fontes de dados.

Já na segunda são utilizados os instrumentos na coleta de dados, cuja “importância é determinar os focos da investigação e estabelecer os contornos do estudo que decorre do fato de que nunca será explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo razoavelmente limitado” (Ludke e André, 2004, p.32)

Quanto à última fase diz respeito à análise sistemática e elaboração do relatório. Todavia, os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Ainda sobre o estudo de caso, Yin (2005) fala que este representa a investigação empírica e envolve um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Deste modo, a referida investigação pode ser de caso único ou múltiplo, usado também com abordagens quantitativas e qualitativas de determinada pesquisa.

Para Gil (1991), o estudo de caso caracteriza-se pelo intenso e extenuante estudo de um ou poucos objetos, de maneira que permita o seu extenso e particularizado conhecimento (p.58).

Em virtude do estudo de caso se tornar o delineamento mais adequado em várias situações, Gil (1991, p.59-60) cita as principais vantagens da referida investigação:

- O estímulo a novas descobertas;
- A ênfase na totalidade;
- A simplicidade dos procedimentos.

O autor acima, ainda comenta sobre as limitações que o estudo de caso apresenta referindo-se sobre a dificuldade de generalização dos resultados obtidos. Pois se o objeto a ser investigado é atípico em relação aos outros do mesmo grupo, a pesquisa tornar-se-á eventualmente equivocada. Lembra ainda, que, mesmo que o estudo de caso se acione de configuração relativamente simplória, pode exigir um nível de capacitação mais alto da pessoa que está pesquisando, do que os outros tipos de delineamento.

## **2.5- Os Instrumentos de Coleta de dados**

Com o intuito de assegurar a validade de conteúdos, os instrumentos de recolha de dados (guião de entrevistas, questionários e observação) foram avaliados por especialistas no assunto, na maioria doutores em ciências da educação, cujas sugestões foram devidamente acatadas e inseridas nos respectivos instrumentos para a melhoria dos mesmos e conseqüentemente da pesquisa de campo.

Realizamos todo o processo de investigação em vários ambientes da Escola, como: laboratório de matemática, sala de leitura, sala da Coordenação Pedagógica, tendo em vista a disponibilidade dos Professores e Técnicos que escolhiam o local mais tranquilo e adequado para a entrevista.

A Coleta de Dados apontou para a análise de dados descritiva e ocorreu em etapas, a saber:

- Inicialmente foi feita a pesquisa bibliográfica, que serviu de suporte à formulação de questões e instrumentos de coleta de dados.
- Em seguida utilizou-se a observação não participativa “in loco” (escola), com o intuito de verificar toda a parte estrutural da instituição, como também salas de aula, biblioteca, sala dos professores, assim como presenciar diretamente os sujeitos investigados, coordenadores pedagógicos, professores e alunos, com finalidade de enriquecimento da pesquisa.
- E por último, para identificar a Forma e os Instrumentos de avaliação usada na escola referendada nos dias normais de aula, foi utilizada a entrevista semi-estruturada para o

corpo técnico e professores e aplicado questionário aos alunos, devido ao número bastante significativo.

Quando fazemos uma pesquisa, nos apropriamos de várias fontes de informações; ao nos referirmos ao estudo de caso, é possível utilizar os instrumentos usados na recolha de dados, como: pesquisa bibliográfica, as observações não participativas, as entrevistas semi-estruturadas, análise de documentos e os questionários.

- **Pesquisa Bibliográfica**

Um dos instrumentos utilizados na recolha de dados foi a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Boaventura (2007, p.69) atua sempre como uma primeira fase da investigação. Essa contribui muito com informações enriquecedoras dos autores que tratam deste assunto e os que são utilizados pelos professores.

A pesquisa em pauta foi iniciada baseada em referencial teórico, usando para isso obras de autores consagrados na literatura sobre *Avaliação Escolar*, que tem por fim aumentar nosso conhecimento acerca do assunto em questão.

- **As observações**

Nesta pesquisa foi utilizada a observação não participativa, que segundo Flick (2009, p.204) é uma prática que envolve quase todos os sentidos e se abstém de intervenções no campo, em virtude do observador manter-se distante do objeto investigado a fim de evitar influenciá-lo. Enquanto para Chizzotti (2005) “a observação pode ser metódica e estruturada, que supõe algumas técnicas de controle e classificação dos fatos, e a construção de grades de comportamentos observáveis” (p.17).

Na observação direta, de acordo com Yin (2005, p.113), os pontos fortes dessa pesquisa são:

- Realidade – trata de acontecimentos em tempo real.
- Contextuais – trata do contexto do evento.

Segundo o mesmo autor (2005, p.113) os pontos fracos da observação direta classificam-se em:

- Consumem muito tempo.
- Seletividade – salvo ampla cobertura.
- Reflexibilidade – o acontecimento pode ocorrer de forma diferenciada porque está sendo observado.
- Custo – horas necessárias pelos observadores humanos.

Quanto às limitações da observação não participativa, Flick (2009) faz algumas considerações. Segundo ele, pode ser uma abordagem a partir de uma perspectiva externa, que deve ser aplicada em espaços públicos em função do número de pessoas ser ilimitado ou diferenciado e que ocorram naturalmente. O autor enfatiza ainda a

"abstenção do pesquisador quanto à interação com o campo acaba por provocar problemas na análise dos dados e na avaliação de interpretações devido às restrições sistemáticas na revelação da perspectiva interior do campo e das pessoas observadas". (p.207)

As observações foram realizadas no ambiente escolar da qual a pesquisadora fez parte. A Investigação foi direta, que de acordo com Chiste (2005) permite um diagnóstico mais compreensivo das informações coletadas.

Iniciamos nossa pesquisa de campo, de maneira informal, começando em 2007, quando do início do curso de mestrado, naquele momento ainda não sabíamos ao certo sobre o que escrever, mas tínhamos plena convicção que era sobre Avaliação Escolar. Todavia, os dados só foram realmente registrados a partir de maio de 2009, uma vez que já estava tudo sistematizado acerca do tema escolhido.

Toda a dinâmica da pesquisa foi realizada diretamente no ambiente escolar, mais especificamente em sala de aula, utilizando as reuniões e os projetos pedagógicos como fontes de observações, para suscitar informações capazes de nos subsidiar no decorrer da investigação.

Quanto aos guíões de observação de aulas (apêndice 04) destinou-se a identificar as questões orientadoras para a coleta de dados sobre a prática avaliativa dos professores da Escola Esther da Silva Virgolino e foram feitas com os mesmos professores que fizeram a entrevista semi-estruturada.

Os itens de 01 a 05 dizem respeito ao ambiente de sala de aula com o intuito de conhecer a Tuma observada.

Quanto aos itens de 06 a 10, referem-se ao conhecimento da prática de avaliação feita pelo professor observado, com o objetivo de identificar as estratégias utilizadas pelo referido professor.

Já os itens de 11 a 17 se detêm sobre as formas e instrumentos de avaliação utilizados pelo professor, cujo objetivo é verificar a prática avaliativa do professor em sala de aula.

No que se refere aos itens de 18 a 20, sobre as modalidades de avaliação, o intuito foi verificar informações sobre a temática em questão.

- **As Entrevistas**

As entrevistas (apêndices 01 e 02) foram realizadas através de gravação em fita cassete, todas autorizadas tanto pelos professores como coordenadores pedagógicos entrevistados.

Gil (1996) considera entrevista semi-estruturada ou “parcialmente estrutura, quando é guiada por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do seu curso” (p.92).

Segundo Trivinos (1987) a referida pesquisa é:

aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (p.146)

O autor acima fala ainda que a entrevista semi-estruturada valoriza a presença do entrevistador e ainda permite ao entrevistado liberdade e espontaneidade no sentido de enriquecer a investigação.

Foram entrevistados ao todo 12 (doze) sujeitos, sendo 09 (nove) professores, 03 (três) de cada turno e de áreas diferentes: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e sua Tecnologias e 03 (três) coordenadores, sendo um de cada turno. As questões colocadas em evidência foram às seguintes:

- De acordo com a sua concepção, o que são Instrumentos de Avaliação?
- Qual a importância dos instrumentos de Avaliação?
- Quais os instrumentos de avaliação que você mais utiliza regularmente para avaliar seus alunos?

- Quais os principais critérios que você utiliza no processo de avaliação. Seus alunos são sabedores desses critérios? Como? Quando?
- Quais as modalidades de avaliação que mais utiliza com seus alunos?
- Quais as bases teóricas que utiliza como referencial na avaliação dos seus alunos?

Para garantir o bom entrosamento entre entrevistadora e entrevistado, houve preliminarmente uma conversa informal entre ambos, para que não pairasse nenhuma dúvida a respeito das perguntas acima mencionadas.

As entrevistas direcionadas aos Coordenadores Pedagógicos (Apêndice 01) e aos Professores (Apêndice 02) foram construídas seguindo as ideias centrais da pesquisa em foco, pode se observar que são em sua grande maioria as mesmas do questionário aplicadas aos alunos (Apêndice 03).

As questões de 01 a 04 para os Coordenadores e de 01 a 05 para os Professores dizem respeito à concepção sobre avaliação da aprendizagem, que visa conhecer o entendimento dos entrevistados a respeito da avaliação da aprendizagem e das formas e instrumentos de avaliação.

As questões de 05 a 11 para coordenadores sobre a prática dos professores, tiveram como objetivo identificar a prática de avaliação dos docentes. Enquanto que nas questões de 06 a 10 direcionadas aos professores o intuito foi identificar a prática dos professores em sala de aula.

Com relação à questão 12 para os coordenadores e 13 para os professores, ambas concernem ao conhecimento teórico sobre os respectivos profissionais, cujo objetivo foi conhecer a base teórica utilizada sobre avaliação da aprendizagem.

As questões 13 e 14 direcionadas aos Coordenadores e 14 e 15 aos professores diz respeito ao grau de satisfação desses profissionais com o intuito de conhecer o grau de satisfação em relação à sistemática de avaliação adotada na Escola Esther da Silva Virgolino.

### • Os Questionários

Os questionários (Apêndice 03) foram elaborados por nós e tiveram como objetivo recolher dados sobre as opiniões dos alunos sobre Formas e Instrumentos de Avaliação, além de contribuírem também para a validade da referida investigação.

As questões de 01 a 03 dedicadas exclusivamente aos alunos referem-se à concepção destes no que diz respeito à avaliação da aprendizagem, visam compreender o entendimento dos mesmos a respeito de Instrumentos de avaliação e a importância dos instrumentos.

Quanto às questões de 04 a 14, referem-se à prática de avaliação feita pelos professores, com o intuito de coligir dados consistentes que regulam a prática docente.

Finalizando com as questões de 15 e 16 que tratam do grau de satisfação dos alunos e têm por objetivo conhecer o grau de satisfação destes em relação ao assunto em pauta.

Tendo em vista o questionário ser um instrumento de pesquisa significativa na recolha de dados, todavia, este possibilita ao pesquisador uma celeridade quando da coleta dos referidos dados dos quais precisa, de acordo com Chizzotti (2005) este consiste em:

Um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e seqüencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. (p.55)

Para Marconi e Lakatos (2008) o questionário constitui-se por um instrumento que contém várias perguntas ordenadas e suas respostas devem ser escritas. Sendo que acoplado ao questionário deve-se explicar a natureza da pesquisa, importância e necessidade de obter resposta.

É importante ressaltar que o questionário é bastante usado nas pesquisas quantitativas como também nas pesquisas qualitativas, como testemunha Ferreira (2002) ao referir que a aplicação do referido instrumento em sua investigação foi muito vantajosa, pela quantidade e pela qualidade dos dados colhidos em tão pouco tempo.

Seguindo o pensamento acima, Sant'Anna (2009, p.116) presta sua contribuição citando as seguintes vantagens do uso do questionário.

- Num menor espaço de tempo, um maior número de pessoas podem participar;
- Podem ser respondidos na ausência do solicitante;
- Podem ser enviados pelo correio;
- As informações obtidas por escrito permitem maior liberdade para as respostas, evitando-se interferência de terceiros;
- O anonimato oferece maior liberdade para as propostas.

Enquanto Marconi e Lakatos (2008, p. 87) apresentam algumas desvantagens:

- Percentagem pequena de questionários que voltam;
- Grande número de perguntas sem respostas;

- Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas;
- Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas;
- A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente.
- Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra;
- A devolução tardia prejudica o calendário ou a sua utilização;
- O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidas torna difícil o controle e a verificação;
- Nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões;
- Exige um universo mais homogêneo.

Os questionários foram aplicados somente para os alunos, por ser um número bem maior, no total 45 (quarenta e cinco), sendo 15 (quinze) em cada turno e também por ser ideal para esse quantitativo de sujeitos. Os questionários aplicados aos alunos tinham o mesmo conteúdo das questões feitas para os professores e coordenadores pedagógicos, com raras exceções em algumas que diziam respeito, somente aos sujeitos específicos.

#### • **A análise de Documentos**

No que se refere à busca de informações através de documentos, Chizzotti (2005) diz que acompanha todo o desenvolvimento da pesquisa e se aperfeiçoa como a maturação dos objetivos e fins de investigação. Chizzotti (2005, p.18) diz ainda que a pesquisa documental tem o intuito de responder a necessidade dos objetivos da verificação e pode, de uma forma bem prática, atender às questões a seguir:

- Para que serve as questões documentadas?
- Quais os documentos que são necessários para realizar o estudo do problema?
- Onde encontrá-los, e
- Como utilizar-se deles para os objetivos da pesquisa.

Apesar de no Projeto não estar contemplada a referida pesquisa, foi inevitável a sua utilização, nesse momento, para colhermos algumas informações sobre os sujeitos e podermos confeccionar os quadros demonstrativos de pessoal e do funcionamento da escola. Os documentos analisados foram: O Projeto Político Pedagógico, Planos de Curso e Projeto Eureka<sup>4</sup> (versão 2009) e registros da Secretária Escolar, da referida Escola.

---

<sup>4</sup> - Projeto pedagógico que acontece todos os anos na Escola, envolvendo todas as disciplinas.

## **2.6-Sujeitos da Pesquisa**

A amostra foi constituída por 02 (dois) coordenadores pedagógicos do gênero feminino e 01 (um) masculino. Quanto aos professores, foram 05 (cinco) do gênero feminino e 04 (quatro) do gênero masculino e quanto aos alunos foram 35 (trinta e cinco) do gênero feminino e 15 (quinze) masculino. Todavia é importante ressaltar que não houve critério específico na escolha dos informantes no estudo, o que os priorizou foi à condição de fazer parte da escola.

Na referida pesquisa optou-se por usar entrevistas semi-estruturadas, que de acordo com Tomar (2008), o investigador tem um rol de pontos ou tópicos a ser respondido, o qual chamamos de “guião de entrevista”, que permite relativa flexibilidade.

### **2.6.1-Characterização da Coordenação pedagógica**

Partindo do princípio que o Coordenador Pedagógico faz parte de o espaço escolar, onde suas funções não se limitam apenas a uma sala fechada, tem um papel importante no contexto Escolar, como afirma Calazans (2008), o Coordenador Pedagógico deverá:

Organizar as atividades a serem desenvolvidas na Escola, acompanhando o desenvolvimento da proposta pedagógica e criando espaços para a reflexão sobre a prática e a participação dos membros da comunidade. (p. 29)

Pelo que pudemos observar durante o período de investigação, na escola campo, os Coordenadores Pedagógicos, na medida do possível, cumprem com suas atividades inerentes à sua função.

De acordo com Calazans (2008, p.25) é importante que o coordenador pedagógico enfatize os seguintes aspectos:

- Integrar-se plenamente na unidade escolar em que atua;
- Ler todo o material sobre a Escola;
- Observar sugestões sobre o processo educativo que se desenvolve na Escola;
- Participar de encontros com todos os membros da Escola.
- Organizar as idéias levantadas e desenvolver o seu plano de trabalho;
- Apresentar o ser plano de trabalho e discutir com a equipe docente;
- Elaborar um cronograma de execução;
- Apresentar a versão final do seu plano a todos os componentes da escola;
- Operacionalizar sua atuação, ao final do período previsto.

O plano de Ensino ao qual Calazans (2008) se reporta serve para orientar as tarefas do professor.

A Coordenação Pedagógica da Escola é composta por três técnicos, que trabalham nos três turnos, sendo um pela manhã, outro a tarde e um a noite. Todos fazem parte do quadro permanente do quadro do Estado, são formados em Pedagogia e possuem pós-graduação. O plano de Ensino é realizado semestralmente pelos professores com o acompanhamento dos Coordenadores Pedagógicos, visando ter uma prática melhor desenvolvida.

Inicialmente foi explicado aos Coordenadores Pedagógicos o motivo da pesquisa e só após alguns dias realizada a entrevista gravada em áudio com autorização dos mesmos, na sala da Coordenação. As entrevistas foram aplicadas a 03 (três) técnicos: sendo um de cada turno, haja vista que a referida escola funciona em três turnos.

Nas figuras seguintes estão algumas das características dos Coordenadores que através das entrevistas traçamos o perfil dos profissionais em questão.

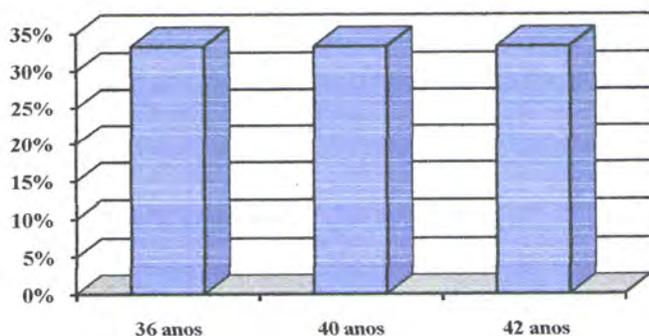


Figura 1- Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos por idade.

Quanto à idade dos coordenadores pedagógicos, são: 36 anos, 40 anos e 42 anos de idade.

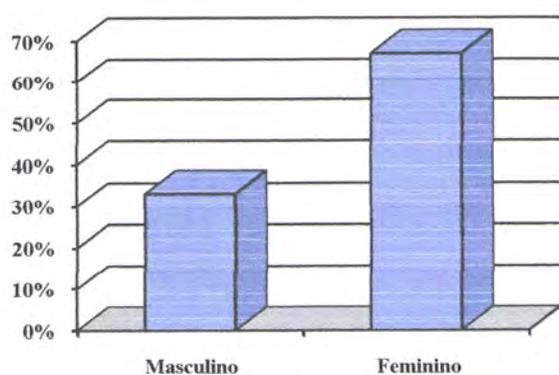


Figura 2. Distribuição dos coordenadores por gênero.

Quanto ao gênero, dois são do feminino e um do masculino.

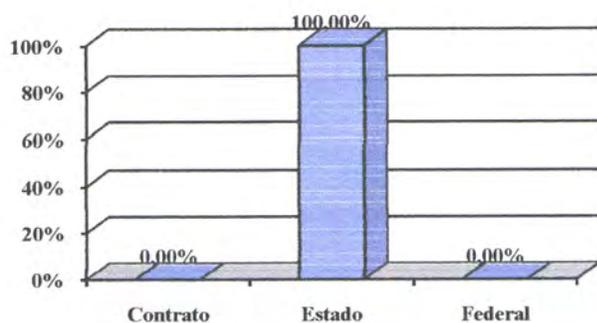


Figura 3- Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos de acordo com a Forma empregatícia

No que se refere à forma empregatícia dos Coordenadores Pedagógicos são todos efetivos pertencentes ao quadro do Estado.

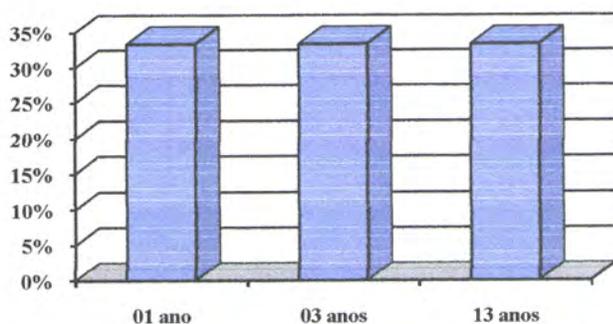


Figura 4 - Tempo de atuação na Escola

Quanto ao tempo que os coordenadores pedagógicos atuam na Escola é de 01 ano, 03 anos e 13 anos na escola, momento este que coincide com a fundação.

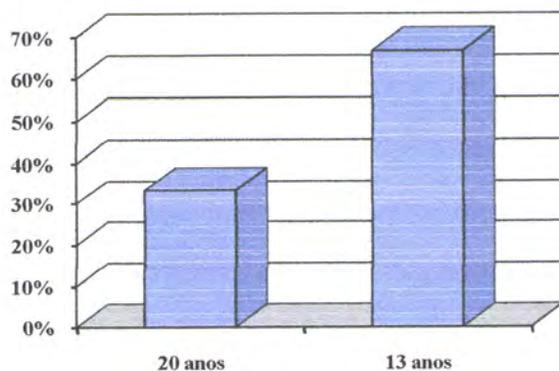


Figura 5–Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos por Tempo de Serviço na Educação

No que concerne ao tempo que trabalham na área educacional, um tem 20 anos e dois têm 13 anos de serviços prestados a educação.

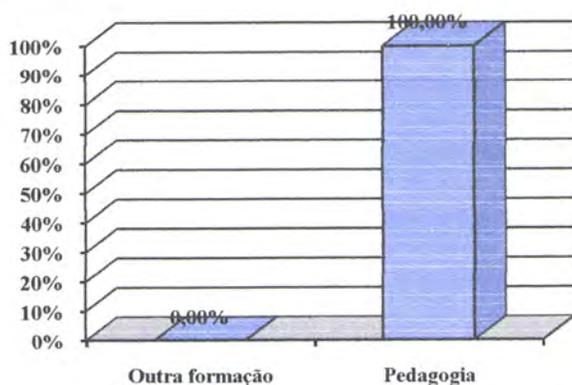


Figura 6 - Distribuição dos Coordenadores Pedagógicos por Formação acadêmica.

No que diz respeito à formação acadêmica dos Coordenadores Pedagógicos todos os entrevistados possuem *Licenciatura Plena em Pedagogia e habilitação para o cargo*.

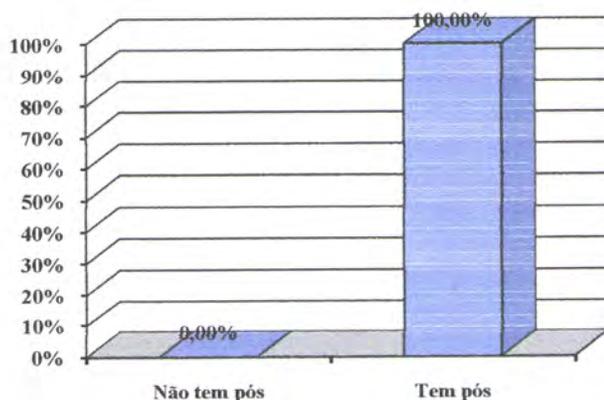


Figura 7 - Distribuição dos Coordenadores de acordo com Pós-graduação

No que se refere aos Coordenadores que fizeram pós-graduação todos possuem especialização.

### 2.6.2- Caracterização dos Professores

Diante de tantos problemas e questionamentos acerca do perfil do Professor, afinal qual é o papel do professor, nessa sociedade de mudanças? De acordo com Blanchard e Muzás (2008, p. 19):

- Facilita (facilitador) o acesso ao conteúdo e sua integração na vida;
- Age como mediador entre o aluno e a realidade, oferecendo-lhe chaves para compreender, assimilar, assumir, integrar...
- Escuta o aluno, dialoga com ele e oferece-lhe pistas e sinalizadores do caminho, que o ajudem no meio as turbulências de um mundo em constante mudança.

Os professores da escola campo trabalham em sua maioria dentro dos princípios que Blanchard e Muzás (2008) sugerem agindo como mediadores, facilitando a vida do aluno, procurando entendê-lo, dentro de suas dificuldades.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) o quadro de Professores é formado por servidores federais, estaduais e do contrato administrativo. A maioria reside nos bairros próximos à escola. Todos possuem nível superior, a maioria possui pós-graduação, três estão cursando mestrado em educação e dois concluíram. Uma das atividades pedagógicas desenvolvidas na escola se dá através das coordenações de áreas, onde uma das propostas pedagógicas realizada é a elaboração de projetos interdisciplinares, que estimulam a capacidade do educando para descobrir, produzir e criar. Seqüencialmente os projetos são: Festival de Música do Esther, Encontro Tecnológico, Resgatando a Cultura Junina, Eureka, Árvore da Vida e Sexualidade.

Inicialmente foi explicado aos docentes o motivo da pesquisa e só após alguns dias realizada a entrevista gravada em áudio com autorização dos mesmos. As entrevistas foram aplicadas a 09 (nove) professores, sendo 03 (três) de cada turno e de disciplinas diferentes.

É importante ressaltar que os professores que fazem parte da entrevista todos ministram aulas para os alunos envolvidos.

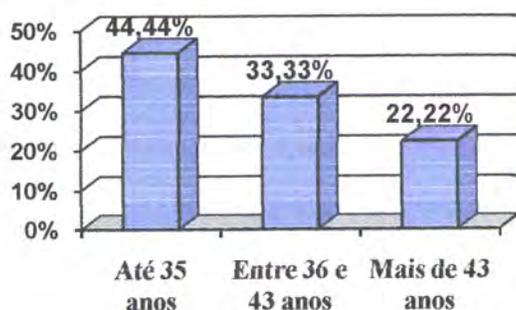


Figura 8–Distribuição dos Professores por Idade

Dentre os professores entrevistados (44,44%) tem até 35 anos, (33,33%) entre 36 e 43 anos e (22,22%) mais de 43 anos. Percebe-se que a faixa de idade está equilibrada, pois a Escola tem professores com idades diversificadas.

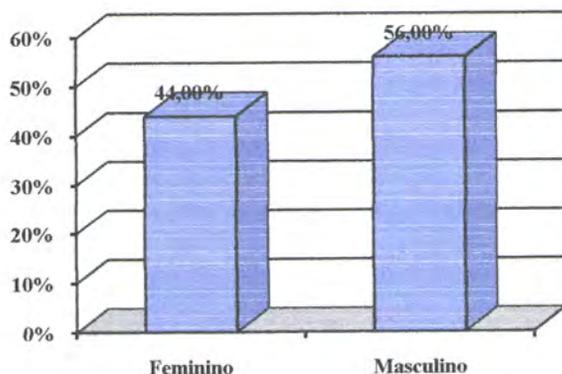


Figura 9 - Distribuição dos Professores por gênero

Quanto ao gênero (44%) são do gênero feminino e (56%) do gênero masculino. Percebe que houve um equilíbrio em entrevistar praticamente o mesmo número de professores masculinos e femininos.

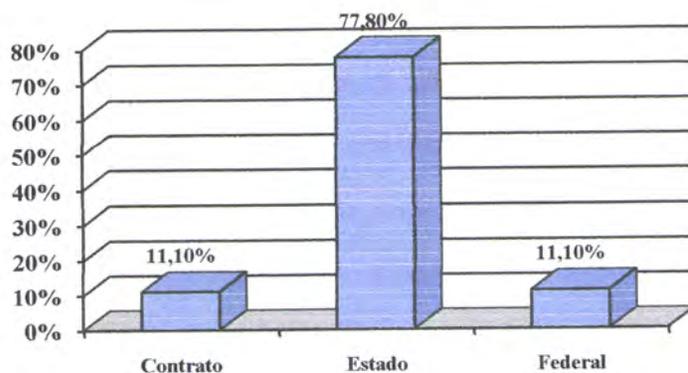


Figura 10- Distribuição dos professores de acordo com a Forma empregatícia

No que se refere à forma empregatícia (89%) dos professores são efetivos, sendo que (11,1%) fazem parte do quadro federal, (77,8%) do quadro do estado e (11,1%) admitidos em caráter temporário. Verificou-se um percentual muito pequeno de professores que foi admitido em caráter temporário.

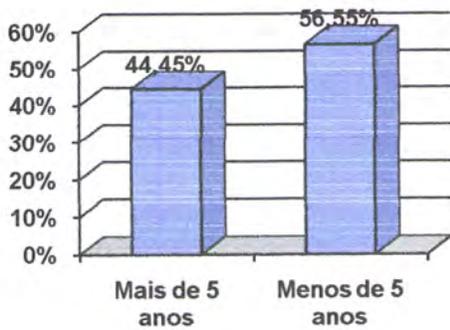


Figura 11 - Distribuição dos professores de acordo com o tempo de atuação na Escola

Quanto ao tempo que atuam na Escola (44,44%) têm mais de 05 anos e (56,55%) têm menos de 05 anos na escola.

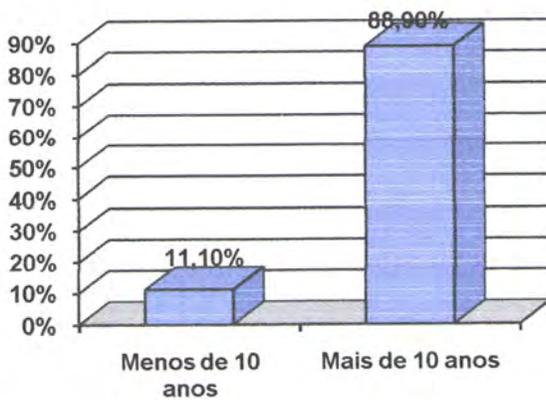


Figura 12 - Distribuição dos Professores de acordo com Tempo de Serviço na Educação

Quanto ao tempo de Serviço na educação (11,10%) tem menos de 10 anos e (88,90%) têm mais de 10 anos na educação. O que se percebe na referida escola que os professores têm bastante experiência no que se refere à prática de sala de aula.

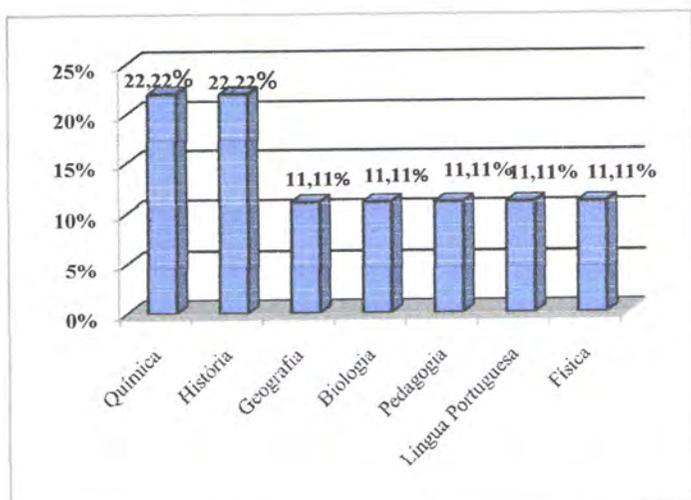


Figura 13 - Distribuição dos Professores de acordo com a Formação acadêmica

No que diz respeito à formação acadêmica dos professores todos os professores entrevistados possuem habilitação para ministrar a disciplina que atuam. Entretanto, dos sujeitos entrevistados nas disciplinas Química e História, totalizaram (22,22%) e nas demais disciplinas apenas (11,11%) de cada uma (Geografia, Letras, Física, Pedagogia e Biologia).

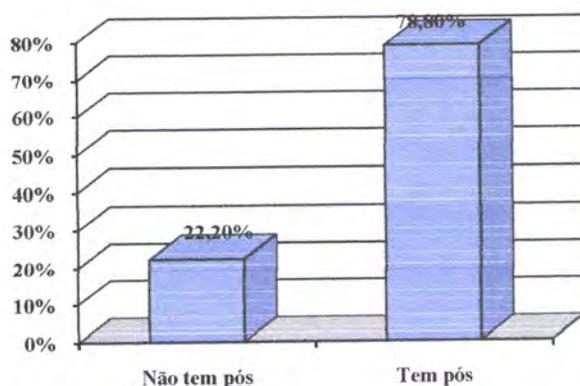


Figura 14 – Distribuição dos Professores de acordo com a Pós – graduação

No que se refere aos professores que possuem pós-graduação (22,2%) responderam que não têm e (78,80%) disseram que têm. Verificou-se que a maioria como mostra a figura 14 buscam se qualificar para melhor qualidade da educação.

### 2.6.3-**Caracterização dos Alunos**

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) a clientela atendida pertence a um nível sócio-econômico médio-baixo, não dispondo, portanto, de poder aquisitivo que os levem a investir em recursos materiais que facilitem a melhoria do processo de aprendizagem, com idade entre 14(quatorze) e 50 (cinquenta) anos, os que têm ocupação são trabalhadores assalariados e informais oriundas principalmente dos bairros Jardim Felicidade, Infraero I e II, Pacoval, Boné Azul, Açaí e São Lázaro, estes carecem principalmente de segurança pública, opções saudáveis de lazer e de mais acesso à saúde.

Tendo em vista o alto índice de evasão dos alunos, principalmente nas primeiras séries, foi constatado que os fatores que contribuíram para essa problemática foram de origem econômica e social, desinteresse do aluno, falta de motivação (na maioria é percebido que a preocupação tem sido o emprego, deixando o estudo para o segundo plano), gravidez na adolescência, ausência da família no acompanhamento do processo ensino e aprendizagem, falta de metodologia adequada às necessidades dos alunos por parte dos professores, e ainda de uma equipe técnica-pedagógica permanente.

Constata-se também, como fator preocupante o alto índice de alunos em dependência em várias disciplinas (educação física, matemática, português, biologia e inglês). Para resolução dessa problemática foram realizadas ações, como projetos de aprendizagem e avaliação adequando as necessidades do educando.

As disciplinas que os alunos mais se identificam são sociologia, filosofia, biologia e português e matemática. Observa-se que a identificação com essas disciplinas é reflexo da relação interativa professor-aluno. Quanto à qualidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula, a maioria reconhece que os conteúdos e projetos trabalhados no ambiente escolar são de suma importância para seu cotidiano. As disciplinas em que apresentam maior dificuldade são curiosamente: matemática (maioria), física, literatura e inglês. A justificativa dada pelos alunos é que “os professores não explicam bem”, sentem-se incapazes de aprender, questionam a falta de material didático e de metodologia adequada, falta de um acervo bibliográfico na biblioteca para pesquisa.

Inicialmente foi explicado aos alunos o motivo da pesquisa e só após alguns dias foram aplicados os questionários para 45 (quarenta e cinco) alunos, sendo 15 (quinze) de cada turno, como a maioria não devolveu principalmente no período noturno, houve a necessidade de aplicar mais questionários, para se obter o número que foi estipulado.

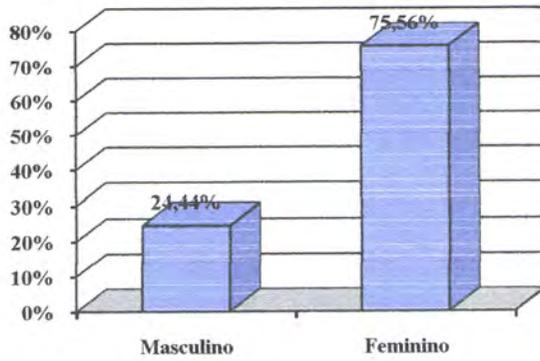


Figura 15 - Distribuição dos alunos por Gênero

Na figura 15 ficou evidenciado que a maioria dos alunos entrevistados pertence ao gênero feminino (75,56%) enquanto que uma minoria (24,44%) do gênero masculino.

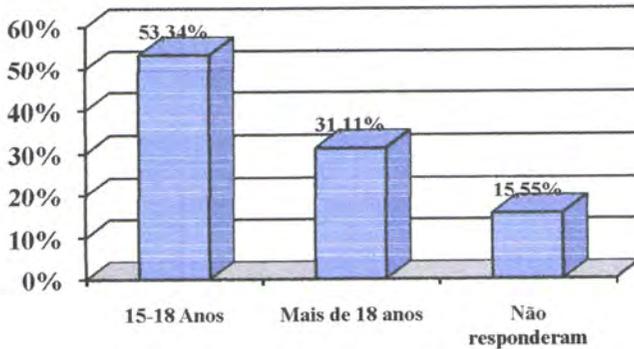


Figura 16 – Distribuição dos alunos por Idade

Em relação à faixa etária, a maioria do alunado encontra-se na faixa entre 15 e 18 anos (53,34%); com mais de 18 anos (31,11%); e, não responderam (15,55%). Percebeu-se que os alunos estão, na sua maioria, dentro da faixa de idade que corresponde à série inquirida que foi o 3.º ano do ensino médio.

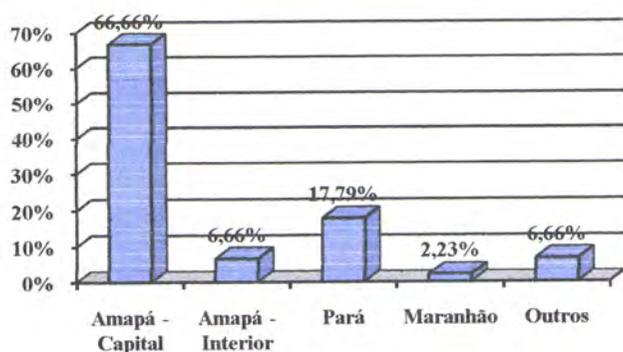


Figura 17 - Distribuição dos alunos por Naturalidade

A maioria dos alunos entrevistados é da capital do estado do Amapá (66,66%); (6,66%) são do interior do estado; (17,79%) são do estado do Pará; (2,23%) do estado do Maranhão; e, (6,66%) de outras localidades. Verificou-se um número bastante considerável de alunos que são do estado do Pará, no caso (17,79%).

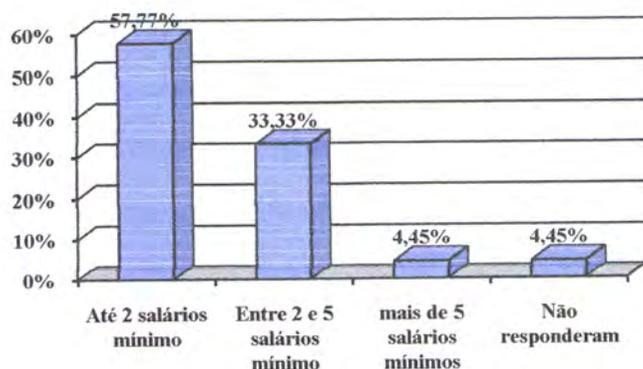


Figura 18–Distribuição dos alunos de acordo com a Renda Familiar

Em relação à renda familiar, (57,77%) recebem até dois salários mínimos; (33,33%) entre 2 e 5 SM; (4,45%) recebem mais de 5 salários mínimos; e, (4,45%) não responderam.

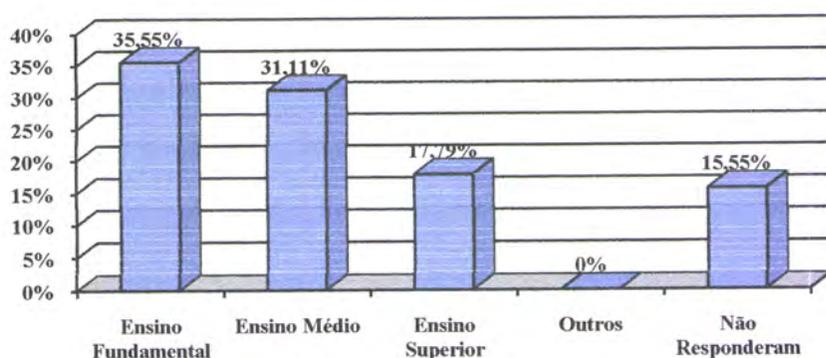


Figura 19– Distribuição dos alunos de acordo com a Escolaridade dos Pais

Em relação à escolaridade dos pais, (35,55%) possui o ensino fundamental; (34,44%), o ensino médio; (17,79%) o ensino superior; e, (15,55%) não responderam. O que se percebeu em relação à escolaridade dos pais dos alunos, é que uma porcentagem pequena possui ensino superior e a maioria possui o ensino fundamental e médio.

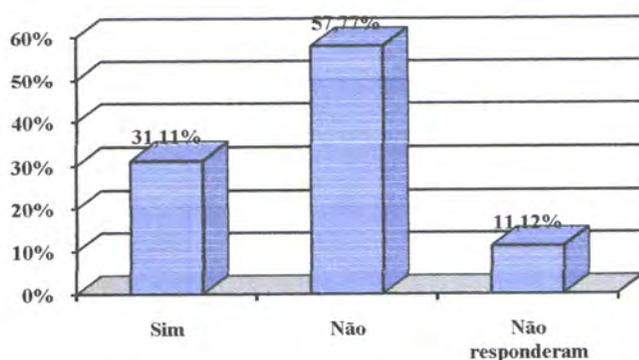


Figura 20 – Distribuição dos alunos de acordo com a Atividade remunerativa

A maioria dos alunos não possui uma atividade remunerativa (57,77%); apenas (34,44%) possuem atividade remunerativa, distribuídas entre estágios e atividades diversas; (14,42%) dos alunos não responderam.

## 2.7 - Análises dos Dados

De acordo com Boaventura (2007) “de posse do elenco de informações a próxima etapa do trabalho é a avaliação dos dados para a determinação da autenticidade e da credibilidade das fontes” (p.14).

Para Flick (2009) “a alegação que normalmente é feita é que a observação permite ao pesquisador descobrir como algo efetivamente funciona ou ocorre (p.203).

Quando falamos de observação sistemática, de acordo com Flick (2009) é aquela em que seguimos um esquema de observação mais ou menos padronizado.

De acordo com Gold (citado por Flick, 2009) quando fala do observador completo diz que ele mantém-se afastado dos eventos observados com o intuito de evitar influenciá-los e o autor cita a gravação de vídeo como forma de distrair as pessoas observadas e manter seus comportamentos e atitudes naturais.

Para Flick (2009), com “a triangulação de observação com outras fontes de dados, aliada ao emprego de diferentes observadores, intensificam-se a expressividade dos dados assim reunidos” (p.205).

Com o fim de assegurar a qualidade, a precisão e a originalidade da pesquisa em foco, recorreremos da análise de dados elencados inicialmente, à estratégia de análise de conteúdo, que pressupõe a análise de poucas fontes ou dados, num procedimento exploratório ou de elaboração de hipóteses. No tocante aos dados quantitativos, estes foram tratados estatisticamente e, de seguida, foram organizados e apresentados através de gráficos.

É importante ressaltar dentre as coletas de dados, a observação não participante, é uma estratégia que está relacionada simultaneamente com a pesquisa bibliográfica, as entrevistas e questionários, tendo sido desenvolvida com o intuito de melhor se traçar o retrato da realidade da referida escola.

No capítulo a seguir iremos analisar melhor os dados dos sujeitos inquiridos.

## **CAPÍTULO III – LEITURA DOS RESULTADOS**

## CAPÍTULO III – LEITURA DOS RESULTADOS

Avaliar a aprendizagem está profundamente relacionado com o processo do ensino e, portanto, deve ser conduzido com mais uma ocasião em que o aluno aprende. Pode se tornar um momento privilegiado, porque, diante de tudo o que a tradição vem associando à prova, o aluno investe suas energias em busca de sucesso, normalmente associado a uma boa nota. Se esta é a cultura estabelecida, por que não aproveitá-la e transformar a avaliação em mais um ensejo de construção de conhecimento?

(Pedro Moretto, 2008)

### 3.1- Introdução

A avaliação, em seu aspecto conceitual, é um mecanismo utilizado para diagnosticar o estado em que se encontra o processo educacional; um instrumento que nos permite atribuir um valor a um conhecimento adquirido; um *feedback* constante das informações adquiridas. Avaliação pode ser tudo isso: “avaliar é julgar, é apreciar o progresso do aluno, do ponto de vista quantitativo e qualitativo”.<sup>5</sup>

Através da avaliação de alunos é possível identificar também populações estudantis com dificuldades em aspectos específicos de aprendizagem, em áreas ou disciplinas nas quais necessitam de maior orientação e, ainda, detectar a necessidade de criação de um programa novo ou do aperfeiçoamento de práticas educativas. Nesse sentido, a avaliação permite identificar os desempenhos dos alunos e dos programas educacionais, incluindo os docentes.

Após toda a Pesquisa de Campo realizada na Escola Estadual Esther da Silva Virgolino, com os coordenadores pedagógicos, corpo docente e discente, foi feita a análise das informações coletadas, que serão vistas a seguir: primeiramente os percursos e tendências dos Coordenadores Pedagógicos, em seguida do Corpo Docente e finalizando com as tendências do Corpo Discente

---

<sup>5</sup> Cf. KARLING, AA. A didática necessária. São Paulo: Edusp, 2008.

### 3.2-As Entrevistas aos Coordenadores Pedagógicos

Inicialmente, os coordenadores da escola foram submetidos a alguns questionamentos concernentes ao processo avaliativo em si e o desenvolvido na própria instituição educacional. De acordo com a concepção dos entrevistados, os instrumentos de avaliação representam elementos que visam melhor realizar o projeto educacional, promovendo nos educandos e educadores formas de aprofundamento de conhecimentos, aprimoramento de metodologias, e de correção daquilo que não se mostra eficaz. Os entrevistados entendem instrumentos de avaliação da aprendizagem como:

*Mecanismos que os professores utilizam para avaliar a aprendizagem dos alunos. (C B<sup>6</sup>)  
Mecanismos que, no atual paradigma de avaliação da educação, acompanham o processo de aprendizagem dos alunos, aferindo essa aprendizagem, compreendendo esse conhecimento, e utilizando os mais variados tipos de instrumentos, de acordo com a área de conhecimento. (C C)*

Em relação à questão 01, observou-se que são considerados instrumentos de avaliação uma série de mecanismos que envolvem provas, trabalhos de pesquisa, listas de exercícios (individuais ou em grupo), entre outros, todos com a tendência a avaliar os conteúdos e habilidades de forma clara e inteligível, sendo trabalhados passo a passo, caracterizados pela continuidade, levando o aluno a estar em contato com a construção do conhecimento.

Sant'Anna (2009) coloca, com muita propriedade, a importância de se verificar a extensão das capacidades apreendidas, ou seja, confirmar a aprendizagem do estudante, haja vista que as diferenças individuais se fazem presentes e se faz necessária a averiguação da extensão que cada indivíduo atingiu na busca do objetivo estabelecido inicialmente.

Levando em conta que a avaliação dos estudantes possui íntima relação com a maneira pela qual a instituição atua, é possível chegar à inferência de que, ao avaliar os alunos, outro objetivo intrinsecamente atuante, é o de julgar as metas e os valores que permeiam sua formação. Neste aspecto, Hurtado e Navia (2007) são bem enfáticos, quando colocam que:

O tipo de informação que uma instituição decide coletar e as ações de orientação dos alunos, principalmente com relação às práticas educativas e sociais, é um forte indicador de suas prioridades, seus valores, suas concepções. Instituições com clareza de sua missão, certamente desenvolverão metodologia e gerarão procedimentos de avaliação mais coerentes com ela. (p.04)

---

<sup>6</sup> - A letra C corresponde a Coordenador e B é a ordem alfabética.

Instituições que buscam oferecer educação superior para uma população estudantil diversificada social e economicamente, muito provavelmente apresentam maiores possibilidades de concentração no desenvolvimento de experiências, expectativas e interesses dos estudantes. É com a mesma intensidade que investirão na eficácia dos programas educacionais de recuperação da aprendizagem; na busca da satisfação dos estudantes para com estes programas e na concretização de atividades extracurriculares promotoras da adaptação dos alunos à vida escolar e acadêmica.

Em relação à importância dos instrumentos de avaliação na qualidade do ensino (Questão 02), os entrevistados os entendem como mecanismos que se colocam a serviço da aprendizagem, da melhoria do ensino do educador e do aprimoramento da escola. Do mesmo modo, serve para esclarecer a respeito dos pontos fortes e fracos, dos conteúdos que merecem mais atenção, identificando problemas e encontrando soluções. Outras colocações acerca da importância dos instrumentos de avaliação na qualidade do ensino merecem destaque:

*Se são direcionados para o paradigma em questão, servem para acompanhar, não se preocupando apenas com as notas ... ela é apenas uma consequência acerca do assunto que está sendo trabalhado. (CC)*

*O professor deve se utilizar de uma variação de instrumentos para que possa avaliar os alunos de diferentes maneiras. (CB)*

Pelas colocações acima, observa-se que, a partir de uma melhor compreensão do processo avaliativo, a nota em si passa a não ter tanta importância assim, já que se pode lançar mão de dinâmicas, como palestras, seminários e outras, oferecendo uma reflexão sobre os processos pedagógicos desenvolvidos. A nota ou conceito passa a ser apenas uma mensagem, uma convenção utilizada para comunicação com os alunos e seus pais.

Questionados acerca dos principais fatores levados em consideração na avaliação do educando (Questão 03), os entrevistados chamam a atenção para a necessidade de se perceber que o discente deve ser considerado como um todo, contemplando aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais. Outros fatores são destacados pelos coordenadores:

*... apreensão do conhecimento, a capacidade de organizar idéias e a capacidade de expressar conhecimento. (CB)*

*É muito complexo. Depende da área de conhecimento e acompanhamento de aprendizagem, não apenas no aspecto individual, mas também no coletivo. É preciso planejar as atividades de acordo com a área de conhecimento. (CC)*

Nota-se que, pelos posicionamentos dos coordenadores, o aluno passa a ser encarado em sua globalidade, nunca desconsiderando sua realidade empírica, haja vista que o ato de avaliar implica em momentos e procedimentos especiais. O educador terá a oportunidade de observar e registrar os progressos individuais de cada aluno em particular, como seu relacionamento com os demais colegas e com o próprio professor, sua capacidade de expressão oral, suas atitudes de participação e colaboração, dentre outros.

É Hoffmann (2003) quem atenta para o fato de que a maioria das discussões em torno da avaliação é a tentativa de definição do significado primordial de sua prática na ação educativa. Muitos estudos, no entanto, enfatizam o “não deve ser” e não o “ser melhor” da avaliação. O que deve ser levado em conta é que uma nova perspectiva de avaliação exige do educador/avaliador uma concepção do educando enquanto sujeito do seu próprio desenvolvimento, inserido no contexto de sua realidade social e política. É evidente, pois, que uma prática avaliativa coerente com essa perspectiva exige do educador um aprofundamento de teorias do conhecimento, em fundamentos teóricos que lhe permitam estabelecer conexões entre as hipóteses formuladas pelo aluno e a base científica do conhecimento.

Outro questionamento lançado aos coordenadores se deu em direção a quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação da aprendizagem em sala de aula (Questão 04). Na concepção dos entrevistados, a avaliação em sala de aula implica em um redimensionamento participativo de todos os envolvidos com a educação, ou seja, o compartilhamento do poder que estaria somente em mãos do educador, com o sujeito da aprendizagem: o educando e a família. Todos os entrevistados concordam que o educador deve conduzir a avaliação, tendo como tarefa planejar e promover a educação, embora ele não seja o único envolvido.

Nesse aspecto, Hoffmann (2001) relata que muitos professores apontam a ausência dos pais, seu descomprometimento com questões de formação moral e aprendizagem dos filhos, como uma das grandes dificuldades da escola. Corroborando com a colocação da autora, Sant’Anna (2009) chama a atenção para o fato de que o professor precisa se convencer de que é um guia, mas que deve elogiar o aluno quando este tiver sucesso na aprendizagem, para que os resultados posteriores sejam tão bons ou melhores que os atuais.

Os coordenadores também foram questionados em relação aos critérios utilizados pelos educadores juntos aos alunos no processo avaliativo (Questão 05). Segundo a coordenação da escola, o critério utilizado para classificar a aprendizagem em satisfatória e não satisfatória é a nota alcançada nas avaliações bimestrais e recuperação paralela e final, quando são somadas as notas obtidas ao longo do ano referentes a uma determinada

disciplina, chegando-se a uma média de 20 pontos. Os coordenadores elucidam melhor a questão, especificando a relação que se estabelece entre os critérios e cada disciplina em particular:

*Cada disciplina utiliza critérios diferentes e linguagem diferente, mas, normalmente, é raciocínio lógico, compreensão, habilidades de leitura e interpretação, argumentação, dependendo da área do conhecimento. (CB)*

*São diversos os critérios, de acordo com a área de conhecimento, tais como: participação, assiduidade, envolvimento diário no grupo ou de forma individual, produção textual, coerência nas idéias, dentre outro. (CC)*

Pelas colocações dos entrevistados, vários critérios são considerados para a classificação, inclusive, a participação do aluno na sala de aula e a demonstração de perícia ou imperícia na matéria estudada. Nessa perspectiva, diferentes variáveis são analisadas durante o processo de avaliação, dentre as quais os entrevistados destacam a proposta de ensino (objetivos, princípios, metodologias de ensino, conteúdos de ensino); o desempenho do professor (competência, habilidade para ensinar, a metodologia e os recursos utilizados, a relação com o aluno, o compromisso com o ensino, etc.); o nível de aprendizagem/desempenho do aluno: grau de desenvolvimento das competências e habilidades; nível de participação, interesse, frequência, assiduidade, pontualidade, relação com colegas e professores, dentre outros, além da infra-estrutura física e material da escola.

Ao ter no aluno seu objeto fundamental de análise, a avaliação volta-se para o estabelecimento do foco de atenção que irá delimitar o espaço no qual o avaliador fará suas interpretações. Nem sempre o foco é somente o espaço pedagógico. Concatenado a ele, muitas vezes será o espaço profissional ou o da cidadania, no qual estão inseridos alunos e professores. De acordo com os entrevistados, os principais instrumentos de avaliação utilizados pelos educadores (Questão 06) são:

*Atividade individual (prova), produção textual, pesquisas, relatórios de pesquisa, atividade em grupo, exposição de trabalhos e projetos (CC)*

*Observação em sala, provas, pesquisas, seminários, debates e textos escritos. Questionários, vídeos, provas escritas, auto-avaliação, pesquisas, debates, seminários, (CA)*

Pelos depoimentos anteriores, observa-se a avaliação como um aspecto importante do processo de construção do conhecimento, pois permite aos educadores observar se os

objetivos educacionais foram alcançados, se atitudes e habilidades foram desenvolvidas, se conhecimentos foram reconstruídos, se comportamentos foram modificados. Nesse cenário, busca proporcionar ao aluno uma visão clara e objetiva de seu desempenho nos aspectos que estão sendo trabalhados, a fim de ajudá-lo a crescer nas áreas cognitiva, psicomotora e afetiva.

O objetivo primeiro da avaliação não deve ser a classificação que resulte em aprovação ou reprovação do aluno, deve-se constituir, antes de tudo, em instrumento de diagnóstico da situação, buscando introduzir as melhorias necessárias. Segundo Luckesi (1998) a avaliação implica:

*Coleta, análise e síntese de dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado como um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto. O valor ou qualidade atribuídos ao objeto conduzem a uma tomada de posição a seu favor ou contra ele, [...] com uma conseqüente decisão de ação. (p.93)*

Segundo as respostas coletadas nas entrevistas realizadas na instituição educacional em questão, os educadores utilizam a auto-avaliação (Questão 07), em razão desta estar presente em todos os momentos da vida, uma vez que é o ato de julgar o próprio desempenho de educandos e educadores, revendo as metodologias utilizadas na prática pedagógica:

*Acontece ainda de maneira informal. (CB)*

*Eles ainda não têm maturidade para essa prática. (CA)*

Para Sant'Anna (2009) a auto-avaliação é capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira. Na concepção da autora, é graças à auto-avaliação que os alunos adquirem uma capacidade cada vez maior de analisar suas próprias aptidões, comportamentos, pontos fortes, atitudes, comportamentos, necessidades e êxito na consecução de propósitos.

Segundo os depoimentos, no projeto político pedagógico da instituição de ensino investigada, são estabelecidos critérios para que os alunos se auto-avaliem (Questão 08), como se pode perceber na fala abaixo:

*Sim, principalmente no término do bimestre. (CB)*

*É necessário sensibilizá-los e estimulá-los sobre essa prática de auto-avaliação. (CC).*

Fica claro que a avaliação vem sendo encarada como meio de fornecer informações sobre o processo, tanto para que o professor conheça os resultados de sua ação pedagógica como para o aluno verificar seu desempenho. Primeiro temos que entender e deixar claro para ele, e até para os professores, que avaliar é um processo dentro do processo maior de ensino e aprendizagem, e por isso mesmo acontece enquanto este processo está acontecendo. O aluno deve saber o que está ocorrendo, que ele está sendo avaliado a todo o momento e que esta avaliação abrange desde a assimilação do conhecimento cognitivo a atitudes frente ao conhecimento, aos colegas e ao professor.

As avaliações e os seus resultados, quando usados corretamente dentro da perspectiva de processo ensino e aprendizagem, tendem a funcionar como um termômetro que nos mostra a situação deste mesmo processo. Os maus resultados podem estar acontecendo devido ao tipo de conteúdo desenvolvido e metodologia inadequada e até na forma errada de avaliar. Ao constatar estes problemas, o professor, então, tem condições de buscar soluções para as causas. É importante dar uma nova oportunidade ao aluno, pois este não deve pagar com notas baixas, um processo mal realizado e mal avaliado. Ao mesmo tempo, bons resultados podem refletir uma eficaz ação pedagógica.

Questionámos também se os educadores recebem indicações sobre instrumentos e procedimentos de avaliação (Questão 09) e obtivemos a afirmação positiva dos entrevistados, os quais ressaltaram a coleta de dados/informações sobre o processo de ensino e aprendizagem, sob a utilização de diversos instrumentos, tais como: observações sistemáticas, provas escritas e orais, auto-avaliação, pesquisas, debates, seminários, interpretação de textos, projetos interdisciplinares, dentre outros. Cada um desses instrumentos possui especificidades quanto à sua utilização. Segundo os entrevistados, uma vez coletados, os dados precisam ser organizados, categorizados e analisados de forma tal que educadores, educandos, escola e família possam fazer uma leitura crítica dos seus significados.

Do mesmo modo, tão ruim quanto encarar a nota como fim absoluto, é a utilização coercitiva da avaliação. Muitos professores, não tendo uma postura crítica daquilo que ensinam, da forma como ensinam e também não tendo clareza ampla dos problemas que envolvem a avaliação, utilizam-na com objetivos disciplinadores. Isto ocorre porque, na maioria das salas de aula, o que se ensina aos alunos, ou seja, os currículos têm-se mostrado inadequados à realidade em que estão inseridos. Além disso, são desenvolvidos principalmente por meio de aulas expositivas que exigem do aluno um comportamento

robotizado, vegetativo, além de exigir também uma memória prodigiosa nas provas. Como bem coloca Haydt (1999):

O aluno que sai das regras da “boa conduta”, que é “vivo” e que não agüenta ser o tempo todo passivo, num processo que deveria lhe proporcionar atividades, acaba sendo classificado como “bagunceiro”, “baderneiro”, como quem veio para perturbar a paz e a ordem. O que vem após a classificação de desajustado são as punições: dar-lhe advertências, tirar-lhe pontos, colocá-lo para fora da sala, mandá-lo ao coordenador, ao diretor, chamar os pais. (p.46)

A análise dos dados deve ser feita à luz de referências, ou seja, de critérios (padrões de desempenho, conduta, atitude) previamente estabelecidos, em coerência com os objetivos e princípios norteadores da proposta pedagógica da instituição de ensino. Tais critérios permitirão o realizar de um julgamento de valor (ótimo, bom, regular, ruim, baixo/alto, aprovado/retido, rápido/lento, apto/inapto, pesquisas debates e seminários) sobre o nível de aprendizagem/desempenho dos educandos e também dos educadores. Este conjunto de informações subsidia a tomada de decisão do educador sobre a aprendizagem do educando e do redimensionamento, ou não, de suas ações pedagógicas.

Destaca ainda Haydt (1999) que, quando este tipo de comportamento reincide e a punição não surtiu efeito esperado, usa-se, então, o método de coibir os alunos com a avaliação. Então, surgem as provas surpresa, provas com armadilhas nos testes, provas que os alunos “vão ver” e outras da espécie. Este tipo de comportamento dos professores descaracteriza a avaliação. Ela passa a ser vista pelos alunos como algo que existe para punir, inibir e cobrar. Não é assim que a avaliação deve ser encarada. Não pode servir como arma do professor contra o aluno e o aluno não pode vê-la como instrumento estranho ao processo ensino e aprendizagem.

É Souza (2007), quem destaca com propriedade, que estudos realizados evidenciaram que a avaliação poderia ser um dos mais eficazes instrumentos de controle da oferta e do aproveitamento de oportunidades educacionais e sociais e de dissimulação de um processo de seleção onde, para alguns, são oferecidas sucessivas oportunidades sociais, enquanto que para outros tais oportunidades são negadas, processo que desenvolve, segundo critérios que transcendem os fins declarados da avaliação.

De acordo com a coordenação da instituição, as avaliações Diagnóstica, Formativa e Somativa (Questão10) são as mais utilizadas com os educandos. Já em relação à monitorização das práticas de avaliação (Questão 11), os entrevistados trazem à evidência a

sua importância no contexto do ensino, ao longo de todo o processo educativo. Inicialmente, os educadores realizam um diagnóstico para detectar o que os alunos já sabem o que eles ainda precisam aprender e quais são suas necessidades. A partir daí, a avaliação é realizada de forma contínua para acompanhar e retroalimentar a trajetória de aprendizagem do discente, ao longo de cada aula, tendo em vista as intencionalidades das ações pedagógicas estabelecidas em curto, médio e longo prazo.

Avaliar desta forma, ou seja, qualitativamente, não é tarefa fácil. O professor deixa de ser mero coletor de dados quantificáveis e torna-se alguém que utiliza sua experiência, sua visão, interpretando os fatos dentro de um quadro referencial de valores que fundamentam sua postura como educador. Não se trata de facilitar a vida do aluno, mas sim de ter consciência de que a avaliação deve ser o momento de questionar, de problematizar, de “hipotetizar” o que já foi visto. O professor deverá criar formas de avaliação que levem em consideração o raciocínio do aluno, sua capacidade de produzir novos conhecimentos e de se auto-avaliar.

Desta forma, para aqueles alunos que estão se saindo bem, avançar e aprofundar no conhecimento é o caminho a ser seguido. Ao mesmo tempo, os alunos que não conseguiram bons resultados devem rever sua avaliação ou avaliações, seus erros, esclarecer os pontos obscuros, reavaliar sua postura, enquanto educando, e novamente submeter-se ao processo avaliativo. Assim, a própria avaliação torna-se mais um momento de aprendizagem. O caminho do professor que avalia é o de reavaliar a aplicabilidade de seu método, de suas avaliações e de sua postura enquanto educador.

Relatam os entrevistados que em relação aos materiais utilizados para melhorar a base teórica e prática sobre avaliação de aprendizagem (Questão 12), estes são constituídos de referências bibliográficas e complementares, aferição dos resultados educacionais, indicadores e princípios básicos de avaliação. No dizer da coordenação da escola, os fatores que devem melhorar em relação à avaliação da aprendizagem, de forma a contribuir para a qualidade do ensino (Questão 13), é a escolha dos métodos pedagógicos inseridos nos fatores essenciais, tais como: as características dos educandos, as características do saber, o condicionamento e os recursos inerentes à situação de formação, o estilo pessoal, dentre outros. Assim, a avaliação deve possuir um dinamismo que acompanhe a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem vigentes na instituição escolar. Não é condizente propor mudanças estratégicas nestes e manter a avaliação em situação idêntica por décadas.

Pelo que se pode observar, em se tratando de uma avaliação do processo ensino e aprendizagem ou avaliação do rendimento, a dimensão de análise se dá no desempenho do

aluno, do educador e de toda a situação de ensino que se realiza no contexto educacional. Sua principal função é subsidiar o professor, a equipe educacional e o próprio sistema no aperfeiçoamento do ensino, fornecendo informações que possibilitem tomar decisões concernentes a que recursos educacionais devem ser organizados para tornar o ensino mais efetivo. Trata-se, pois, de uma prática valiosa, “reconhecidamente educativa, quando utilizada com o propósito de compreender o processo de aprendizagem, que o aluno está percorrendo em um dado curso” (Souza, 2007, p. 227), onde o desempenho do professor deve, impreterivelmente, ser transtornado, com o intuito de defender o cumprimento dos objetivos previstos e assumidos coletivamente.

Bem se sabe que, por inúmeras vezes, a avaliação tem sido utilizada de forma reducionista, limitada à aplicação de um instrumento de coleta de informações. Antes de tudo, avaliar exige a definição do ponto de chegada e do estabelecimento de critérios, para que, *a posteriori*, os procedimentos sejam escolhidos, inclusive os relativos à coleta de dados.

Por fim, com relação à sistemática de avaliação elaborada pela Secretaria Estadual de Educação (Questão 14), a coordenação da instituição evidencia posicionamentos que não se assemelham entre os entrevistados:

*... creio que, quando se propõe uma quantidade de instrumentos condizente, é pertinente, pois dá direito ao educador avaliar em diversos momentos. No entanto, a proposta de reavaliação ainda é utópica, já que não temos condições de praticar. Nosso modelo de avaliação não comporta tantos instrumentos. Por outro lado, a Secretaria de Educação é muito paternalista, quando se trata de pontuação de somatório obtido pelo aluno. E preciso considerar que, o alívio da cobrança não leva à garantia de aprendizagem. Como se tem visto, quando mais cobrado, mais estimulado, mas acompanhado, mais o aluno rende. E, quando mais facilitamos, menos ele valoriza o trabalho que está sendo desenvolvido. (CB)*

*Os métodos quantitativo e qualitativo não “amarram” essas questões e a Secretaria de Educação deve buscar novas estratégias que priorizam o quantitativo. (CC)*

*No sistema escolar, a predominância de uma forma de avaliação de caráter estático, classificatório, centrado no processo de formalização do ensino, cristalizando-o no tempo e no espaço, através de rituais, de diplomas, de certificados e de outros mecanismos. Assim, de um processo dinâmico que é, em sua essência, a avaliação, segundo nosso sistema de ensino, transforma-se em um produto, em um resultado, em que se anula toda a sua proposta de dialeticidade. (CA)*

Pelas colocações acima, é possível evidenciar que as estratégias utilizadas pela Secretaria de Educação não são condizentes com a realidade trabalhada pelo educador, já que este vem tentando imprimir um processo avaliativo que não leva em conta apenas a pontuação

obtida pelo aluno, mas sim o valoriza em sua totalidade, considerando aspectos diversos de sua formação.

A ideia de paradigma, já mencionado anteriormente, implica um conjunto de elementos de diferentes categorias. Assim, o fundamental para esta tentativa de conceituação é harmonizar os “grupos de princípios” aqui considerados como os fins e os meios. Dessa forma, as finalidades (objetivos) filosóficas, políticas, sociológicas devem, necessariamente, encontrar os meios, os mecanismos de sua realização e, neste sentido, é que surge o “grupo de princípios” que estabelecem os meios e que aqui são denominados de pedagógicos.

Também é preciso considerar as necessidades objetivas e infra-estruturais das transformações, caso contrário, corre-se o risco de adentrar num campo de mera filosofia idealista, sem contextualização na realidade. Expressam-se num fluxo de relações dialéticas entre os fins e os meios. Assim sendo, é possível afirmar que a qualidade de ensino só pode ser reconhecida no contexto de sua formulação filosófica, política e sociológica, que lhe define os fins, os objetivos e o conseqüente desdobramento dos meios para sua realização. Estes meios são compreendidos como o conjunto de escolhas que definem um processo educativo integral (teoria científica, metodologias, tecnologias, processos e procedimentos). Sobre o sistema de ensino, Luckesi (1998) faz uma colocação pertinente:

Pais, sistemas de ensino, profissionais de educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção (ou não), do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos [...] O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem. (p.18)

No contexto destes paradigmas, não poderá a “qualidade de ensino”, portanto, ser concebida como uma competição desenfreada por maiores “escores” (notas, índices de aprovação por meios quantitativos, resultados dos vestibulares etc.), mas como: a realização pedagógica a que todos têm acesso, onde as relações se democratizem na prática cotidiana, onde as oportunidades sejam igualmente oferecidas, onde todos os educandos tenham o direito de permanência na escola; onde os processos cognitivos e afetivos do desenvolvimento sejam respeitados, onde os conteúdos sejam significativos para o educando e para a sua comunidade e em consonância com suas possibilidades cognitivas de aquisição; onde se garantam aprendizagens significativas e duradouras; onde os métodos propiciem o domínio do “método de cada ciência”; onde o educando esteja em permanente ação de descoberta e

invenção; onde a criação seja um bem de valor inestimável; onde o espírito crítico e a solidariedade estejam no cotidiano, onde se formem cidadãos participativos, criativos e livres.

Analisando a avaliação como é concebida na prática pedagógica e desvelando-a por elementos ainda não suficientemente estudados como, por exemplo, suas relações com o processo de aprendizagem é, ainda, muito pouco teorizada pela educação brasileira, momento em que se faz necessária a busca de novas fontes, novos estudos que nos possam ajudar a entender as contradições destas igualdades e desigualdades entre as redes de ensino.

É sabido e notório que dentro de uma grande instituição de ensino, tem sempre um grande corpo da coordenação pedagógica, com coordenadores preparados, tanto do ponto de vista da sua formação profissional, como psicológico, atuante na orientação dos alunos, das famílias e também sugerindo aos professores sobre os melhores ou mais adequados instrumentos de avaliação, atentando para o aprimoramento dos métodos ou corrigindo os que extrapolam ao controle do modelo educacional vigente.

A coordenação escolar se coloca num patamar de retaguarda, orientando quando necessário os envolvidos no processo, de maneira que os mecanismos enfocados a serviço da educação aconteçam de forma positiva, quando da identificação do problema a imediata correção.

Para que o trabalho dos coordenadores pedagógicos flua de forma a contento, é fundamental que este tenha a visão geral do todo, dos professores, conhecendo as suas formações pedagógicas, os seus aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais, e dos alunos, além de alguns fatores inerentes ao professor, os seus conhecimentos empíricos, em particular, sua relação com a família, colegas, professores, sua expressão oral, entre outros, para a partir daí traçar um cronograma de trabalho de co-participação com todos os elementos envolvidos no processo.

Após levantados os dados necessários, a coordenação pedagógica parte para o compartilhamento com todos os envolvidos na educação dos discentes, agregando esforços na perspectiva de se fazer uma educação de alta qualidade, para isso busca as variáveis mais adequadas nas propostas de avaliação, desempenho dos professores e principalmente o esforço do aluno.

### 3.3 – As Entrevistas aos Professores

Assim como aos coordenadores, os professores também foram convidados a exprimir aspectos conceituais acerca das Formas e Instrumentos de avaliação (Questão 01). Não diferindo muito da fala dos coordenadores, os professores relatam os instrumentos como “tudo aquilo pelo qual eu possa avaliar o aluno”. Para os entrevistados, não somente através de provas escritas, mas também de testes psicológicos, trabalhos, atividades extraclasse, seminários, atividades em laboratório, dentre outras atividades. São considerados os meios de verificação do aprendizado do aluno. Ainda:

*São meios de avaliar tanto o desempenho como também a aprendizagem e servem, também, para professor se auto-avaliar. (PA<sup>7</sup>)*

*São meios que você busca para saber e tentar acompanhar o aprendizado do aluno. (PE)*

*Todos os meios que me dão segurança, de forma coerente, de uma aprendizagem ou mudança de conhecimento, além de uma transformação do indivíduo. (PF)*

Na opinião dos professores, os instrumentos avaliam o desempenho e podem ser utilizados como ferramenta de acompanhamento da aprendizagem. Em sala de aula, a sua utilização só faz sentido se estiverem alinhados com o currículo, ou seja, com aquilo que se pretende que os alunos aprendam. Sabendo que alguns desses instrumentos são de difícil utilização na aula, cabe a cada professor, em função das características de cada um deles, das necessidades e do contexto em que as suas práticas se desenvolvem, fazer as opções que sentir serem as mais adequadas.

Questionados sobre os principais fatores que devem ser levados em conta na avaliação dos alunos (Questão 02), destacam-se: “o que ele pode assimilar da disciplina; o que ele conseguiu absorver e, a partir daí, o que ele pode criar de conhecimento a partir do pequeno conhecimento que eu possa a ele ofertar”. Outros fatores destacados são: “verificação do conhecimento da disciplina”, “interesse do aluno”, “comportamento”, “informação”, “assimilação”, “habilidades e competências”.

Pelas colocações acima, observa-se que a questão da assimilação do conteúdo da disciplina é preponderante. Na verdade, o tema avaliação configura-se gradativamente mais problemático na educação à medida que se amplia a contradição entre o discurso e a prática

---

<sup>7</sup> - A letra “P” representa Professor e a letra A, segue a ordem alfabética.

dos educadores. Os posicionamentos dos educadores entrevistados em relação à avaliação demonstram uma visão reducionista dessa prática. Parecem conceber a ação avaliativa como um procedimento que se resume a um momento definido do processo educativo, ocorrido a intervalos estabelecidos e exigidos burocraticamente. Evidencia-se, pois, pelos depoimentos dos professores, que há a prática da avaliação com registros de resultados acerca do desempenho do aluno em um determinado período do ano letivo. Como bem coloca Haydt (1999), trata-se assim de uma concepção consciente ou inconsciente, que se transformou e se sedimentou numa prática coletiva angustiante, embora exercida pela maioria.

Questionados sobre quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação da aprendizagem em sala de aula (Questão 03), os educadores ressaltam que a responsabilidade é mútua, do professor e do aluno. O professor tem a responsabilidade de fazer com que o aluno aprenda, assimilando o conteúdo; e, o aluno, tem a preocupação de extrair o máximo possível de conhecimento. Outros acrescentam, ainda, a responsabilidade do corpo técnico da instituição de ensino.

Para os educadores entrevistados, a importância dos instrumentos de avaliação (Questão 04) se resume na forma de mostrabilidade daquilo que o aluno ao longo do período aprendeu independente da nota, apesar do peso cultural que esta exerce nas escolas atuais. Desse modo, sua relevância está centrada neste contexto, de forma a traçar um perfil de equilíbrio entre as suas condições reais de aprendizagem com o ensino que se tem para oferecê-los, conforme se pode observar a seguir:

*Para mim, não tem importância nenhuma. Muitas vezes, o instrumento é uma mera fotografia de um momento e não mede capacidade de ninguém. (PF)*

*É também através dos instrumentos de avaliação que se identifica o tipo de clientela trabalhada, o aluno que queremos formar, um indivíduo crítico, um indivíduo que memoriza, que não seja apenas um reprodutor do conhecimento, passivo na sociedade, mas que desenvolva habilidades e competência. (PD)*

*Não tenho a avaliação como importante ou como prioridade. (PG)*

*Os instrumentos de avaliação estão centrados no compromisso do indivíduo como um todo, na pessoa e no seu fazer produtivo. (PI)*

Em relação ao sujeito responsável pelo sucesso ou pelo insucesso do aluno (Questão 05), mais uma vez são apontados professor e aluno. Outros entrevistados vão mais além:

*Tem muitas variáveis: família, escola, professor, sendo que o professor é responsável pela maior parte. (PC)*

*A família, que tem a obrigação de orientar, acompanhar e, também, de colaborar. (PB)*

*Não considero apenas um responsável, já que a família contribui bastante para esse sucesso ou insucesso. A questão do incentivo por parte da família é fundamental. Na verdade, é um conjunto de fatores. (PA)*

Pelas falas cima, observamos que os educadores não consideram apenas um responsável pelo fracasso do aluno e sim todos que fazem parte do sistema. A escola tem uma parcela fundamental na educação do indivíduo, para isso deve proporcionar um ambiente agradável e prazeroso, democrático e cima de tudo ensinar-lhes os conceitos voltados para a ética e a moral. Por sua vez, a família tem a obrigação de contribuir para que o sucesso tão almejado ocorra na vida do educando.

Questionados sobre quais instrumentos de avaliação são utilizados regularmente para avaliar os alunos (Questão 06), os educadores entrevistados destacaram os seguintes: “prova escrita”, “trabalhos em classe”, “seminários”, “interpretação de texto”, “exercícios do livro didático”, “atividades em grupo”, “participação em projetos”, “apresentação de imagens”, “vídeos” e outros.

Observa-se que muitos e diversificados são os instrumentos avaliativos, considerando que avaliar tornar-se indispensável em qualquer proposta de educação. Os instrumentos de avaliação servem para constituir uma prática educacional conscientemente preocupada com a promoção da transformação social.

Em relação à auto-avaliação (Questão 07), os professores declararam não ser utilizada, muito em função da falta de maturidade de muitos alunos. Vale lembrar que, por ocasião das entrevistas com os coordenadores, não foram obtidos posicionamentos que corroborassem com as representações dos professores, haja vista a declaração dos primeiros de que a auto-avaliação na escola ser uma constante, representando uma ferramenta muito eficaz para a avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, não houve contexto suficiente para que o questionamento sobre os critérios utilizados na auto-avaliação fossem mencionados pelos professores entrevistados (Questão 08).

Pelo que foi observada, a conscientização para a importância da auto-avaliação ainda se encontra em fase de construção na escola, haja vista que se trata de um processo contínuo, através do qual uma instituição educacional gera a construção de conhecimentos sobre sua própria realidade, na busca de elucidar os significados do conjunto de suas atividades para a

melhoria da qualidade da educação e alcance de uma maior relevância social. Para tanto, sistematiza informações, analisa coletivamente os significados de suas realizações, desvenda formas de organização, administração e ação, identifica pontos fracos, bem como os pontos fortes e potencialidades, estabelece ainda estratégias de superação de problemas.

No que concerne à modalidade de avaliações mais utilizadas (Questão 09) destacaram-se a diagnóstica, a formativa e a somativa, para tanto revelaram certa confusão em distinguir os tipos de avaliações, todavia, declararam utilizar somente a avaliação somativa por imposição da Secretaria de Educação. O fato de considerar a avaliação reduzida a uma dimensão de procedimento terminal, dissociado da ação educativa, limita o aprofundamento necessário do aluno em relação ao significado das interferências constantes dos professores. É preciso considerar sempre que avaliação é movimento, é ação e reflexão e só é produtivamente possível ser realizada conjuntamente como um dos elementos de um processo de ensino e aprendizagem que estejam claramente definidos por um projeto pedagógico.

Questionados se encontram dificuldades no momento da realização do processo de avaliação (Questão 10), alguns professores negativizaram suas respostas; outros, no entanto, declararam que tais dificuldades existem como pode ser percebido nas seguintes colocações:

Quadro 04- Dificuldades encontradas a quando da realização do processo de avaliação.

Questão	Resposta Representativa dos Professores
10-Você encontra dificuldades aquando da realização do processo de avaliação?	<p>-Sim, pois o aluno já tem uma cultura de nota, se passo um trabalho que não vale nota, ele não quer fazer.(PB)</p> <p>-O aluno não tem compromisso, ainda não se conscientizou da importância da avaliação, leva muito na brincadeira.(PC)</p> <p>-Sim, pois temos diversas modalidades de avaliação que são bastante pertinentes, pois trabalho a formação do aluno, mas o sistema educacional como um todo exige avaliação somatória.(PF)</p> <p>-Sim, atualmente como as minhas avaliações são contextualizadas, mas como a maioria não está preparada para esse tipo de avaliação acabam errando, pois não sabem interpretar.(PG)</p> <p>-Sim, muitas, dentre as quais a dificuldade de ler da maioria, e a incapacidade de expressar, na forma escrita, aquilo que aprendeu.(PH)</p>

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos professores em termos de avaliação, observou-se uma variedade de dificuldades elencadas pelos professores. No entanto, os dois

últimos depoimentos evidenciam um entendimento diferente em relação ao assunto, caracterizando a dificuldade de leitura e de interpretação como dificuldades maiores no contexto do processo avaliativo. De fato, é preciso considerar as relações concretas que se travam entre os elementos da ação educativa, em nome da avaliação e buscar uma consciência coletiva do significado deste processo. A participação deve ser de todos, já que o processo educativo não se desenvolve em momentos estanques, sem elos de continuidade, desconectados em termos de progressão na construção do conhecimento.

Indagados se a coordenação pedagógica define os critérios de avaliação aos professores da escola Esther da Silva Virgolino (Questão 11), alguns educadores entrevistados responderam afirmativamente, ressaltando que o processo é feito por partes: geralmente, dois pontos para projetos interdisciplinares; quatro pontos para avaliações somativas; e, os outros dois pontos distribuídos para atividades curriculares.

Do mesmo modo, quando questionados se a coordenação pedagógica fornece indicações sobre os instrumentos e procedimentos de avaliação que os professores devem seguir (Questão 12), alguns entrevistados negativizaram as respostas e os que responderam afirmativamente, relataram que existe uma orientação, em relação à quantidade de instrumentos de cada bimestre, lhes passadas através de reuniões, nas quais são lançadas sugestões que possam ser utilizadas em sala de aula.

Os posicionamentos dos professores evidenciam a avaliação como um ato contínuo, quando falam em acompanhar o aprendizado do aluno ininterruptamente, de maneira que possa verificar o estágio do educando, revelando sua importância exatamente no sentido de constituir um caminho para o alcance dos objetivos, embora alguns ainda utilizem a avaliação como ferramenta “medidora”, obedecendo a critérios fornecidos pela própria instituição de ensino. É claro que a avaliação não deixa de ser um caminho para que objetivos sejam atingidos; mas, na verdade, o entendimento do processo em sua amplitude, apesar de entendidos pelos educadores, parece não estar a ser colocado em prática na sua totalidade.

Em relação às bases teóricas utilizadas como referencial na avaliação dos alunos (Questão 13), os entrevistados destacaram os livros, os recursos da internet, programas de computação, e teorias de autores como Paulo Freire, Luckesi, Hoffmann e outros. Um dos educadores entrevistados, no entanto, chega a relatar que todo o material recebido foge à realidade dos alunos, assim, “avalio o aluno dentro da minha concepção de avaliação, sempre dentro do processo”. Para os entrevistados, a partir desse material e de uma postura crítica por parte do professor, acredita-se ser possível superar as inúmeras deficiências dos livros

didáticos e tornar esse material mais adequado à Educação e mais próximo daqueles objetivos individuais do professor e da realidade do alunado.

Convidados a emitir opiniões sobre quais fatores devem ser melhorados, no que concerne à avaliação da aprendizagem, de forma a melhorar o ensino (Questão 14), são destacadas as seguintes representações:

*Aulas práticas fora do ambiente escolar têm um rendimento melhor e a avaliação é mais eficaz. (PD)*

*Tentar aproximar mais o professor do aluno. Dar um feedback melhor, tirar o professor do pedestal, fazer com que o aluno se sinta à vontade para perguntar, questionar, sem medo. (PC)*

*A falta de compromisso com alguns educadores, alguns alunos que não se interessam e a questão do espaço, a sala de aula muito pequena para comportar um número muito grande de alunos, o que acaba por prejudicar o rendimento do alunado. (PA)*

*Uma avaliação para a melhoria da qualidade do ensino e não para medir. (PB)*

*Que os alunos participem, no sentido de também emitirem opiniões. O ideal seria que os alunos não fossem avaliados. Na verdade, se é para ter avaliação, a escola precisa ter um padrão, para que os professores possam seguir ter um referencial. (PE)*

Pelo que se pode observar os fantasmas<sup>8</sup> da avaliação ainda são muito menos representativos no processo como um todo, do que elementos constituintes desse processo: provas, notas e registros de aprovação/reprovação, ou seja, o mito da avaliação é decorrente de uma caminhada histórica, sendo que ainda há uma apresentação como forma de controle e de autoritarismo por diversas gerações sobre o aluno. Em suma, parece não haver muitos temores a respeito da avaliação como um todo, mas sim daquilo que dela efetivamente vem sendo extraído, tal como índices de reprovação que muitas vezes causam evasão escolar.

Ao final, os educadores foram convidados a emitir um parecer com relação à sistemática de avaliação elaborada pela Secretaria Estadual de Educação (Questão 15), importando no destaque para as seguintes representações que se mostraram bastante divergentes:

*Não sou muito de acordo com a sistemática de avaliação, pois, no meu entender, cinco pontos é muito pouco para o aluno conseguir; se colocássemos 7,5, o aluno teria um interesse maior em aprender. (PE)*

*Ela acaba nivelando o aluno para baixo. Ele precisa de muito pouco para passar, tornando-se, assim, preguiçoso e acaba atrapalhando o processo de ensino-aprendizagem, não dando ao*

---

<sup>8</sup> - Mundo imaginário, mitos e fantasias da avaliação.

*professor uma ferramenta para que possa exigir mais do aluno. A Secretaria se preocupa mais com dados estatísticos e com níveis de aprovação, não se preocupando se o aluno aprendeu ou não. (PC)*

*Às vezes, não visa à formação do aluno em si, mas dados estatísticos, que colocam o aluno lá em cima. (PG)*

*Eu acredito que permite que o aluno não estude; deveria exigir mais do aluno; 50% é muito pouco, deveria ser 68% ou 70%, o que incentivaria o alunado a buscar esses pontos. (PB)*

*Não adianta ter um padrão, uma referência, se a gente não consegue colocar em prática. Quanto à nota, sempre falo aos meus alunos que ela não vai medir a capacidade deles, sempre cobro a vontade, o interesse de querer aprender. A nota é apenas uma consequência. (PD)*

Pelo que se pode observar das falas e representações dos entrevistados, as escolas refletem a estrutura social, já que a avaliação ainda se apresenta imbuída de um caráter tradicional da aprendizagem escolar, mesmo após todos esses anos de implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, que estabelece em seus incisos uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (art. 24).

Não se pode esquecer que uma das dificuldades em se trabalhar os erros dos alunos, encontra-se justamente na dificuldade que o próprio educador tem em trabalhar os seus próprios erros, em decorrência de uma visão distorcida, onde não havia lugar para o erro. “Errar é preciso”, clamam os especialistas da sociedade contemporânea! Não seria possível negar a frequência com que se imprime a valorização exclusiva da resposta certa, onde o raciocínio que o educando usou de nada vale se a resposta não está correta. E é aqui que se observa uma total negação de todo um processo de construção do conhecimento, inclusive o científico.

Sob o mesmo prisma encontra-se a questão da cola<sup>9</sup>. Considerada como um fenômeno cíclico, a cola surge nos períodos de prova, centralizando, por diversas e diferentes razões, as atenções de alunos e professores. Sobre o enfoque, Luckesi (1998) imprime ênfase na não tolerância dos professores como fator de primordialidade: tolerância só se for em benefício do educando. Já não se concebe mais um educador extremamente autoritário e, nada impede, portanto, que, pesquisando as razões profundas de alguns vícios que corrompem o ensino e o trabalho pedagógico das escolas, busquem-se formas alternativas, tão eficientes quanto à

---

<sup>9</sup> - Ato em que o indivíduo se apropria de meios ilícitos para conseguir ótimos resultados em um processo de avaliação.

postura autoritária que alguns professores assumem em sala de aula durante as provas, embora de muito melhor qualidade educativa.

A avaliação deve ser empregada com o objetivo direcionado de aperfeiçoamento do ensino, exigindo do educador a consciência do significado que ele atribui a sua ação educativa. Sua utilização deve apoiar-se nos múltiplos instrumentos de coleta de informações, sempre de acordo com as características do plano de ensino, ou seja, dos objetivos que se está buscando junto aos alunos. Sua utilização é fundamental para indicar o alcance ou não dos objetivos de ensino, e para que o aluno compreenda o processo de aprendizagem que está percorrendo.

Os professores da Escola Esther da Silva Virgolino são em sua maioria do quadro do Estado, são educadores que possuem uma vasta experiência profissional, tendo em vista que o contratado mais recente possui 04 (quatro) anos de magistério, os demais têm 10, 15, 20 e 26 anos respectivamente. Quanto à graduação todos são graduados na disciplina que ministram, e 78% (setenta e oito por cento) possuem pós-graduação: isto mostra que apesar das dificuldades encontradas, esses profissionais estão sempre buscando meios de se qualificar profissionalmente.

### **3.4 - Os Questionários dos Alunos**

Os alunos foram submetidos à aplicação de questionários, condensando variáveis pertinentes à análise exprimida, tais como, concepção sobre instrumentos de avaliação, sua importância, responsabilidade pela avaliação, critérios avaliativos, conhecimento prévio, fracasso escolar, dentre outras.

Durante a aplicação dos questionários com os alunos, duas indagações se postaram de forma discursiva. Inicialmente, os alunos foram convidados a lançar suas opiniões acerca do que seriam instrumentos de avaliação de aprendizagem (Questão 01). A ênfase se deu em direção ao fato de que tais instrumentos servem exclusivamente para avaliar a aprendizagem do alunado e detectar possíveis erros. Muitos não chegaram a exprimir aspectos conceituais, mas apontaram as provas, a participação e os trabalhos em grupos como instrumentos avaliativos. Algumas colocações merecem destaque:

Quadro 05 - Opinião dos alunos acerca do que são Instrumentos de Avaliação.

Questão	Respostas Representativas do Alunos
01- De acordo com sua opinião, o que são Instrumentos de Avaliação?	<p>-São atividades desenvolvidas em sala de aula, com o intuito de medir e organizar o grau de aprendizagem do aluno. (A 09<sup>10</sup>)</p> <p>-Acredito que sejam os testes que a escola repassa. Por exemplo: olimpíadas de matemática, seminários, debates, testes parecidos com provas do vestibular, que testam os conhecimentos de tudo o que aprendemos no decorrer do ano, etc.(A 03)</p> <p>-São os trabalhos que servem mais para ajudar os alunos nas notas. (A 25)</p> <p>-São todos os conteúdos e atividades apresentadas em sala de aula pelo professor. (A 13)</p> <p>-É o processo diário em sala de aula. (A 32)</p>

Apesar de não expressarem exatamente a mesma opinião em seus depoimentos, todos os alunos concordam que os instrumentos servem para avaliar. Todavia, dezoito por cento dos alunos citam os principais instrumentos utilizados pelos professores como auxiliares no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Apesar das dificuldades de se superar a utilização exclusiva de testes e provas, outros instrumentos de avaliação já se fazem presentes na maioria das instituições de ensino.

Na realidade, o ato de avaliar não prescinde de momentos e procedimentos, haja vista a necessidade de se detectar aquilo que está ocorrendo ou que já ocorreu durante o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, alguns procedimentos passam a ser indispensáveis, tais como, as observações, as dinâmicas, os exercícios, os relatórios, as olimpíadas, os projetos pedagógicos, as pesquisas, dentre outros.

Durante a observação, o professor poderá registrar os progressos individuais de cada aluno, verificando a capacidade de expressão oral, o relacionamento com colegas e com o professor, atitudes de participação e colaboração, dentre outros. Já em relação às dinâmicas, estas podem ser estruturadas previamente, através de peças de teatro, jogos etc., onde cada aluno passa a ter o seu papel definido através de textos específicos. É nesse momento que o educador tem a oportunidade de registrar aquilo que tal dinâmica revela em relação às aprendizagens.

<sup>10</sup> - A representa Aluno e 09, seguindo a numeração cardinal.

Vale lembrar, que na elaboração de testes e provas, todo cuidado é pouco, levando em conta a essencialidade da clareza, indicando de maneira objetiva, a resposta que se quer dos alunos. Já as conhecidas “pegadinhas” <sup>11</sup> só servem para atrapalhar o aprendizado e a performance do aluno, se utilizada deve ser previamente trabalhada a conscientização desses, para que tenham a calma necessária, leiam com a máxima atenção as questões de forma que não as deixem atrapalharem. As provas devem cobrir todos os aspectos trabalhados e não apenas os mais difíceis ou os mais fáceis, de modo que a valorização de cada questão deva corresponder ao seu grau de equilíbrio e complexidade.

Os alunos também foram questionados acerca da importância dos instrumentos de avaliação para a aprendizagem (Questão 02), registrando-se uma concordância de que é através destes instrumentos que o educador tem a oportunidade de perceber o conhecimento adquirido pelo aluno. Os alunos (quadro 06) acrescentam que não adianta somente estudar, é preciso mostrar o que realmente aprendeu e o que não conseguiu aprender.

Quadro 06 - Importância dos Instrumentos de Avaliação para a Aprendizagem

Questão	Respostas Representativas dos Alunos
02-Qual a importância dos instrumentos de Avaliação para a aprendizagem?	<p>-A importância é que temos que obter pontos para passarmos, mas sabendo alguma coisa.(A 07)</p> <p>-Para a pontuação bimestral e ver se realmente o aluno realmente aprendeu o assunto.(A 18)</p> <p>-É de extrema importância, pois podemos colocar em prática tudo o que foi aprendido.(A 22)</p> <p>-A importância é para que o aluno se esforce para tirar uma boa nota.(A 25)</p> <p>-É para nós alunos aprendermos mais.(A 38)</p> <p>-É Importante para nós termos mais conhecimento.(A 41)</p>

É relevante destacar a necessidade de se aplicar os testes sob um clima de naturalidade, sem a pressão já costumeira por ocasião das provas, já que não se trata de uma punição, mas sim de trabalhar valores do cotidiano pedagógico, buscando evitar comportamentos que gerem concorrência ou competição. Tanto a correção das provas, quanto dos testes representam uma leitura dos dados de avaliação. Desse modo, além da atribuição

<sup>11</sup> Quando a prova é elaborada com perguntas complicadas para atrapalhar o aluno e este erra por não ter entendido a pergunta, embora saiba a resposta.

das notas, é necessário que o educador utilize os resultados obtidos pelos alunos para que sejam identificados aqueles aspectos que não foram assimilados a contento, permitindo assim um reforço de aprendizagem.

Outro problema referente à avaliação é o fato de que foi tirado do professor o direito de atuar como educador no sentido amplo que esta palavra possui. O que tem acontecido é que algumas escolas têm mostrado ao professor (nos cursos de Licenciatura e Magistério) e têm exigido dele que só atue como transmissor de conhecimentos e que só avalie cognitivamente e, ainda por cima, somente em alguns momentos (por exemplo, ao fim do bimestre). Sendo assim, tira-lhe o que é primordial neste processo, que é desenvolver, e ao mesmo tempo avaliar, a capacidade intelectual e atitudinal dos alunos.

A educação, mais do que nunca, ainda merece constituir-se parte integrante das mesas de debates entre educadores, políticos e cidadão comum. A necessária dignidade intelectual e moral do homem deve ser resgatada, e ser imposta uma nova antecipação do papel que a educação poderá assumir para atingir este fim. As diretrizes devem ser adequadas às responsabilidades da sociedade para com os educandos, e o educador deve, necessariamente, deixar de ser apenas um conferencista, para estimular a pesquisa espontânea, num empenho de flexibilidade e disposição, estudo e crítica, no qual o papel da escola deva necessariamente pressupor uma comunidade de trabalho, numa verdade não simplesmente transmitida, mas reconstruída e reinventada pelo aluno.

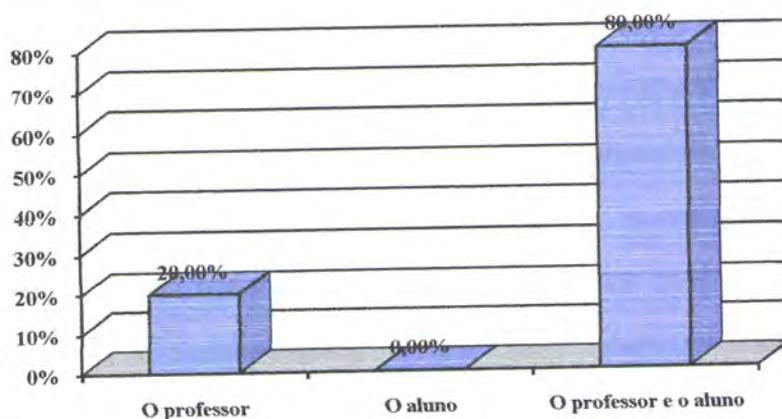


Figura 21 – Distribuição dos alunos quanto à responsabilidade pela avaliação em sala de aula

Questionados sobre quem deveria assumir a responsabilidade pela avaliação em sala de aula (Questão 03), a maioria dos alunos entrevistados (80%) refere que esta

responsabilidade deve recair tanto sobre o educador quanto sobre o educando, o que pode ser evidenciado na figura (20%) responderam que o responsável é o professor. Na realidade, não há como apontar um ou outro como responsável, haja vista os diversos atores sociais envolvidos no processo, como professores, alunos, coordenadores, família, e outros técnicos.

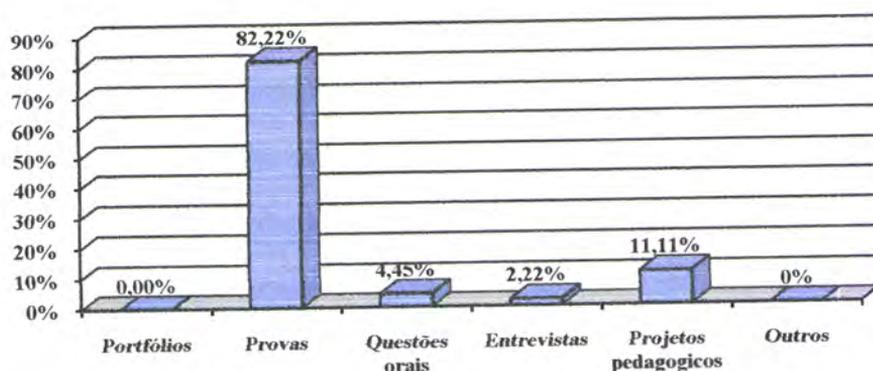


Figura 22 – Distribuição dos alunos em relação ao instrumento de Avaliação mais frequentemente utilizado pelos seus Professores.

Convidados a escolher o instrumento de avaliação mais frequentemente utilizado pelo professor em sala de aula (Questão 04), os alunos entrevistados manifestaram a seguinte representação: provas (82,22%); questões orais (4,45%); entrevistas (3,22%); e, projetos pedagógicos (11,11%). A figura 22 expressa bem estes dados. Atualmente, é muito comum a prática somativa para os critérios de avaliação, quando os conceitos são divididos entre as diversas atividades para o alcance de um conceito geral através do somatório dos diversos conceitos adquiridos.

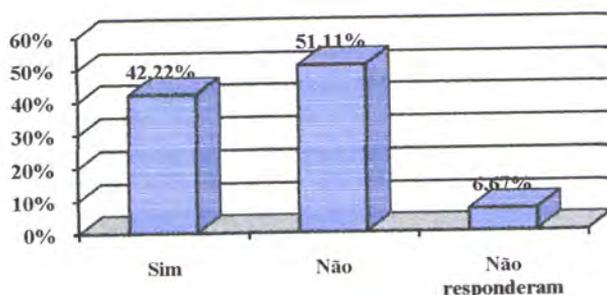


Figura 23 – Distribuição dos alunos quanto à utilização da auto-avaliação por parte dos Professores

Na figura 23, sobre a utilização da auto-avaliação por parte dos professores (Questão 05), têm-se os seguintes resultados: os professores não utilizam a auto-avaliação (51,11%), e utilizam a auto-avaliação (42,33%); 6,67% dos alunos não responderam. Apesar de não ser prática na escola em questão, em virtude dos professores embora utilizam, alegaram que os alunos não têm maturidade suficiente para se auto-avaliarem. A avaliação interna representa um sistema que permite a integração das diversas dimensões da realidade avaliada, assegurando as coerências conceituais, os estudos críticos das hipóteses e resultados constituídos e praticados dentro do processo educacional nas instituições de ensino, assim como o alcance dos objetivos dos diversos seguimentos institucionais. Nesse sentido, é que Hoffmann (2001) confirma o que foi comentado acima: de que a auto-avaliação se caracteriza muitas vezes em processos auto-sentencivos de atitudes e relações pessoais na escola. (p.52)

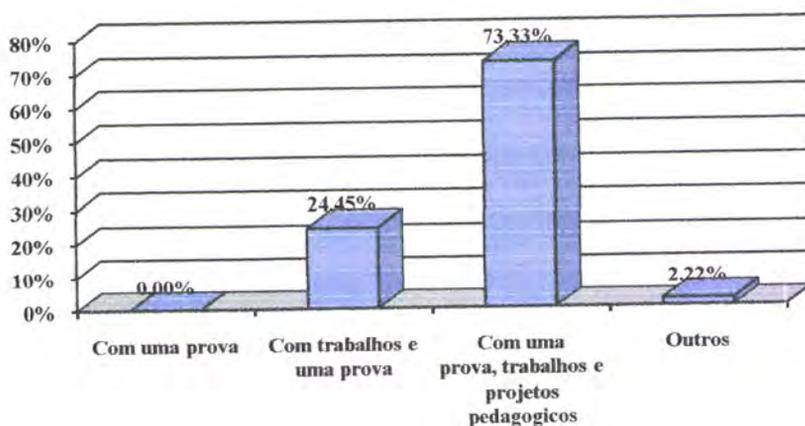


Figura 24 – Distribuição em relação à realização de atividades bimestrais

Em relação às avaliações bimestrais (Questão 06), na figura 24, estas apresentam o seguinte procedimento: (73,33%) com uma prova, trabalhos e projetos pedagógicos, caracterizando a avaliação somativa; (24,45%) apenas com trabalhos e uma prova; e, (2,22%) outros tipos de avaliação. Pelos dados acima, os educadores procuram diversificar os instrumentos de avaliação com o intuito de melhorar a qualidade de ensino apesar da grande preocupação em usar a prova como instrumento primordial de avaliação. Segundo Vianna (2005), a avaliação apresenta três funções: diagnosticar, controlar e classificar. Relacionadas a

essas três funções, existem três modalidades de avaliação: formativa, somativa e especializada. A avaliação especializada ocupa-se dos educandos que exigem uma atenção mais demorada, ampla e profunda do que normalmente seria necessária. A avaliação formativa tem sua realização com o intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades. Por fim, a avaliação somativa, com função classificatória, consiste em classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos.

Ainda abordando esta mesma questão, Perrenoud assinala a idéia de avaliação formativa como algo que:

Sistematiza esse funcionamento, levando o professor a observar mais metodicamente os alunos, a compreender melhor seus funcionamentos, de modo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas e as situações didáticas que propõe tudo isso na expectativa de otimizar as aprendizagens. (p.88)

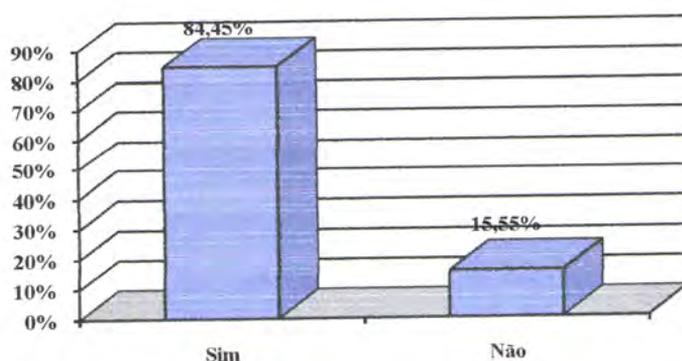


Figura 25 – Distribuição dos alunos em relação ao estabelecimento de critérios por parte do Professor para a Avaliação em sala de aula.

Questionados se os professores estabelecem critérios de avaliação em sala de aula (Questão 07), na figura 25 é evidenciado que a maioria dos alunos respondeu afirmativamente (84,45%), tais como avisar o dia da prova, explicar o conteúdo, com trabalhos em equipe, frequência, participação, dentre outros, em detrimento de uma minoria (15,55%) que não estabelece critérios de avaliação durante as aulas. Pelo que foi observado os alunos entendem por estabelecimento de critérios, apenas no momento da avaliação o professor colocar as

normas como irá acontecer o processo avaliativo, no sentido de dizer que não pode conversar, olhar para os lados, consultar máquina de calcular. A grande maioria dos estudiosos valoriza na avaliação os critérios de representatividade, de legitimidade, de participação da base de planejamento participativo, de convivência, de identidade ideológica, de consciência política, de solidariedade comunitária, de capacidade crítica e autocrítica, e de outros elementos que, em última instância, serviriam para desenvolver a cidadania.

Ainda nessa mesma dimensão, Sant'Anna (2009) enfatiza critérios de avaliação como:

...um elemento para diagnosticar o rendimento escolar, verificando-se quais os alunos que necessitam de ajuda ou atendimento pedagógico específico. Jamais um aluno deverá ser comparado com outro, e sim com seu próprio progresso. As verificações deverão ser constantes e contínuas. (p.65)

Assim, vale enfatizar que os critérios devem ser acordados no início de cada atividade avaliativa, haja vista, que são referências que irão produzir a maneira como se realizará a supervisão das atividades educacionais. (Sant'Anna, 2009, p.80)

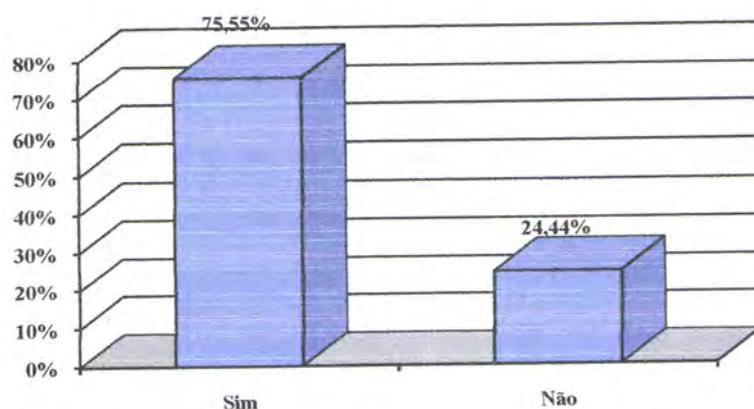


Figura 26 – Distribuição dos alunos quanto à negociação dos critérios de avaliação com os alunos por parte dos professores

Na figura 26 é evidenciado que a maioria dos educadores (75,55%) negocia os critérios de avaliação com os alunos (Questão 08); já uma minoria (24,44%) não o faz. É um indicador claro de educadores comprometidos com a educação e que tentam seguir o novo paradigma, o tornando mais democrático e dinâmico, fazendo valer o seu compromisso de mediador de conhecimento. Enquanto que a minoria, não consegue passar desse estágio de alienação do modelo tradicional. Pelos dados visualizados acima fica evidente que os

professores entendem da necessidade de negociar com os alunos os critérios de avaliação previamente, para evitar problemas futuros. Como se pode perceber, avaliar não consiste apenas em prescrever testes escritos, esporadicamente, no intuito de medir a capacidade do aluno, ou de manter “vivos” os conhecimentos transmitidos em sala de aula. Em seu sentido mais amplo, a avaliação é e deve ser uma prática que observe a evolução do aluno como um todo: sua consciência, sua capacidade crítica, sua forma de pensar, e não apenas a quantidade apreendida de conteúdos.

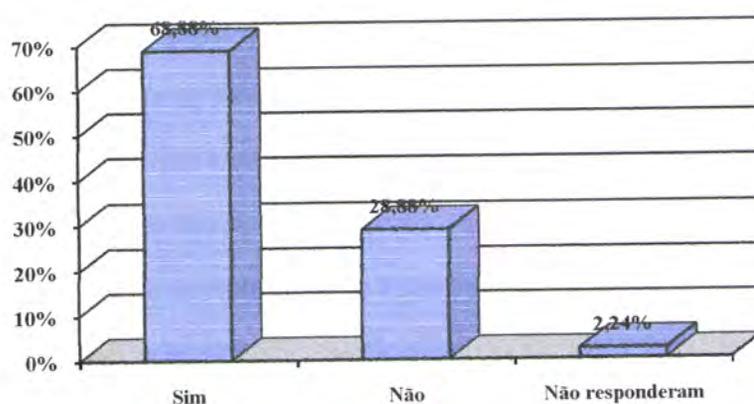


Figura 27 – Distribuição dos alunos em relação à constância dos professores em avaliar tendo em conta os critérios estabelecidos

Questionados se, no geral, os professores avaliam considerando os critérios estabelecidos (Questão 09), a grande maioria dos alunos respondeu afirmativamente (68,88%), referindo pesquisas, conteúdos, seminários, em detrimento de uma minoria, que respondeu negativamente (28,88%); (2,24%) não responderam (Figura 27). A avaliação não deveria apenas traduzir a capacidade do indivíduo em repetir o que lhe foi repassado, mas sim medir a sua capacidade de raciocínio, seu conhecimento empírico, seu conteúdo gramatical e, principalmente, seu senso crítico, pois ao aceitar o que já está feito sem quaisquer restrições, é mais uma prova de alienação e/ou ausência de conscientização.

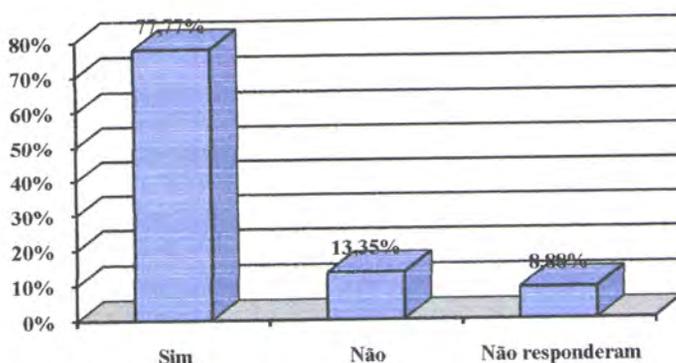


Figura 28 – Distribuição dos alunos quanto aos critérios estabelecidos pelos professores para avaliar seus alunos em Projetos Pedagógicos

Em relação aos projetos pedagógicos (Questão 10), na figura 28 fica evidenciado que também são, pelo coletado, estabelecidos critérios pela maioria dos professores para avaliar seus alunos (77,77%); uma minoria (13,35%) declarou a inexistência desses critérios; 8,88% não responderam. Em seu sentido mais amplo, a avaliação é e deve ser uma prática que observe a evolução do aluno como um todo: sua consciência, sua capacidade crítica, sua forma de pensar, e não apenas a quantidade apreendida de conteúdos.

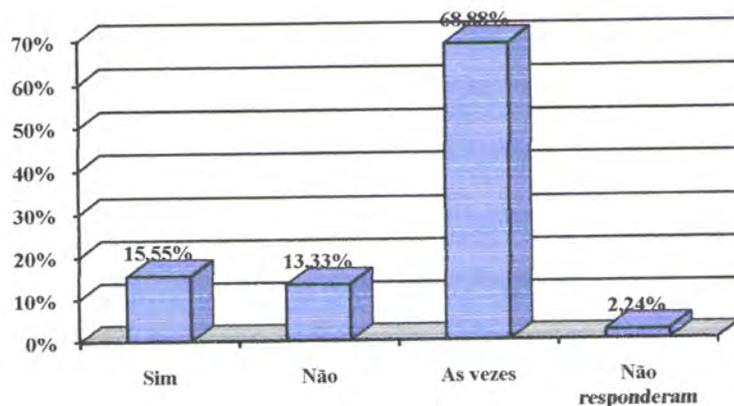


Figura 29 – Distribuição em relação à verificação do conhecimento prévio do aluno sobre o assunto em questão.

Segundo os alunos entrevistados, a maioria dos professores (68,88%), antes de iniciar um assunto, verifica se o aluno tem conhecimento prévio sobre o assunto em questão (Questão 11) somente às vezes. Apenas (15,55%) dos alunos declararam a existência dessa verificação sempre; (13,33%) negativizaram a resposta; e, (2,24%) não responderam (Figura

29). Contudo, não se pode negar o fato de que o papel do educador em conduzir os educandos à criticidade é essencialmente recíproca, considerando a existência de uma rica troca de experiência em que este educador deve valorizar o saber de seus alunos e, em conjunto, buscar a aquisição de novos conhecimentos e de novos caminhos a serem seguidos.

Para Sant'Anna (2009) é interessante que o professor, sempre acompanhe o desenvolvimento do aluno, pois, ao avaliar o professor deverá:

Ter em vista o desenvolvimento integral do aluno. Assim, comparando os resultados obtidos, ao final, com a sondagem inicial, observando o esforço do aluno de acordo com suas condições permanentes e temporárias, constará o que ele alcançou e quais as suas possibilidades para um trabalho futuro. (p.24)

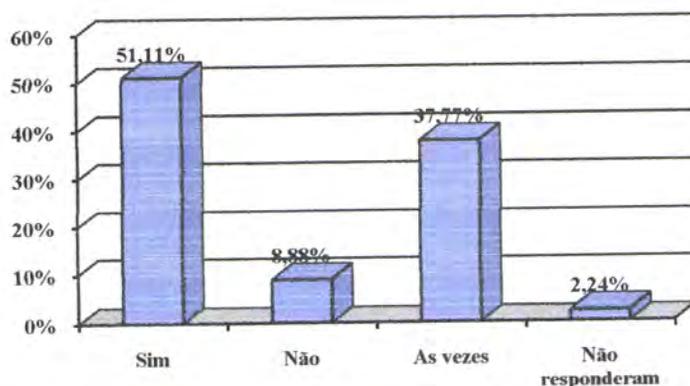


Figura 30– Distribuição dos alunos em relação à comunicação e análise sobre os resultados das avaliações

Questionados se, ao final de cada bimestre, o professor comunica e analisa com os alunos os resultados das avaliações (Questão 12), a maioria dos alunos entrevistados respondeu afirmativamente (51,11%); (8,88%) responderam negativamente; (37,77%) responderam que este procedimento se processa apenas às vezes; e, (2,24%) não responderam (Figura 30). Percebemos claramente pelos dados acima que os professores estão saindo desse estágio de acomodação para um dinâmico e democrático, onde estes não são mais o "dono do saber" e sim aqueles que vão dinamizar e interagir os conhecimentos com seus alunos. Sabemos que essa diferença é pequena, mas já é um grande passo para a mudança tão esperada na educação. O educador ingênuo não reconhece no aluno a sua qualidade de sujeito e, por isso, o faz como receptor de informações, corrompendo o que é essencial na educação –

o encontro de consciências, o construir juntos o saber. Com esse propósito, Paiva (1997, p. 6) destaca que: “compete ao educador praticar um método crítico de educação (...) que dê ao aluno a oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo”.

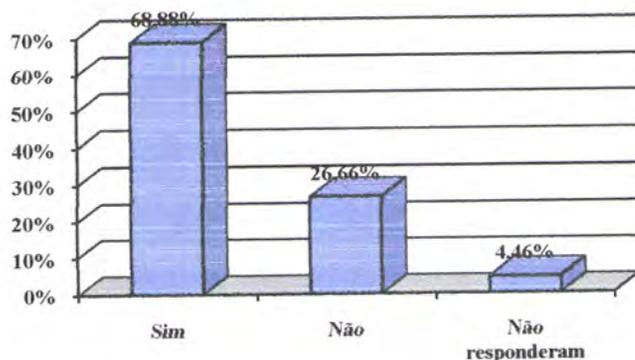


Figura 31 – Distribuição dos alunos quanto ao fato de gostar da forma como são avaliados

Na figura 31 fica evidenciado que a maioria dos alunos entrevistados (68,88%) aprova a maneira como é avaliado (Questão 13), em detrimento de uma minoria (26,66%) que não aprova; (4,46%) não responderam. Alguns alunos enfatizam a importância de oportunizá-los a se expressar, defender seus conceitos com relação às opiniões dos professores. Outros questionaram os métodos utilizados pelos professores, já que muitos se negam a aceitar sugestões.

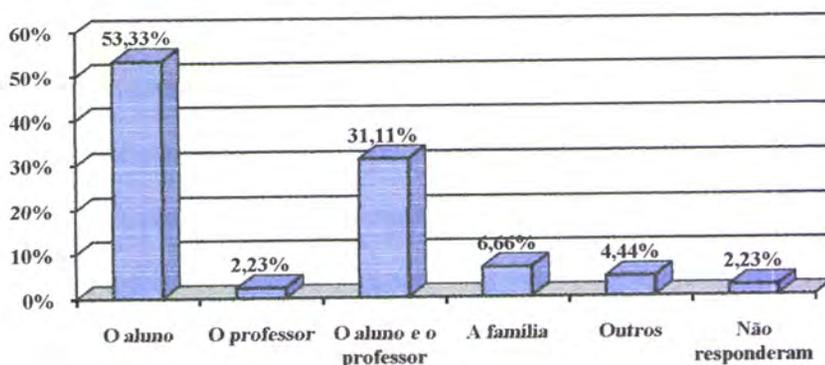


Figura 32 – Distribuição dos alunos em relação ao responsável pelo fracasso escolar

Na figura 32 evidencia-se que (53,33%) consideram o próprio aluno responsável pelo fracasso escolar; (2,23%) apontam o professor como culpado, (31,11%) o aluno e o professor; 6,66% apontam a família como responsável; (4,44%) outros; e, (2,23%) não responderam (Questão 14). A maioria dos alunos concorda que os esforços devem vir deles mesmos, sem que seja necessária a ajuda de terceiros.

O problema do fracasso escolar tem sido percebido primeiramente por pais e/ou professores. Para Sisto (2001), os pais, quando convivem constantemente com o aluno, acumulam uma grande quantidade de experiência sobre seu desenvolvimento e se encontram em uma posição privilegiada para detectar problemas, desde que tenham os olhos voltados para isso.

Nas considerações de Montovanini (2001), no Brasil, o fracasso escolar é um problema que atinge um número cada vez maior de alunos, principalmente na escola pública. Destaca a autora que, apesar das várias tentativas de compreensão do fenômeno, visando ao desenvolvimento de estratégias de combate mais eficazes, muito se tem que caminhar: os altos índices de repetência e abandono da escola mostram que ainda estamos tateando neste assunto.

Tanto coordenadores quanto educadores têm nos instrumentos de avaliação a representatividade dos elementos que visam melhor realizar o projeto educacional, promovendo nos educandos e nos educadores formas de aprofundamento de conhecimentos, aprimoramento de metodologias e de correção daquilo que não se mostra eficaz. Trata-se de mecanismos colocados a serviço da aprendizagem, da melhoria do ensino do educador e do aprimoramento da escola.

Assim como aos coordenadores, os professores inquiridos neste estudo vêm nos instrumentos de avaliação uma ferramenta de acompanhamento da aprendizagem, embora evidenciem, na sua maioria, uma visão reducionista da prática avaliativa, concebendo a ação avaliativa como um procedimento que se resume a um momento definido do processo educativo, ocorrido a intervalos estabelecidos e exigidos burocraticamente. Para os educadores entrevistados, a importância dos instrumentos de avaliação se resume principalmente na forma do aluno mostrar aquilo que aprendeu independente da nota, apesar da cultura da nota ainda vigente nas escolas.

Já para a maior parte dos alunos analisados, os instrumentos de avaliação servem exclusivamente para avaliar a aprendizagem do alunado e detectar possíveis erros. Professores e alunos que usam o termo “avaliação” atribuem-lhe diferentes significados relacionados,

principalmente, aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional: prova, nota, estudo, obrigação etc. Na verdade, parece que estabelecem uma relação direta entre tais procedimentos e a avaliação, com uma grande dificuldade em compreender tal equívoco.

Não raro os alunos ressaltam a necessidade de ser dada oportunidade para que os alunos possam se expressar, expor suas opiniões com relação às colocações dos professores. Outros questionam os métodos utilizados pelos professores, já que muitos se parecem negar a aceitar sugestões. Muitos atribuem o seu fracasso escolar à pressão exercida pela família, a nosso ver por desconhecerem ou ainda não atentarem para as deficiências de todo um contexto maior, como o número de alunos por sala de aula, salas pouco arejadas, recursos pedagógicos não diversificados nas aulas, currículos inadequados e até a formação do professor também inadequada, enfim, todo um contexto presente na maioria das escolas públicas. Portanto, não podemos apontar que os professores sejam culpabilizados pelo fracasso dos alunos, mas um contexto envolvido nesta problemática que vai desde a formação dos professores, a política educacional, os meios de comunicação que não tem compromisso com a construção de uma nação voltada para o desenvolvimento de sujeitos críticos e participativos.

### **3.5 – Observações nas dependências da Escola**

Considerando que este estudo utiliza como método a triangulação, como expressão de uma dinâmica de investigação e de trabalho, que integra análise de estruturas, processos e resultados de relações envolvidas na implementação de ações e a visão que os atores constroem sobre o objeto em investigação, a observação *in loco*, ou seja, em sala de aula, realizada em setembro de 2009, serviu para enriquecer as análises qualitativas e quantitativas (no caso dos alunos), combinando fontes de informação de dados e instrumentos de diferentes tipos, de modo a obter informação diversificada que permitisse clarificar significados e compreender o problema de estudo em profundidade. Os dados obtidos através das entrevistas e da observação em sala de aula foram cruzados para obter respostas às questões de investigação formuladas.

Durante a observação em sala de aula, foram identificadas questões orientadoras para a coleta de dados sobre a prática avaliativa dos professores da escola, servindo de base para a coleta de dados que sustentou a primeira parte do estudo. Várias observações foram priorizadas, tais como a organização do ambiente no espaço físico de sala de aula, o ambiente

de aprendizagem em relação à questão efetiva e emocional dos professores, a didática aplicada, os momentos de avaliação, os instrumentos utilizados, dentre outras.

Registrou-se que, no espaço físico da sala de aula, as cadeiras encontravam-se dispostas em forma de fila, sendo utilizadas em círculos apenas por ocasião da realização de algumas atividades específicas, como em debates e seminários. No início das aulas, alguns educadores não se incomodam em promover um ambiente favorável à aprendizagem dos alunos em relação à questão afetiva e emocional dos mesmos. Outros, no entanto, preparam o ambiente com uma notícia ou um comentário, mostrando-se, inclusive, bastante afetivos e amorosos.

Do mesmo modo, não foi observada, na maioria dos professores, a exposição dos objetivos da aula para os alunos. Outros, no entanto, chegam a mencionar a importância da disciplina para o vestibular e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), relacionando também à realidade empírica do alunado.

Observou-se, também, que algumas estratégias são utilizadas pelos professores para avaliar se os alunos estão aprendendo (ou não), tais como, perguntas orais, construção de textos, brincadeiras em sala, exercícios diversos, provas, dentre outras. No momento em que um aluno ou grupo de alunos termina rapidamente uma tarefa, os professores iniciam logo outra atividade. Raramente incentivam os alunos em suas atividades ou desenvolvem uma síntese dos assuntos tratados. Quando acontece, esta síntese é desenvolvida tanto pelo professor quanto pelo aluno.

Geralmente, ao final da aula, são agendados trabalhos para casa, como resolução de questões do assunto dado em sala de aula, assim como é anunciado o assunto a ser dado na próxima aula. Alguns momentos são utilizados para que o professor possa avaliar o aluno em seu contexto global, sendo mais evidente no final da aula.

Em relação aos instrumentos mais utilizados para avaliar os alunos, tem-se: construção de textos, redação, prova e portfólios, brincadeiras como poesia e repassa<sup>12</sup>, seminários, exercícios diversos e, ao final de cada bimestre, um projeto interdisciplinar. Geralmente, o professor procura adequar os instrumentos de acordo com os objetivos a desenvolver, relacionando-os com o cotidiano do aluno e utilizando uma variedade de instrumentos com vistas a melhorar o desempenho do aluno. Na maioria das vezes, também são utilizados recursos tecnológicos disponíveis na escola, como instrumento de aprendizagem e avaliação,

---

<sup>12</sup> - É um jogo de perguntas e respostas, (usado como instrumento de avaliação) onde um aluno é sorteado ou escolhido para responder uma determinada questão e, se não souber repassa para o próximo, que se acertar, ganha ponto e assim sucessivamente.

como filmes, TV Escola, sala de leitura, laboratório de informática e laboratório de biologia e matemática.

Apesar dos alunos serem informados a respeito da importância da auto-avaliação, esta não é uma prática utilizada na escola, pelo menos no período da pesquisa. No entanto, a avaliação diagnóstica é uma prática constante no início de um novo assunto, embora a avaliação formativa seja praticada raramente, apesar do esforço de alguns educadores em utilizar esta modalidade de avaliação. Já a avaliação somativa é utilizada com constância no decorrer do bimestre, em praticamente todas as atividades, tais como provas, testes, projetos interdisciplinares, seminários, dentre outras.

É interessante enfatizar que no decorrer do trabalho de investigação foi realizado o Projeto Eureka (gincana de conhecimentos), que vem sendo executado durante três dias consecutivos, efetivado todos os anos, com a participação de todos que fazem parte da escola, sendo este já o 5º ano consecutivo.

O referido Projeto, na tentativa de melhorar a aprendizagem e a sistemática de avaliação da Escola Esther da Silva Virgolino, tem desenvolvido esforços para contribuir na construção de alternativas que venham produzir mudanças significativas na escola como um todo e na prática pedagógica dos educadores. No campo teórico, busca-se investir em trabalhos de pesquisa, através do recurso da internet que a escola proporciona, sob orientação do aluno, que obviamente contempla ao alunado aprendizagens significativas para a constituição de suas cidadanias, de suas emancipações. Desse esforço vem aumentando outras práticas que a escola oferece como: “Árvore da Vida”, que enfatiza e valoriza a Melhor Idade (Terceira Idade); Sexualidade na Adolescência, que trata da necessidade de se refletir sobre os conceitos acerca do tema sexualidade, tendo em vista o corrente debate suscitado pelos altos índices de gravidez precoce; as DSTs, entre outros. Estes objetivam os educandos a se reconhecerem como sujeitos históricos construtores de realidade social, através de uma prática que não seja imune às diferenças existentes em sala de aula. Uma prática que favoreça o diálogo, a reflexão, a criticidade e criatividade, visando à edificação de uma sociedade mais justa, ética e saudável.

Partindo dessas abordagens pedagógicas, foi então que surgiu a necessidade de sistematizar uma prática educativa, nesse caso “O Projeto Eureka” que teve início no ano de 2005, por iniciativa do Professor Roberto França (Química) e a Professora Silvana (Matemática), inicialmente apenas com as disciplinas: Matemática, Química, Física e Biologia, com alunos de primeiro e segundo ano do ensino médio, em sábados alternados,

uma vez por ano, realizado na quadra poliesportiva da escola, sendo utilizados recursos como a caixa de som, microfones, retro-projetor e ornamentação de acordo com o local e de acordo com temas das disciplinas envolvidas; havia também torcida<sup>13</sup> por turma e a atividade valeu 40% da nota bimestral. A metodologia utilizada foi um jogo de erros e acertos de acordo com conteúdos das disciplinas. A prática foi um sucesso naquele ano, haja vista que foi uma forma de aprendizagem e avaliação diferenciada, onde se trabalhou a socialização, a cooperação, a integração, a ética e a cultura. O referido projeto permaneceu nos demais anos, sendo que no ano de 2006 sofreu algumas mudanças, visando à eficiência e a eficácia do referido projeto, entre elas o aumento de todas as disciplinas da matriz curricular da escola e, por outro lado, as questões foram mais contextualizadas, incitando o aluno a pensar mais para poder responder e no que concerne a recurso tecnológico, houve a substituição do retro-projetor pelo aparelho multimídia.

A referida pesquisa foi desenvolvida *in loco* na Escola Esther da Silva Virgolino, mais especificamente nas salas de aula, em reuniões pedagógicas e em culminâncias de projetos pedagógicos como o “Eureka”.

Acompanhamos o caso no cotidiano escolar, sem que os professores, coordenadores pedagógicos e alunos se sentissem incomodados e tampouco na obrigação de responder as entrevistas e questionários. O período de Maio a Outubro de 2009 foi quando as observações e entrevistas se intensificaram.

No geral, podemos afirmar que foi uma experiência muito proveitosa, tivemos grande oportunidade de acompanhar os atores envolvidos no processo (coordenadores, professores e alunos), nos seus locais de trabalho e aprendizagem respectivamente, cotidianamente, sem que percebessem a nossa presença. O que nos proporcionou formatar na prática a teoria que foi explicitada no teor deste trabalho.

### **3.6 - Análise Comparativa das Respostas dos Sujeitos**

Nesta secção apresentamos os resultados e a interpretação dos dados de nossa pesquisa, manifestadas pelos sujeitos envolvidos, de forma sucinta, já que a mesma foi realizada de forma individual (páginas 64 a 97).

---

<sup>13</sup> - É um determinado grupo de pessoas que, no caso, torce por uma turma.

No decorrer da Pesquisa em questão, os sujeitos se detiveram essencialmente nas questões de ordem prática vivenciadas no cotidiano da Escola. Não se percebeu, entretanto, questões de ordem teórica e projetos futuros.

### 3.6.1 - Concepção sobre Instrumentos da Avaliação da Aprendizagem

É importante ressaltar que os instrumentos de avaliação devem estar intimamente relacionados com os critérios estabelecidos e conteúdos de cada disciplina. Por isso cada educador deve estar consciente do seu papel no processo avaliativo quer na seleção dos conteúdos, na definição dos objetivos e na metodologia a ser trabalhada, quer nos critérios utilizados e na escolha dos instrumentos. Isso para que possa oportunizar melhor aprendizado para os seus alunos e, conseqüentemente, melhorar sua prática.

Quadro 07-Concepção sobre Instrumentos da Avaliação de Aprendizagem

Entrevistados	Respostas representativas
Coordenadores Pedagógicos	<p>Mecanismos que os professores utilizam para avaliar a aprendizagem dos alunos. (CB)</p> <p>Mecanismos que, no atual paradigma de avaliação da educação, acompanham o processo de aprendizagem dos alunos, aferindo essa aprendizagem, compreendendo esse conhecimento, e utilizando os mais variados tipos de instrumentos, de acordo com a área de conhecimento. (CC)</p>
Professores	<p>São meios de avaliar tanto o desempenho como também a aprendizagem e servem, também, para o professor se auto-avaliar. (PA)</p> <p>São meios que você busca para saber e tentar acompanhar o aprendizado do aluno. (PE)</p> <p>Todos os meios que me dão segurança, de forma coerente, de uma aprendizagem ou mudança de conhecimento, além de uma transformação do indivíduo. (PF)</p>
Alunos	<p>-São atividades desenvolvidas em sala de aula, com o intuito de medir e organizar o grau de aprendizagem do aluno. (A 09)</p> <p>-Acredito que sejam os testes que a escola repassa. Por exemplo: olimpíadas de matemática, seminários, debates, testes parecidos com provas do vestibular, que testam os conhecimentos de tudo o que</p>

	aprendemos no decorrer do ano, etc.(A 03)
	-São os trabalhos que servem mais para ajudar os alunos nas notas. (A 25)
	-São todos os conteúdos e atividades apresentadas em sala de aula pelo professor. (A 13)
	-É o processo diário em sala de aula. (A 32)

No que se refere à entrevista dos Coordenadores Pedagógicos, no quadro 07, as concepções, na verdade, não diversificaram muito, já que todas apresentavam o mesmo direcionamento, o de interpretação, de julgamento, de investigação e reflexão. Na opinião tanto dos Coordenadores Pedagógicos como dos Professores, os instrumentos avaliam o desempenho e podem ser utilizados como ferramenta de acompanhamento da aprendizagem. Em sala de aula, a sua utilização só faz sentido se estiverem alinhados com o currículo, ou seja, com aquilo que se pretende que os alunos aprendam. Sabendo que alguns desses instrumentos são de difícil utilização na aula, cabe a cada professor, conhecedor das características de cada aluno, das suas dificuldades necessidades e do contexto em que as suas práticas se desenvolvem, fazer as opções que perceber serem as mais adequadas. Já para os alunos os instrumentos servem para avaliar, apesar de não expressarem a mesma concepção. Entretanto, Hoffmann (2001) enfatiza que:

os instrumentos de avaliação são, portanto, registros de diferentes naturezas. Ora é o aluno que é levado a fazer os próprios registros, expressando o seu conhecimento em tarefas e testes, desenhos, trabalhos e outros instrumentos elaborados pelo professor. Ora é o professor quem registra o que observou do aluno. (p.119)

Seguindo esse mesmo pensamento ratificador de que os instrumentos servem para nortear o trabalho do professor, Vasconcellos (2008) afirma que “os objetivos dos instrumentos de avaliação é levantar dados da realidade (em cima dos quais se dará o julgamento e os encaminhamentos necessários)” (p.128). Silva (2004) complementa que “os instrumentos avaliativos são detectores de informações íntimas das relações que se estabelecem” (p.67).

Quadro 08-Importância dos Instrumentos de Avaliação para a qualidade do Ensino

Sujeitos	Respostas representativas
Coordenadores Pedagógicos	<p>Se são direcionados para o paradigma em questão, servem para acompanhar, não se preocupando apenas com as notas ... ela é apenas uma consequência acerca do assunto que está sendo trabalhado.(CC)</p> <p>O professor deve se utilizar de uma variação de instrumentos para que possa avaliar os alunos de diferentes maneiras. (CB)</p>
Professores	<p>Para mim, não tem importância nenhuma. Muitas vezes, o instrumento é uma mera fotografia de um momento e não mede capacidade de ninguém. (PF)</p> <p>É também através dos instrumentos de avaliação que se identifica o tipo de clientela trabalhada, o aluno que queremos formar, um indivíduo crítico, um indivíduo que memoriza, que não seja apenas um reprodutor do conhecimento, passivo na sociedade, mas que desenvolva habilidades e competência.(PD)</p> <p>Não tenho a avaliação como importante ou como prioridade. (PG)</p> <p>Os instrumentos de avaliação estão centrados no compromisso do indivíduo como um todo, na pessoa e no seu fazer produtivo. (PI)</p>
Alunos	<p>-A importância é que temos que obter pontos para passarmos, mas sabendo alguma coisa.(A 07)</p> <p>-Para a pontuação bimestral e ver se realmente o aluno realmente aprendeu o assunto.(A 18)</p> <p>-É de extrema importância, pois podemos colocar em prática tudo o que foi aprendido.(A 22)</p> <p>-A importância é para que o aluno se esforce para tirar uma boa nota.(A 25)</p> <p>-É para nós alunos aprendermos mais.(A 38)</p> <p>-É Importante para nós termos mais conhecimento.(A 41)</p>

No quadro 08, Coordenadores, alunos e Professores, elencados nesse item, quando perguntados a respeito da importância dos instrumentos de avaliação, não responderam de forma clara. Todavia, Coordenadores e Professores enfatizaram que a nota em si não tem tanta importância, haja vista, que nem sempre informa a capacidade do alunado. Já os alunos vêem as notas como instrumento de medida do conhecimento.

Muitos Professores ainda utilizam os instrumentos avaliativos como um fim de verificação de conhecimento, não dando importância necessária a outros instrumentos que eles possuem dentro do processo de Avaliação. Dessa forma não se tem idéia que os instrumentos são meios que visam acompanhar a aprendizagem do aluno e redimensionar a prática do professor. Porém, Hoffmann (2001) ressalta que. “só há um jeito de elaborar melhores registros e tarefas avaliativas: tendo a clareza de sua finalidade, ou seja, fazendo o melhor uso possível” (p.120).

### 3.6.2- Prática dos Professores

Sabemos que todos devem assumir sua parcela de responsabilidade na educação de seus filhos. Entretanto, Hoffmann (2001) inclui também os pais e a escola nessa responsabilidade, dizendo que é compromisso dos pais acompanhar o processo vivido pelos filhos, enquanto o da escola é compreender e assumir os compromissos e limites de cada parte (p.33).

Quadro-09-Quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação da aprendizagem na sala de Aula

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	O Professor, o aluno e a família.(CB) Todos envolvidos na educação.(CC)
Professores	Do Professor e do aluno.(PC) Do Corpo Técnico, da instituição de ensino.(PF)
Alunos	(80%) o professor e o aluno e (20%) o professor

No quadro 09, podemos verificar que os Coordenadores, quando perguntados a quem cabe a responsabilidade pela avaliação da aprendizagem na sala de aula, foram firmes em afirmar que ao professor. Entretanto, não eximem sua participação no processo, assim como de todos os envolvidos: professor, aluno, e família. Para os professores, assim como para os alunos, essa responsabilidade é mútua, professor e aluno. O docente tem a responsabilidade de fazer com que seus conteúdos sejam assimilados pelos alunos, em contrapartida os discentes têm a obrigação de absorver os conteúdos passados pelos professores. Seguindo esse raciocínio, Hoffmann (citado por Sant’Anna, 2009) afirma que:

A função seletiva e eliminatória da Avaliação é responsabilidade de todos, a avaliação numa perspectiva de uma pedagogia libertadora, é uma prática coletiva que exige a consciência crítica e responsável de todos na problematização das situações. (p.26)

Antunes (2002) tratando dessa mesma temática diz que "é impossível avaliarmos as aprendizagens dos alunos sem que se avalie o ensino ministrado" (p.33).

Quadro 10- Os Professores utilizam critérios de avaliação com os seus alunos no Processo de avaliação de aprendizagem

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Cada disciplina utiliza critérios diferentes e linguagem diferente, mas, normalmente, é raciocínio lógico, compreensão, habilidades de leitura e interpretação, argumentação, dependendo da área do conhecimento. (CB)  São diversos os critérios, de acordo com a área de conhecimento, tais como: participação, assiduidade, envolvimento diário no grupo ou de forma individual, produção textual, coerência nas idéias, dentre outro. (CC)
Professores	Contexto insuficiente.
Alunos	(84,45%) respondeu sim e (15,55%) não.

Quanto ao quadro 10, os Coordenadores Pedagógicos relataram a diversidade de instrumentos utilizados e que cada disciplina deve utilizar variados critérios dependendo da área de conhecimento. Os professores não foram claros acerca do assunto. Já os alunos, na sua maioria, perceberam que o professor vem utilizando alguns critérios avaliativos.

Para Vasconcellos (2007), os professores devem deixar bem claro tanto para os pais como para os alunos "quais os critérios de avaliação", é muito importante os pais ou responsáveis tomarem conhecimento do que está sendo exigido do aluno (p.78), enquanto Hoffmann (2001) não dá tanta importância aos critérios, referindo que devemos falar da necessidade de intenções claras dos instrumentos de avaliação e da sua elaboração (p.121).

Quadro 11-Principais Instrumentos de Avaliação mais utilizados pelos Professores.

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Atividade individual (prova), produção textual, pesquisas, relatórios de pesquisa, atividade em grupo, exposição de trabalhos e projetos (CC)  Observação em sala, provas, pesquisas, seminários, debates e textos escritos. Questionários, vídeos, provas escritas, auto-avaliação, pesquisas, debates, seminários, (CA)
Professores	Prova escrita, trabalhos em classe, seminários, interpretação de textos, exercícios do livro didático.

	atividades em grupo, participação em projetos.
Alunos	Provas 82,22%, projetos (11,11%) questões orais, (4,45%) e entrevistas (3,22%).

No quadro 11, Coordenadores Pedagógicos e professores e alunos, todos destacam a prova como o instrumento mais utilizado. Moretto (2008) afirma que “a prova é um momento privilegiado de estudo” que não mais a utilizamos como “hora do acerto de contas”, “hora da verdade”, “hora da tortura”, devemos tê-la como um instrumento que faz parte de nossa cultura e:

em lugar de apregoarmos os malefícios da prova e levantarmos a bandeira de uma avaliação sem provas, procuramos seguir o princípio: se tivermos que elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes. (p.87)

Entretanto, temos uma variedade de outros instrumentos que devem ser utilizados pelos professores. Mas é importante realçar que a diversidade de instrumentos, por si só, não melhora a qualidade do ensino, devemos considerar o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida. Vasconcellos (2007) ressalta que “não basta alterar a quantidade, se o tipo de proposta não é qualitativamente superior e, principalmente, se não se altera a postura diante dos resultados (p.124). Silva (2004) fala que “os instrumentos avaliativos são detectores de informações íntimas das relações que se estabelecem” (p.67). Enquanto que Hoffmann (2001) diz que:

Os melhores instrumentos de avaliação são todas as tarefas e registros feitos pelo professor que o auxiliam a resgatar a uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do desenvolvimento do aluno. (p.121)

Quadro 12-Utilização da auto-avaliação dos professores com os alunos

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Acontece ainda de maneira informal. (CB) Eles ainda não têm maturidade para essa prática. (CA)
Professores	Não utilizamos, falta maturidade nos alunos.
Alunos	(51,11%) responderam que o professor não utiliza, (42,33%) os professores não utilizam e (6,67%) não responderam.

No quadro 12, para os Coordenadores pedagógicos e Professores isso não ocorre, por falta de maturidade dos alunos, contudo, quando essa informação é passada aos alunos, segundo os coordenadores é de forma informal. Algo que não justifica a sua utilização, tendo em vista que é uma ferramenta muito importante no processo ensino-aprendizagem. Quanto aos alunos, apesar da maioria responder positivamente, percebe-se que estes não têm uma leitura muito aprofundada sobre a temática. Segundo Blaschard e Muzás (2008) a auto-avaliação tem a ver com o seguinte:

Trata-se, portanto, de uma estratégia de avaliação que ajuda o aluno a conhecer e regular não somente seus níveis de aprendizagem, mas também o próprio processo realizado, o que leva progressivamente a assumir, de forma cada vez mais responsável e autônoma, sua própria construção do conhecimento e seu próprio conhecimento como pessoa. (p.180)

Quadro 13- Modalidades de avaliação mais utilizadas pelos Professores

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Diagnóstica, formativa e somativa
Professores	Diagnóstica, formativa e somativa
Alunos	Detectam o que os alunos sabem. Os professores usam notas, fazem avaliações bimestrais.

No quadro 13, Coordenadores e professores, quando perguntados acerca do assunto acima, responderam informando quais as modalidades que utilizam, embora se perceba que muitos destes agentes não saibam discerni-las. Para os alunos parece existir apenas a modalidade somativa, haja vista, levarem em conta apenas a soma das notas. Atualmente, a avaliação de aproveitamento estabelece uma importância maior dos aspectos quantitativos sobre os qualitativos. Pelas colocações dos coordenadores, a avaliação somativa já não é encarada como única e principal, mas sim concatenada aos outros tipos de avaliação existentes, como a formativa e a diagnóstica. Avaliar qualitativamente significa valer-se não apenas de dados puramente quantificáveis, que podem ser medidos e observados através de testes escritos e orais, mas significa utilizar esses dados dentro de um quadro mais amplo, enriquecido pelo envolvimento, comprometimento e experiência do professor que avalia. Este julgamento torna-se mais global e profundo, no qual o aluno é visto como um todo. Nesta

avaliação o aluno não é colocado numa escala, mas numa determinada situação em relação às expectativas do professor e também dele mesmo.

Quanto à modalidade diagnóstica, Sant'Anna (2009) enfatiza que tanto para os professores quanto para os alunos, a partir desta avaliação ocorre a integração e, a partir daí, os professores reajustarão seus planos de ação (p.34). Para Silva (2004), tendo por base a avaliação formativa-reguladora, “o importante não é simplesmente transmitir saberes, mas construí-los e mobilizá-los em função de temáticas desafiadoras” (p.42). O autor afirma, ainda, que “todos os alunos aprendem, o que diferenciam são seus ritmos e suas formas” (p.33). No que diz respeito à avaliação somativa, que Sant'Anna chama de classificatória, a sua “função é classificar os alunos ao fim de um semestre, ano ou curso, segundo o nível de aproveitamento”. (p.35)

### 3.6.3-Conhecimento Teórico sobre Avaliação da Aprendizagem

Ultimamente, revistas especializadas em educação demonstram que, dentro das escolas, grande parte dos professores está preocupada com os altos índices de evasão, repetência e baixo rendimento da aprendizagem além do desinteresse crescente pelas disciplinas. Estas constatações têm levado estes mesmos professores a buscar mudanças na seleção de conteúdos, nas metodologias de ensino e nos seus objetivos. Mudanças essas que mostram a existência de educadores comprometidos com o ato de educar.

Quadro 14- Material utilizado para melhorar sua base teórica

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Referências bibliográficas, aferição dos resultados educacionais, indicadores e princípios básicos de avaliação.CA
Professores	Livros, recursos da internet, programas de computação e teorias de autores como Paulo Freire, Luckesy e Hoffmann.(P 8)

No quadro14, tanto Coordenadores como Professores, quando perguntados sobre os materiais que utilizam como fonte de pesquisa, responderam que utilizam os materiais bem modernos. Porém, percebe-se que a maioria dos educadores não tem uma leitura muito profunda sobre avaliação da aprendizagem. Tudo que sabem aprenderam no cotidiano de sala de aula. São poucos os que se empenham a conhecer mais sobre a temática aqui citada. Contudo, a avaliação não tem suscitado tantas inquietações como os outros aspectos do

processo ensino e aprendizagem como deveriam acontecer. Para Blanchard e Muzás (2008), o ponto de partida de toda ação para o educador que realmente esteja interessado em mudar é “a análise da própria prática”, para que possam refletir e pensar numa dinâmica de inovação. Para Vasconcellos (2008), “a formação permanente do educador ajuda a ganhar competência para trabalhar com os desafios pedagógicos, fortalecendo a auto-estima, diminuindo sua susceptibilidade às pressões equivocadas externas”

### 3.6.4-Grau de satisfação

É importante frisar que o professor comprometido deve estar sempre preocupado com o nível de aprendizagem dos seus alunos, isso pode ser verificado durante as práticas em sala de aula, se não houve crescimento intelectual do aluno, fica evidente que não houve aprendizagem significativa. Antunes (2002) considera que “o ensino eficiente é aquele que ajusta o tipo e a intensidade da ajuda às efetivas necessidades e dificuldades encontradas pelos alunos em sua construção de significados e atribuição de sentidos” (p.32).

Quadro 15- Fatores que devem melhorar no que concerne à avaliação da aprendizagem

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Escolha dos métodos pedagógicos inseridos nos fatores essenciais, tais como: características dos educandos, as características do saber, o condicionamento e os recursos inerentes a situação da formação.
Professores	<p>Aulas práticas fora do ambiente escolar têm um rendimento melhor e a avaliação é mais eficaz. (PD)</p> <p>Tentar aproximar mais o professor do aluno. Dar um feedback melhor, tirar o professor do pedestal, fazer com que o aluno se sinta à vontade para perguntar, questionar, sem medo.(PC)</p> <p>A falta de compromisso com alguns educadores, alguns alunos que não se interessam e a questão do espaço, a sala de aula muito pequena para comportar um número muito grande de alunos, o que acaba por prejudicar o rendimento do alunado. (PA)</p> <p>Uma avaliação para a melhoria da qualidade do ensino e não para medir. (PB)</p> <p>Que os alunos participem, no sentido de também emitirem opiniões. O ideal seria que os alunos não fossem avaliados. Na verdade, se é</p>

	para ter avaliação, a escola precisa ter um padrão, para que os professores possam seguir um referencial. (PE)
Alunos	Para os alunos foi perguntado se gostam da forma como são avaliados pelos professores. Sendo que 68,88% aprova a maneira com é avaliado, (26,66%) não aprova e (4,46%) não responderam.

No Quadro 15, os Coordenadores afirmam que para melhorar o processo avaliativo faltam métodos pedagógicos que venham ao encontro das especificidades da clientela, e principalmente que se passe a valorizar os seus conhecimentos já adquiridos. Os professores apontam vários fatores com vista a aprimorar o processo avaliativo, tais como por exemplo: aulas práticas fora da sala de aula convencional, uma relação mais coesa entre professores e alunos, uma nova forma de avaliar o aluno que não seja a somativa, e principalmente o comprometimento de todos os professores no processo. Nesse quadro a pergunta para os alunos foi diferenciada, ou seja, se gostam da forma como são avaliados pelos seus professores. A grande maioria respondeu que gosta do método. Nesse contexto, um dos fatores preponderantes que percebemos entre os vários fatores que impedem a melhoria do processo avaliativo é a falta de compromisso por parte de alguns professores. Na afirmação de Luckesi (2006), os professores “denotam não estarem preocupados com a efetiva aprendizagem e com o desenvolvimento dos educandos” (p.122). O autor complementa ainda que:

Muitos professores cumprem o seu papel mecanicamente, sem investir o necessário para que os resultados de sua atividade sejam significativos. O cumprimento mecânico da atividade docente serve muito pouco para uma efetiva aprendizagem e o conseqüente desenvolvimento do educando. (p.122)

Quadro 16 - Parecer em relação à Sistemática de Avaliação elaborada pela Secretaria Estadual de Educação

Sujeitos	Respostas Representativas
Coordenadores Pedagógicos	Eu creio que, quando se propõe uma quantidade de instrumentos condizente, é pertinente, pois dá direito ao educador avaliar em diversos momentos. No entanto, a proposta de reavaliação ainda é utópica, já que não temos condições de praticar. Nosso modelo de avaliação não comporta tantos instrumentos. Por outro lado, a Secretaria de Educação é muito paternalista, quando se trata de pontuação de somatório obtido pelo aluno. É preciso considerar que, o alívio da cobrança não leva à garantia de aprendizagem. Como se

	<p>tem visto, quando mais cobrado, mais estimulado. mas acompanhado, mais o aluno rende. E, quando mais facilitamos, menos ele valoriza o trabalho que está sendo desenvolvido. (CB)</p> <p>Os métodos quantitativo e qualitativo não “amarram” essas questões e a Secretaria de Educação deve buscar novas estratégias que priorizam o quantitativo. (CC)</p> <p>No sistema escolar, a predominância de uma forma de avaliação de caráter estático, classificatório, centrado no processo de formalização do ensino, cristalizando-o no tempo e no espaço, através de rituais, de diplomas, de certificados e de outros mecanismos. Assim, de um processo dinâmico que é, em sua essência, a avaliação, segundo nosso sistema de ensino, transforma-se em um produto, em um resultado, em que se anula toda a sua proposta de dialeticidade. (CA)</p>
<p>Professores</p>	<p>Não sou muito de acordo com a sistemática de avaliação, pois, no meu entender, cinco pontos é muito pouco para o aluno conseguir, se colocássemos 7,5, o aluno teria um interesse maior em aprender. (PE)</p> <p>Ela acaba nivelando o aluno para baixo. Ele precisa de muito pouco para passar, tornando-se, assim, preguiçoso e acaba atrapalhando o processo de ensino-aprendizagem, não dando ao professor uma ferramenta para que possa exigir mais do aluno. A Secretaria se preocupa mais com dados estatísticos e com níveis de aprovação, não se preocupando se o aluno aprendeu ou não. (PC)</p> <p>Às vezes, não visa à formação do aluno em si, mas dados estatísticos, que colocam o aluno lá em cima. (PG)</p> <p>Eu acredito que permite que o aluno não estude; deveria exigir mais do aluno; 50% é muito pouco, deveria ser 68% ou 70%, o que incentivaria o alunado a buscar esses pontos. (PB)</p> <p>Não adianta ter um padrão, uma referência, se a gente não consegue colocar em prática. Quanto à nota, sempre falo aos meus alunos que ela não vai medir a capacidade deles, sempre cobro a vontade, o interesse de querer aprender. A nota é apenas uma consequência. (PD)</p>

No quadro 16, tanto Coordenadores como professores mostram-se insatisfeitos com a proposta vigente elaborada pela Secretaria Estadual de Educação visto que esta está em

desacordo com a realidade da Escola. Além disso, pelo fato de considerar a nota cinco como mínima para que o aluno seja promovido a outra série, isso na visão dos professores tem efeito negativo, visto que de certa forma estimula o aluno à indolência. Além disso, para os professores e coordenadores essa proposta é paternalista, em função da forma facilitadora que oferece aos alunos. A sistemática em questão, que é baseada na LDBEN-Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9394/96 Parecer 07/97, 12/97 – do Conselho Nacional de Educação, diz em seu art. 9.º que os instrumentos a serem utilizados para verificação da aprendizagem deverão estar em articulação com as competências e habilidades propostas pela disciplina, possibilitando por parte do aluno, a demonstração do saber fazer, considerando a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos (p. 04). Percebe-se que se busca mudanças significativas no processo de avaliação, não priorizando a avaliação quantitativa. Hoffmann (2008) sugere aos professores que revisitem a LDB 9394/96, pois:

Garante o privilégio à análise qualitativa do desempenho do aluno no quesito avaliação... Estabelece, portanto, que se deva trabalhar com relatórios e não com boletins de notas em termos de análise de resultados de desempenho escolar. Em segundo lugar, o de atribuir maior significado ao que se observa acerca do desempenho dos alunos, buscando fazer registros, anotações, pareceres sobre todas dimensões de suas aprendizagens. (pp.170-171)

Antunes (2002) fala com muita propriedade sobre essa questão de “máximo” que subentende que seja a avaliação quantitativa e de “ótimo” a avaliação qualitativa. “Máximo” significa maior que todos, o que está “acima de todos de sua espécie” enquanto “ótimo” expressa “o melhor possível”. Fazendo uma reflexão sobre avaliação da aprendizagem, percebe-se que essas duas palavras são cruciais, pois ao utilizar uma numeração, um conceito expresso através de uma letra, está se pensando em avaliar o “máximo” quantificado pela diferença entre o resultado obtido e o que dele se deseja. Partindo desse princípio, o aluno que tira oito, obteve oitenta por cento de um determinado valor empírico. Está se falando de um processo de avaliação que pressupõe uma utopia de uniformidade, pois, está se valorizando apenas o conhecimento, não levando em consideração outros fatores, como responsabilidade, criticidade, entre outros; esta é perversa em buscar o nivelamento de todos, o “máximo” somente é possível de ser conquistado por alguns, não necessariamente os melhores, pois entram em consideração vários fatores como: inteligências, competências e capacidades com que o aluno chega à escola.

No que concerne ao conceito de “ótimo”, o autor pressupõe níveis diferenciados no processo de avaliação, pois se uma pessoa é convidada para comer o “máximo”, não está se levando em consideração as condições pessoais, pois o “máximo” é o mesmo para quem come muito e para quem come pouco; mas se for pedido para uma pessoa que se alimente com uma “quantidade ótima”, está se fazendo com que cada um procure seu padrão e que todos saiam satisfeitos.

De acordo com as leituras feitas, percebe-se que a avaliação brasileira sempre primou por valores máximos e o que agora se propõe é a construção de um sistema que possa privilegiar valores ótimos. É de suma importância que todos façam o melhor possível, obedecendo às suas potencialidades e não às dos demais. Avaliar por critérios máximos, de certa forma é bastante complicado, pois é como pedir que todos corram cinco quilômetros em 15 minutos, ignorando as diferenças pessoais de cada um. Quando se propõe que o professor deve construir em sala de aula uma aprendizagem significativa é importante ser salientado que nunca é um valor numérico como, por exemplo, “oito” ou “oitenta” ou um “tudo” ou “nada”, mas ao contrário, um procedimento em que os alunos possam mostrar as suas potencialidades de acordo com seus níveis de dificuldades e diferenças. É importante que o professor possa perceber o grau de aprendizagem feita pelo aluno, procurando aplicar tarefas que possam ser resolvidas em diferentes graus e acreditar que alunos que se encontram em níveis diferentes podem ser iguais e que se forem aproveitadas as suas potencialidades, irão produzir o melhor possível.

## **CAPITULO IV – CONCLUSÃO**

#### **4.1 - Conclusões gerais do estudo**

No decorrer desta pesquisa procurou-se evidenciar alguns elementos, idéias e perspectivas no que há de mais atual e no que se acredita, a respeito de Avaliação de Aprendizagem Escolar, e que envolve o comprometimento, empenho e dedicação do educador no que concerne a prática avaliativa de aprendizagem e toda a comunidade escolar articulada com a postura reflexiva-crítica em torno da ação pedagógica, aliada a um permanente processo de construção de conhecimentos e identidade pessoal, tanto de educadores como de educandos.

No que diz respeito à temática aqui discutida, percebeu-se que os educadores são por vezes meros executores de normas pré-estabelecidas, não questionando as pretensões do ensino público e nem, tampouco, se disponibilizando a fazer algo pela educação, mas sim cumprindo as diretrizes de forma eficaz.

Parece poder afirmar-se que os profissionais da Educação estão de certa forma presos a teorias de avaliação ultrapassadas, não conseguindo ou não querendo enxergar sua capacidade de decidir e confrontar sua prática avaliativa com teorias inovadoras que se fundamentam através de um processo dinâmico que envolve tanto a pesquisa quanto a construção de novos conhecimentos, os quais poderiam permitir a revitalização das teorias das práticas de avaliação. Isso implica dizer que qualquer mudança da prática, ou melhor, fazer diferente, inovar, pressupõe a ampliação de consciência crítica em torno de todo o contexto no qual a prática esta inserida, visando à qualidade do ensino.

Entretanto, não nos parece possível descartar completamente a visão tradicional de avaliação e aprendizagem, a qual é utilizada por grande número de profissionais da educação, tanto nas escolas públicas como também particulares e até em cursos pós-graduação, através de atividades variadas, embora fomente a ideia de manter mais distante a teoria inovadora proposta pelo novo modelo educacional da prática vivenciada nos dias atuais, arraigada de conceitos e formas do modelo tradicionalista. Acredita-se que a sistemática de avaliação deve ser um processo contínuo, no qual as práticas de avaliação e aprendizagem sejam vistas como procedimentos relevantes, dinâmicos, compartilhados, que desperte no profissional a capacidade de trabalhar em grupo e o espírito de liderança, e que também sirva de suporte e estímulo para os demais profissionais, o trabalhar em conjunto, com o intuito exclusivo de melhor a qualificar o ensino e a aprendizagem.

Percebe-se que diante de todas as dificuldades encontradas no que diz respeito ao processo de avaliação educacional, ainda há muito caminho a percorrer para construir uma prática avaliativa emancipatória nas escolas, a qual esteja realmente comprometida com a transformação social, e que seja capaz de contribuir para orientação do trabalho pedagógico, visando elevar a qualidade do ensino em sua totalidade.

#### **4.2-Limitações da investigação**

O processo de avaliação, apesar dos grandes avanços no decorrer dos tempos, tem evoluído muito, mas percebemos a existência de grandes entraves na forma de avaliar, como foi posto em evidência neste estudo.

Quanto aos sujeitos – professores que ministram aulas para o 3º ano do regular, alunos do 3.º ano e coordenadores – da escola referendada no bojo da pesquisa, que foram contemplados para participar da mesma, percebemos que alguns destes, quando das suas entrevistas, se sentiam receosos em falar de suas práticas avaliativas, por entender que estávamos ali com o intuito apenas de ver o lado negativo, mesmo depois do diálogo amistoso e elucidativo pré-estabelecido. Esse receio não condiz com a verdade, conforme pode se observar ao longo do conteúdo da pesquisa em pauta, o que queríamos era apenas conhecer as suas práticas metodológicas empregadas, quando do processo de avaliação; se estas seriam eficientes e eficazes na aprendizagem dos seus alunos; se seriam corretas e inovadoras; queríamos ser construtivos, aprender e posteriormente passar a outros profissionais da área. Se eventualmente deficientes e desconexas do ponto de vista das teorias dos autores mencionados neste trabalho, tentar corrigi-las conjuntamente, mostrando os pontos falhos, de forma a que o entendimento não se tornasse constrangedor.

Quanto aos instrumentos de recolha de dados: para os professores e coordenadores pedagógicos foram utilizadas entrevistas gravadas em fitas cassete, o que dificultou nosso trabalho em virtude da maioria dos entrevistados não ter tempo disponível para realizar a mesma e também pelo fato de estar próximo da culminância do “Projeto Eureka” (uma espécie de gincana de conhecimentos interdisciplinar) realizado todos os anos na Escola, dificultando com isso o trabalho investigativo. Para os alunos foram feitos questionários com perguntas mistas que, entretanto, apesar das dificuldades da recolha de dados, do esquecimento e da irresponsabilidade de alguns, conseguimos com certo sacrifício coletar informação suficiente para a execução deste.

Todos estes condicionalismos, próprios deste tipo de pesquisa, poderão de algum modo, e apesar de todos os nossos esforços para assegurar a validade do estudo, ter inadvertidamente enviesado os resultados.

### **4.3 - Recomendações para estudos futuros**

A avaliação do rendimento escolar é um tema que para muito educadores parece banalizado, saturado, mas sempre terá algo a ser investigado, devido ser amplo e ao seu grau de complexidade. Percebemos, neste percurso, que há necessidade de se buscar novas formas e instrumentos de avaliação com objetivo de melhorar a avaliação como um todo.

Baseadas nas idéias propostas por Ferreira (2002) tecemos algumas recomendações sobre o tema em questão, que serão fundamentais para melhorar a qualidade da avaliação nas escolas.

- A sala de aula como ambiente prazeroso. Local propício à aprendizagem e discussão e que incorpore os aspectos importantes, como luminosidade, ventilação e harmonia.
- Entendimento por parte do aluno, que estudar é sua profissão. Significa fazer o aluno entender que a sua função é estudar cotidianamente e não somente em épocas de avaliações.
- Diversificação das técnicas de aprendizagem de acordo com a realidade do aluno. Não priorizar apenas uma técnica, mas repensar as atividades levando em consideração as diferenças do aluno e que ele é importante nesse processo.
- Estabelecimento de critérios de avaliação (professores e alunos). Os critérios de avaliação devem ser determinados em conjunto.
- Discussão dos resultados da avaliação com os alunos. É importante os alunos tomarem conhecimento do que erraram e por quê.
- A Importância da auto-avaliação. Nesse processo a conscientização do aluno é algo imprescindível.

- Os pais como co-participantes no processo de avaliação. É uma forma dos pais também participarem do processo de avaliação e também dividir as responsabilidades.
- Avaliação Cooperativa. Os alunos através de critérios bem elaborados se avaliam, sob a orientação do docente.
- Diversificação dos Instrumentos de avaliação. Não dar importância apenas a um instrumento, mas uma variedade para poder avaliar melhor.
- A Importância das atividades de consulta. É uma excelente maneira do aluno ir em busca do conhecimento, sem medos e pressões.

Estas recomendações são elementares na teoria dos autores mencionados nesta investigação. Todavia, nosso intuito é fazer com que os profissionais da área de educação tomem consciência a respeito da relevância do assunto, de maneira que consigam discernir a forma contemporânea de avaliar da obsoleta tradicional, migrando para um novo paradigma, onde se prime pela melhor qualidade do ensino. Onde se faça do processo avaliativo não autopromoção e nem um acerto de contas, mas um momento prazeroso de conhecimento e crescimento pessoal.

Diante disso, sugerimos como tema futuro, a conscientização dos profissionais da educação de forma geral, a interação cada vez mais com os pontos relevantes e fundamentais de sua profissão, de forma a perceber as mutações ocorridas na sua dinâmica, de maneira que criem coragem e tenha capacidade de migrar para o processo contemporâneo de educação, inovando com suas idéias e implementando as para o futuro mais nobre do ensino.

## BIBLIOGRAFIA

- Afonso, A. J. (2005). *Avaliação Educacional. Regulação e Emancipação* (3.<sup>a</sup> Ed.). Local: Cortez.
- Amapá (2004). *Secretaria Estadual de Educação – Diretrizes da Sistemática de Avaliação da rede Estadual de ensino-* Macapá.
- Amapá (2005). *Projeto Político Pedagógico – da Escola Estadual Professora Esther da Silva Virgolino – Macapá.*
- André, M. E. (2005). *Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília, DF: Liber Livro Editora. (Série “Pesquisa”, 13).
- Antunes, C. (2002). *Avaliação da Aprendizagem Escolar* (fascículo 11). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Blanchard M. e Muzás, M. D. (2008). *Propostas metodológicas para professores reflexivos: como trabalhar com a diversidade em sala de aula* (1.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Paulinas.
- Boaventura, E. M. (2007). *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, teses* (1.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Atlas.
- Calazans, Manoel (organizador) (2008). *Traçando Caminhos para a sua prática pedagógica*. Diretrizes da Secretaria de Educação. [www.smecc.salvador.ba.gov.br](http://www.smecc.salvador.ba.gov.br). Acessado em 21.10.09 às 10h19minh.
- Carrara, K. e Raphael, H. S. (2002). *Avaliação sob exame*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Chizzotti, A. (2005). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais* (7.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Cortez.
- Demo, P.(2006). *A nova LDB: Ranços e avanços* (19.<sup>a</sup> Ed.). Campinas, São Paulo: Papirus.
- Demo, P. (1998). *Qualidade da educação: tentativa de definir conceitos e critérios de avaliação*. In: *Estudos e avaliação educacional*. Fundação Carlos Chagas, (n. 2, p. (11). 25, jul-dez.

- Esteban, M. T. (2005). *Escola, currículo e avaliação* (2.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo Cortez.
- Fernandes, C. (2004). *Avaliação Escolar: dialogo com professores*. In: J. F. Silva; J. Hoffmann, e Esteban, M. T.. *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo* (3.<sup>a</sup> Ed.). Porto alegre: Mediação.
- Fernandes, C. O. (2008). *Indagações sobre currículo: currículo e avaliação* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Ferreira, L. M. S.(2002) *Retratos da Avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos Para a superação* (3.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre: Mediação.
- Furlan, M. I. C. (2006). *Avaliação da aprendizagem escolar: convergências e divergências entre os atores do processo de uma escola pública de ensino médio* (Dissertação de Mestrado em Educação). Presidente Prudente - SP.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Gil, A. C. (1991). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (3.<sup>a</sup> Ed.). SP: Atlas.
- Haydt, R. C.(1999). *Avaliação do processo e ensino-aprendizagem*. São Paulo.
- Hermann, A.. (2005). *Texto Científico: um roteiro para estrutura citações e referencias de projetos e trabalhos monográficos* (3.<sup>a</sup> Ed.). Curitiba: Guerreiro.
- Hoffmann, J. (2003). *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade* (20.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre: Mediação.
- Hoffmann, J. (1995). *Avaliação - Mito e Desafio: uma Perspectiva Construtivista* (17.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre, RS: Educação e Realidade.
- Hoffmann, J. (2001). *Avaliar para promover: as setas do caminho* (9.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre: Mediação.
- Hoffmann, J. (2008). *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois* (1.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre: Mediação.

- Hurtado, S. e Navia, C. N. (2007). *Avaliação de estudantes universitários* (apostila). Brasília:UnB.
- Yin, R.K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos* – trad.Daniel Grassi (3.<sup>a</sup> Ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Karling, A.A.(1991). *A didática necessária*. São Paulo: Ibrasa.
- Kuenzer, A. Z. (org.) (2009). *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. (6.<sup>a</sup> Ed.) – São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C.(2005). *Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos* –(20.<sup>a</sup> Ed.)-Edições Loyola - São Paulo.
- Luckesi, C. (2006). *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: (18.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Cortez.
- Luckesi, C. (1998). *Avaliação educacional: pressupostos conceituais*. Rio de Janeiro: Tecnologia Educacional.
- Ludke, M e André, M.E.D. A (2004). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marconi, M.A. e Lakatos, E.M. (2008). *Técnicas de Pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados* (7.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Atlas.
- Maciel, D. M. (2003). *Avaliação no processo ensino-aprendizagem de matemática, no ensino médio: uma abordagem sócio-cognitivista*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas –SP.
- Ministério de Educação e Cultura (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio. Secretaria de Educação Média e Tecnológica*. Brasília.
- Moreto, V. P. (2008). *Prova: um instrumento privilegiado de estudo, não um acerto de contas* (8.<sup>a</sup> Ed.). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Morin, E. (2006). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (11.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Cortez.

- Montovanini, M.C. (2001). *Professores e Alunos Problema: um círculo vicioso*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maia, Eny e Carneiro, Moaci (2000). *A reforma do ensino médio em questão* (1.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Biruta.
- Oliveira, S. M. C. (2006). *Avaliação da aprendizagem no ensino médio: do discurso oficial a prática docente (um estudo de caso numa escola pública)* (Dissertação de Mestrado em Educação). Ceará.
- Paiva, V.P.(1997) *Educação Popular e Educação de Adultos*- São Paulo –Loyola.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens – entre duas lógicas* (reimpressão 2008) – Porto Alegre: Artmed.
- Prado, G. V. (2007) *Percursos de autoria: exercícios de pesquisa* – Campinas: Gepec/FE/Unicamp.
- Romão, J. E. (2008). *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas* (7.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Cortez.
- Sant’Anna, I. M. (2009). *Por que avaliar? como avaliar?: critérios e instrumentos* (13.<sup>a</sup> Ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Saul, A. M. (2006). *Avaliação Emancipatória: Desafio à Teoria e a Prática de Avaliação e Reformulação de Currículo* (7.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Cortez.
- Saviani, D. (1997). *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas* (2.<sup>a</sup> Ed.). Campinas - São Paulo: Autores Associados.
- Silva, J. F. (2004). *Avaliação na perspectiva formativa - reguladora: pressupostos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Mediação.
- Sisto, F. F. et al.(2001). *Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico*. Petrópolis: Vozes.
- Sisto, F.E. et al.(2001). *Dificuldade de aprendizagem na escrita: um instrumento de avaliação* (adape). Petrópolis; Vozes.

- Souza, C. P. (2007). *Avaliação do rendimento escolar* (6.<sup>a</sup> Ed.). São Paulo: Papirus.
- Sousa, S. (1993). *Revisando a teoria da avaliação da aprendizagem*. In: C. Sousa (org.) *Avaliação do rendimento escolar* (2.<sup>a</sup> Ed.). Campinas: Papirus.
- Teixeira, E. (2005). *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa* (3.<sup>a</sup> Ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Trivinos, A. N.S (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação* – São Paulo: Atlas.
- Tomar, M.(2009). *Webfólio de Investigação Educacional* – mariosantos700904.blogspot.com - acessado em 22.10.2009 às 08h49minh.
- Vasconcellos, C. dos S. (2008). *Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora* (2.<sup>a</sup> Ed.) São Paulo: Libertad.
- Vasconcellos, C. dos S. (2007). *Avaliação: Concepção Dialética-Libertadora do Processo de Avaliação escolar*(17<sup>a</sup> Ed.) São Paulo: Libertad.
- Vianna, H. M.(2005). *Fundamentos de um programa de avaliação educacional*. Brasília: Líber livro editora.

# APÊNDICES

## GUIÃO DE ENTREVISTA DIRECIONADO A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Este Guião de Entrevista tem por objetivo a coleta de dados para a Dissertação de Mestrado em Educação - Avaliação Educacional, na Universidade de Évora e tem como tema: *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um estudo na Escola Esther da Silva Virgolino*, pretende conhecer as Formas e Instrumentos de avaliação de aprendizagem usados com os alunos do 3º ano, na Escola Esther da Silva Virgolino.

Categorias	Subcategorias	Questões	Objetivos
<b>Caracterização</b>	<b>Dados biográficos</b>	A)- Género: ( ) F ( ) M B)- Idade: _____	- Saber sobre os dados pessoais da Coordenação Pedagógica.
	<b>Dados Profissionais da Coordenação Pedagógica</b>	C) Forma Empregaticia a) ( ) Contrato b) ( ) Estado c) ( ) Federal D) Quanto tempo atua Escola? _____ E) Quanto tempo é educador? _____ F) Formação académica: _____	-Conhecer os dados profissionais da Coordenação Pedagógica.
<b>Questões Referentes à Temática Investigada</b>	<b>Concepção sobre Instrumentos da Avaliação da Aprendizagem.</b>	1-De acordo com a sua concepção o que são Instrumentos de Avaliação de Aprendizagem? 2-Qual a importância dos Instrumentos de Avaliação na qualidade de ensino? 3-Quais os principais fatores a ter em conta na avaliação dos alunos? 4-Quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação da aprendizagem na sala de aula?	-Conhecer o entendimento da Coordenação Pedagógica sobre: "Os Instrumentos de avaliação da aprendizagem".

	<p><b>Prática dos professores</b></p>	<p>5-Quais os critérios que os professores utilizam com os alunos no processo de Avaliação?          6-Quais são os principais Instrumentos de avaliação utilizados pelos professores?          7-Os professores utilizam a auto-avaliação com os seus alunos? Em que momento?          8-Você orienta os professores a estabelecer critérios para os alunos se auto-avaliarem?          9-Os professores recebem indicações sobre instrumentos e procedimentos de avaliação que os professores devem seguir?          10-Qual (is) a(s) modalidades de avaliação que os professores mais utiliza(m) com seus alunos?          11-Como é feita a monitorização das praticas de avaliação dos Professores?</p>	<p>-Conhecer a prática docente através da Coordenação Pedagógica.</p>
	<p><b>Conhecimento teórico sobre avaliação da aprendizagem</b></p>	<p>12- Que material você utiliza para melhorar sua base teórica e prática sobre Avaliação de Aprendizagem?</p>	<p>- Conhecer a base teórica utilizada pela Coordenação pedagógica sobre avaliação da aprendizagem.</p>
	<p><b>Grau de Satisfação da Coordenação Pedagógica</b></p>	<p>13-A seu ver, quais os fatores que devem melhorar no que concerne à avaliação da aprendizagem, de forma a contribuir para a qualidade de ensino?          14-Com relação à Sistemática de Avaliação elaborada pela Secretaria Estadual de Educação, qual o seu parecer sobre a mesma?</p>	<p>-Conhecer o grau de satisfação em relação à Sistemática de Avaliação adotada na Escola Esther da Silva Virgolino.</p>

## GUIÃO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO CORPO DOCENTE

Este Guião de Entrevista tem por objetivo a coleta de dados para a Dissertação de Mestrado em Educação - Avaliação Educacional, na Universidade de Évora e tem como Tema: *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um estudo na Escola Esther da Silva Virgolino*, pretende conhecer as formas e instrumentos de avaliação de aprendizagem usados com os alunos do 3º ano, na Escola Esther da Silva Virgolino.

Categorias	Subcategorias	Questões	Objetivos
Caracterização	Dados Biográficos	A)- Género: <input type="checkbox"/> F ( <input type="checkbox"/> ) M B)- Idade: _____	- Saber os dados pessoais do professor.
	Dados Profissionais e	C-Forma Empregaticia: a) <input type="checkbox"/> Contrato b) <input type="checkbox"/> Estadual c) <input type="checkbox"/> Federal D)- Tempo que atua na Escola: _____ E)- Tempo de serviço na Educação: _____ F- Formação académica: _____	-Conhecer sobre os dados profissionais do professor.
Questões Inerentes à Temática Avaliação	Concepção sobre avaliação da aprendizagem	1-De acordo com a sua concepção o que são Instrumentos de Avaliação? 2-Quais os principais fatores a ter em conta na Avaliação dos alunos? 3-Quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação da aprendizagem na sala de aula? 4-Qual a importância dos Instrumentos de Avaliação para a qualidade do ensino? 5-Quem você considera o principal responsável pelo sucesso e insucesso do aluno	-Conhecer o entendimento do professor a respeito da avaliação da aprendizagem e das Formas e Instrumentos de Avaliação.

	<p><b>Prática do professores</b></p>	<p>6-Quais os instrumentos de avaliação que você utiliza regularmente para avaliar seus alunos?  7-Com que frequência os seus alunos utilizam a auto-avaliação?  8-Quais os principais critérios que você utiliza no processo de avaliação. Seus alunos são sabedores desses critérios? Como? Quando?  09-Qual (is) a(s) Modalidade(s) de Avaliação que mais utiliza com seus alunos?  10-Você encontra dificuldades aquando da realização do processo de avaliação?Quais?</p>	<p>- Identificar a prática de avaliação na sala de aula.</p>
	<p><b>Prática da Coordenação Pedagógica</b></p>	<p>11-A Coordenação Pedagógica define os critérios de avaliação aos Professores da Escola Esther da Silva Virgolino?  12-A Coordenação Pedagógica da Escola Esther da Silva Virgolino, fornece indicações sobre os instrumentos e procedimentos de avaliação que os professores devem seguir?Se a resposta for positiva, com que frequência?</p>	<p>-Saber o grau de interação e acompanhamento que a Coordenação Pedagógica atribui à prática do professor.</p>
	<p><b>Conhecimento teórico sobre avaliação da aprendizagem</b></p>	<p>13-Quais as bases teóricas, que utiliza como referencial na avaliação dos seus alunos?</p>	<p>- Saber sobre o referencial teórico que orienta sua prática.</p>
<p><b>Questões referentes ao Grau de</b></p>	<p><b>Grau de Satisfação</b></p>	<p>14-Em sua opinião quais os fatores que devem melhorar no que concerne à Avaliação da Aprendizagem, de forma a contribuir para a qualidade do ensino?  15-Com relação à Sistemática de Avaliação Elaborada pela Secretaria Estadual de Educação, qual o seu parecer sobre a mesma?</p>	<p>Conhecer o grau de satisfação em relação à Sistemática de Avaliação adotada na Escola Esther da Silva Virgolino.</p>

## MATRIZ DE QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS DISCENTES

A presente Matriz de Questionário destina-se a alunos de 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Esther da Silva Virgolino. Ele serve de base a coleta de dados que irá sustentar a primeira parte do estudo que estou a realizar, no âmbito de um projecto de Mestrado em Educação – Avaliação Educacional, na Universidade de Évora, sobre *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um estudo na Escola Esther da Silva Virgolino*, pretende conhecer as Formas e Instrumentos de avaliação da aprendizagem dos alunos do 3º ano.

Para que o projeto seja possível sua colaboração será muito importante para a minha pesquisa, no preenchimento do questionário, Por este motivo desde já agradeço.

Jovelina Barros

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>	<b>Objetivos</b>
<b>Caracterização</b>	<b>Dados biográficos</b>	A)- Gênero: a) ( ) F b) ( ) M B)- Idade: a) 15-18 anos b) mais de 18 anos C) Naturalidade: a) ( ) Amapá – Capital b) ( ) Amapá – Interior c) ( ) Pará d) ( ) Maranhão e) ( ) Outros. Qual _____	- Saber sobre os dados pessoais do aluno.

	<b>Dados Profissionais</b>	<p>D)- Renda Familiar:  a)( <input type="checkbox"/> )Até dois salários mínimos  b)( <input type="checkbox"/> )Entre dois e cinco salários mínimos  c)( <input type="checkbox"/> )mais de cinco salários mínimos.  E)- Escolaridade dos Pais:  a)( <input type="checkbox"/> )Ensino Fundamental  b)( <input type="checkbox"/> )Ensino Médio  c)( <input type="checkbox"/> )Ensino Superior  d)( <input type="checkbox"/> )Outros; Qual _____  F)Tem alguma atividade remunerativa?  a)( <input type="checkbox"/> )sim. Qual _____  b)( <input type="checkbox"/> )não</p>	-Conhecer os dados profissionais do aluno.
<b>Questões Referentes à Temática Investigada</b>	<b>Concepção sobre avaliação da aprendizagem</b>	<p>1-De acordo com a sua concepção, o que são Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem?  2-Qual a importância dos instrumentos de avaliação para a aprendizagem?  3-Quem deve assumir a responsabilidade pela avaliação na sala de aula?  a)( <input type="checkbox"/> )o professor  b)( <input type="checkbox"/> )o aluno  c)( <input type="checkbox"/> )o professor e o aluno</p>	-Conhecer sobre o entendimento do aluno a respeito da temática "Instrumentos de Avaliação da aprendizagem".

Conhecimento da prática de avaliação feita pelos professores

1-Escolha o Instrumento de avaliação mais utilizado pelos seus professores?

- a)( )portfólios
- b)( )Provas escritas
- c)( )Questões orais
- d)( )Entrevistas
- e)( )Projetos pedagógicos

5-Os professores utilizam a auto-avaliação? Se utilizam, com que frequência?

- a)( )Sim( )semanal  
Outro \_\_\_\_\_
- b)( )Não

6-Como são feitas as avaliações bimestrais?

- a)( )uma prova;
- b)( )trabalhos e uma prova;
- c)( )uma prova, trabalhos e projectos pedagógicos;
- d)( )Outros. Qual(is) \_\_\_\_\_

7-Os professores estabelecem critérios de avaliação em sala de aula?

- a)( )Sim, como
- b)( )Não

-Se a sua resposta foi sim. Quais? \_\_\_\_\_

8-Os professores negociam os critérios de avaliação com os alunos?

- a)( )Sim, Como? \_\_\_\_\_
- b)( )Não

09-Em geral, os professores, avaliam tendo em conta os critérios estabelecidos?

- a)( )Sim
- b)( )não

-Se a sua resposta for sim. Quais? \_\_\_\_\_

10-Quanto aos Projetos Pedagógicos, os professores estabelecem critérios para avaliar os alunos?

- a)( )Sim
- b)( )Não

-Se a resposta for sim. Quais? \_\_\_\_\_

11-O professor antes de iniciar um assunto, verifica se o aluno tem um conhecimento prévio sobre o tema em questão?

- a)( )Sim
- b)( )Não
- c)( )Às vezes

12-Ao final de cada bimestre, o professor comunica e analisa com os alunos os resultados das avaliações, correspondentes ao período?

- a)( )Sim
- b)( )Não
- c)( )Às vezes

- Caracterizar a prática de orientação, estas poderão fornecer dados consistentes que regulam a prática docente no contexto investigativo.

	<b>Grau de Satisfação dos Alunos</b>	<p>13- Você gosta da forma como é avaliado pelos professores?</p> <p>a) ( ) Sim b) ( ) Não</p> <p>Se a sua resposta for não, como gostaria de ser avaliado? _____</p> <p>14-Na sua forma de pensar , quando um aluno não tem sucesso escolar, quem você considera responsável pelo fracasso do mesmo?Por quê?</p> <p>a) ( ) O aluno b) ( ) O professor c) ( ) A família d) ( ) Outros. Quem? _____</p> <p>Justifique</p>	<p>- Conhecer qual o grau de satisfação do aluno quanto à avaliação da aprendizagem.</p>
--	--------------------------------------	--	--

## GUIÃO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

O presente Guião de Observação destina-se a identificar as questões orientadoras para a coleta de dados sobre a Prática Avaliativa dos Professores, da Escola Estadual Estner da Silva Virgolino. Ele serve de base a coleta de dados que irá sustentar a primeira parte do estudo que estou a realizar, no âmbito de um projecto de Mestrado em Educação – Avaliação Educacional, na Universidade de Évora, sobre *Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: Um estudo na Escola Esther da Silva Virgolino* e pretende conhecer as Formas e Instrumentos de avaliação de aprendizagem dos alunos. Serão coletados dados de forma sistemática no sentido de responder às questões.

Categorias	Itens	Objetivos
<b>Dados Pessoais e Profissionais</b>	a)-Professor (a) _____ b)-Gênero: _____ c)-Idade: _____ d)-Anos na Escola: _____ e)-Formação Acadêmica: _____ f)-Disciplina que Leciona: _____	- Identificar o perfil do professor.
<b>Ambiente de sala de aula Dados</b>	1-Como é a organização do ambiente de sala de aula?Em relação a mesas, cadeiras, quadro? 2- No início da aula, o professor promove um ambiente favorável à aprendizagem dos alunos, quanto à questão afetiva e emocional dos mesmos?	Conhecer a turma observada

<p style="text-align: center;"><b>Conhecimento da prática da avaliação feita pelo (a) professor (a)</b></p>	<p>3-No início da aula, o professor procede para os alunos os objetivos da aula?</p> <p>4-Que estratégias o Professor utiliza para se certificar de que os alunos estão aprendendo?</p> <p>5-Como procede o professor, quando um aluno ou grupo de alunos terminam rapidamente uma tarefa?</p> <p>6-O (a) Professor (a) incentiva a motivação dos alunos para a aprendizagem?</p> <p>7-E feita uma síntese dos assuntos tratados na sala? Quem realiza? O professor ou o aluno?Como?</p> <p>8-No final da aula é marcado trabalho para casa, como resolução de questões do assunto dado em sala, pesquisa, leitura sobre um determinado capítulo do livro?</p> <p>09-É anunciado o assunto da próxima aula?</p>	<p>Identificar as Estratégias utilizadas pelo professor.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Conhecimento sobre As Formas e Instrumentos utilizados pelo Professor</b></p>	<p>10-Quais os momentos de avaliação utilizados pelo professor?</p> <p>11-Quais os instrumentos mais utilizados para avaliar os alunos?</p> <p>12-O professor adéqua os instrumentos de acordo com os objectivos a desenvolver?</p> <p>13-O Professor utiliza várias formas e instrumentos de avaliação para melhorar o desempenho do aluno?</p> <p>14-O Professor utiliza recursos tecnológicos, disponíveis na Escola, como instrumento de</p>	<p>Verificar a prática avaliativa do professor (a) em sala de aula.</p>

<b>Modalidades de Avaliação</b>	<b>Aprendizagem e Avaliação?</b> 15- O professor utiliza a auto-avaliação? Com que frequência? 16- Os alunos são informados sobre a importância da auto-avaliação?	
	17- O Professor utiliza regularmente a avaliação diagnóstica? Em que momento e como? 18- Com que frequência o professor utiliza a avaliação Formativa? 19- Como procede o professor em relação a Avaliação Somativa?	<b>Verificar informações sobre as modalidades abordadas</b>

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Macapá. 14 de junho de 2009

A Sr<sup>a</sup> Gestora  
Gene Favacho

Por ocasião de minha pesquisa como mestranda do Programa de Pós Graduação em Avaliação Educacional, solicito a sua autorização para realizar nesta conceituada o Projeto de Pesquisa intitulado: Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: um estudo com os alunos do ensino médio, que tem como objetivo: investigar as forma e instrumentos de avaliação desenvolvidos pelos professores do 3º ano do ensino médio, na referida escola.

Entretanto, serão resguardados o sigilo dos dados obtidos e o anonimato dos participantes da pesquisa. Sendo que qualquer esclarecimento poderá ser obtido com a pesquisadora.

Acreditamos que esta pesquisa será de grande valia para a escola, no sentido de traçarmos o perfil da instituição e começarmos a refletir sobre nossas práxis pedagógicas.

Na certeza de contar com a sua compreensão e cooperação, agradecemos antecipadamente.

Cordiais Saudações

---

Jovelina Barros dos Santos

Autorização Concedida:

Assinatura da Gestora: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Macapá, 14 de junho de 2009

Caro (a) Professor (a) Coordenado (a)

Por ocasião de minha pesquisa como mestranda do Programa de Pós Graduação em Avaliação Educacional, na Universidade de Evora em Portugal, soicitamos a sua autorização e participação no Projeto de Pesquisa intitulado Formas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem: um estudo com os alunos do ensino médio, que tem como oôjetivo investigar as forma e instrumentos de avaliação desenvolvidos pelos professores do 3º ano do ensino médio, na referida escola.

Entretanto, serão resguardados o sigilo dos dados obtidos e o anonimato dos participantes da pesquisa. Sendo que qualquer esclarecimento poderá ser obtido com a pesquisadora.

Acreditamos que esta pesquisa será de grande valia para a escola, no sentido de traçarmos o perfil da instituição e melhor refletirmos sobre nossas práxis pedagógicas.

Para tanto, convido a participar de uma entrevista, que são procedimentos utilizados na referida investigação.

No entanto, serão resguardados o sigilo dos dados obtidos e o anonimato dos participantes da pesquisa. Sendo que qualquer esclarecimento poderá ser obtido com a própria pesquisadora.

Na certeza de contar com a sua compreensão e valiosa cooperação, agradecemos antecipadamente.

Cordiais Saudações

---

Jovelina Barros dos Santos

Autorização Concedida:

Assinatura do (a) Professor ou Coordenador (a): \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_